

DANIELLA ROSITO MICHELENA MUNHOZ

**“GRAFFITI: UMA ETNOGRAFIA
DOS ATORES DA ESCRITA URBANA
DE CURITIBA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Selma Baptista

CURITIBA

2003

“Todo mundo que escreve sobre graffiti acaba tentando rotular o que é. É melhor não escrever nada. Qualquer forma de tentar definir graffiti seria uma limitação. Graffiti é uma forma de expressão livre. Não vamos prendê-la com palavras.”

Escritor urbano, anônimo.

DEDICATÓRIA

Para Paulo com todo meu amor
e nosso pequenino que chegará em breve.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Paraná pela nova acolhida, doze anos após a conclusão de meu curso de graduação; ao PPGAS por ter viabilizado meu contato com uma disciplina tão fascinante como a Antropologia; aos funcionários do departamento de Antropologia; aos colegas que muito colaboraram, trocando idéias e visualizando sempre novas relações entre meus dados de campo e os referenciais da disciplina; aos professores que indicaram os caminhos teóricos e me possibilitaram observar as relações humanas através de um novo olhar.

Agradeço ao professor Marcos Napolitano e à professora Christine de Alencar Chaves pelas ricas orientações na banca de qualificação.

Agradeço também a meus colegas, professores e coordenadores, do Curso de Design da Tuiuti, que sempre compreenderam as limitações de tempo e dedicação que a realização de uma dissertação de mestrado causa às outras atividades a que nos dedicamos.

Agradeço aos meus alunos que abriram caminhos e forneceram material para minha aproximação com a cultura de rua de Curitiba. Em especial à Indianara Barros que me acompanhou no primeiro contato com o Cimples, um grande informante e ótima pessoa a quem devo muito do que aprendi sobre grafite. Agradeço muitíssimo a todos os escritores de grafite com os quais conversei, por sua paciência e vontade de falar sobre sua arte e sua paixão – o grafite.

Agradeço a meus familiares e amigos, que compreenderam todas as ausências ao longo dos últimos 30 meses. Em especial àqueles mais próximos - marido, pais, irmãos, cunhadas, sobrinhas e amigas (irmãs de coração) - que mais escutaram a palavra “mestrado” como desculpa neste período.

Em especial, agradeço, do fundo do coração, a Selma Baptista, por suas orientações que, inúmeras vezes, me tiraram das trevas e iluminaram o caminho. Principalmente por seu carinho e amizade que vão muito além da simples orientação acadêmica.

SUMÁRIO

	LISTA DE ILUSTRAÇÕES	
	RESUMO	
	ABSTRACT	
	APRESENTAÇÃO	1
	O ENCONTRO COM A ANTROPOLOGIA	1
	INTRODUÇÃO	3
	O ENCONTRO DE GRAFFITI 2003 – ARAUCÁRIA/PR	3
	UM OLHAR SOBRE CURITIBA	12
	O CONTATO COM OS ESCRITORES URBANOS DE CURITIBA	16
	A FORMA DE ABORDAGEM	22
	A QUESTÃO ENGLOBANTE	25
	O REFERENCIAL TEÓRICO	28
	A ESTRUTURA DO TEXTO	31
1	A CULTURA DE RUA	35
	IDENTIDADES NA ARTICULAÇÃO VIRTUAL/REAL E GLOBAL/LOCAL	36
	CONSUMO CULTURAL	43
	BENS DE CONSUMO GLOBALIZADOS E DIVULGAÇÃO DOS VALORES DOMINANTES	46
	RESISTÊNCIA DO LOCAL (HIBRIDISMO E TRADUÇÃO CULTURAL)	51
	SITUAÇÕES CONTRADITÓRIAS NOS CENTROS DOMINANTES	54
	CONTATO COM A RUA	57
	ESCRITA URBANA	61
	TENSÕES DA ESCRITA URBANA	78
2	A SEDUÇÃO DO GRAFITE	86
	OS ESCRITORES URBANOS: TRAJETOS E TRAJETÓRIAS	87
	O GRAFITE COMO (DES)ORGANIZAÇÃO E COMO MANIFESTAÇÃO (A)POLÍTICA	99

	OS ESTILOS, OS MATERIAIS e AS TÉCNICAS	109
	OS CADERNOS COMPARTILHADOS.....	113
	AS ASSINATURAS E AS <i>CREWS</i>	117
	OS ROLÊS.....	120
3	RELAÇÕES EXTERNAS E RELAÇÕES INTERNAS DO GRAFITE	127
	GRAFITE E PICHANÇA, ALGUMAS PINCELADAS HISTÓRICAS.....	128
	A APROXIMAÇÃO COM AS ARTES PLÁSTICAS	132
	OS SUPORTES: OS DESENHOS NOS MUROS E NOS TRENS	134
	AS REPERCUSSÕES (polícia, justiça, sociedade, família, governo, mercado, mídia).....	136
	NOVAMENTE A DICOTOMIA GRAFITE E PICHANÇA	143
	RELAÇÕES INTERNAS: AS FOTOGRAFIAS, OS ZINES E A INTERNET.....	145
	CONCLUSÃO	153
	REFERÊNCIAS	160
	ANEXOS	164

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

01 - Muro próximo ao SESC da esquina, Curitiba, 2002 (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	2
02 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Exemplo de pintura. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz).....	4
03 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Exemplo de integração entre os desenhos. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz).....	4
04 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Grupo de rapazes (e uma moça) assistindo a execução das pinturas. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	4
05 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Escritor executando uma pintura. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	4
06 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Vários escritores pichando o caminhão já em movimento. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	9
07 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Policial acompanha a pé a saída do caminhão. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	9
08 – Painel de Poty Lazzarotto no centro da cidade, próximo a catedral. (Fotografia: Adalberto Camargo)	14
09 – Travessa da Lapa. Curitiba, 07/01/2003. Ever, Bolacha, Ângelo (de costas) e Stefano (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz).....	16
10 – Grafite solicitado pelo morador da casa. Próximo ao Supermercado Angeloni, Curitiba, 2002. Bolacha da Lustres Crew. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)..	62
11 – Rua Muricy esquina com Augusto Stelfeld. Curitiba, 2002. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	62
12 – Rua Treze de Maio, Curitiba, 2001. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz).....	62
13 – Tag no Bairro das Mercês, Curitiba, 2001. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	62
14 – Postal do projeto Gestalt. Curitiba, 2003. (Material de divulgação)	74
15 - Muro Próximo ao Shopping Curitiba, Curitiba. Cimples e Ments. (Fotografia: Paulo Munhoz)	91
16 - Travessa da Lapa, Curitiba. Note. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz).	91
17 - Rua Padre Agostinho, Curitiba, 2002. Ments e Devis. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz).....	102
18 - Pintura dos Gêmeos, São Paulo. (Fotografia: Autor desconhecido).....	102
19 - Pintura dos Gêmeos, São Paulo. (Fotografia: Autor desconhecido).....	102
20 – Exemplo de pichação (Fotografia: Zine Destrói n.9)	103
21 – Muro na Av. Água Verde, Curitiba, 2001. Produção de diversos autores. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz).....	104

22 - Travessa da Lapa, Curitiba. Bonecos gigantes. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	107
23 - Travessa da Lapa, Curitiba. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	107
24 - Detalhe de pintura. Dose. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	110
25 - Pintura inacabada. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)..	110
26 – Mochila e materiais. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	110
27 – Caderno do Onesto (Fotografia: Revista Graffiti n.9)	114
28 – Caderno do Nós (Fotografia: Revista Graffiti n.9)	114
29 – Ônibus, Curitiba, 2001. Note. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	135
30 – Trem, Curitiba. Note. (Fotografia: Zine Destrói n.9)	135
31 – Muro de escola. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	139
32 – Purungo, Curitiba. Oficina de grafite. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	139
33 - Purungo, Curitiba. Alunos pintando. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	139
34 - Purungo, Curitiba. Alunos pintando. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	139
35 - Purungo, Curitiba. Alunos pintando. (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	139
36 – Muro com pintura representando o Hip-Hop (Fotografia: Daniella Michelena Munhoz)	145

RESUMO

Esta dissertação apresenta um panorama da escrita urbana de Curitiba, através da realização de uma etnografia dos escritores de grafite da cidade. Inicialmente expõe de que maneira uma manifestação global surge e se estabelece no espaço da cidade. Na seqüência, mostra como essa manifestação envolve os atores locais, permitindo que os jovens da cidade construam uma identidade vinculados a um referencial simbólico específico. Posteriormente, observa as repercussões do grafite sobre as pessoas em geral. Finaliza com a visualização de como um fenômeno global se reproduz localmente e se virtualiza, realimentando o sistema de bens de consumo cultural que viabiliza sua existência.

ABSTRACT

This dissertation presents a panorama of the Curitiba's urban writ, through a graffiti writer's ethnography. It shows how a global manifestation appear and grow up in the city. And then, shows how a relationship between local actors and the graffiti, permits to the young people build its identity with an specific symbolical reference. This work observe the common people reactions about the painted/writed Curitiba walls. Finaly this paper shows how a global phenomena multiplication works locally and how its virtualization occurs, feedbacking the symbolical market resource and reason of the graffiti phenomena.

VOCABULÁRIO:

OBS. Termos extraídos do site Escita urbana, com descrição segundo as palavras dos próprios escritores urbanos.

WRITER:

Grafitador, praticante da arte do graffiti, escritor urbano.

CREW:

Grupo de *writers*.

PRODUÇÃO:

Graffiti feito por vários *writers*.

PEACE:

Graffiti feito por um *writer*, onde se usa mais de 3 cores.

BOMB:

Graffiti rápido ou ilegal, geralmente feito a noite. Pode ser feito nos lugares de difícil alcance para se fazer um *peace*.

THROW-UP:

Vômito, estilo simples de letra, usado nos *bombs*. Geralmente feito em duas cores. As letras gordas, em forma de bolhas, são conhecidas como *bubble letters*.

TAG:

O básico de graffiti, a assinatura do *writer*. Logotipo. Geralmente são feitos com marcadores, mas também podem ser feitos com *spray*.

TAG RETO:

Chamada também pichação. Tipo de assinatura, criada em São Paulo.



TAGER:

Que não é *writer*, que nunca fez um *piece*... só fazem assinaturas. Pichadores também são chamados *scribblers*.

TOY:

Writer inexperiente ou que copia os graffiti dos outros. Uma definição antiga de "TOYS" "Trouble On Yous System", ou seja, roubam seu esquema.

ALL CITY:

É considerado aquele que escreve por toda cidade, ou pelo país. Pode se referir a um *writer* individualmente ou uma *crew*. Além de escrever por tudo, tem que fazer todo tipo de escrita (*piece*, *bomb*, *tag*) e em todo tipo e local (muro, trens...).

ATROPELAR:

Pintar sobre o desenho de outro.

CHARACTER:

Boneco, desenho no qual se representa um ser vivo, podendo ser humano ou não, KARAK.

STICKERS/ETIQUETAS

Forma de bombear os lugares públicos, onde seria muito flagrante usar um marcador. Usa-se então adesivos.

FIG.01 - Muro próximo ao SESC da Esquina, Curitiba, 2002.

APRESENTAÇÃO

O ENCONTRO COM A ANTROPOLOGIA

Venho de uma área diferente das Ciências Sociais, tenho formação em *design*. O *design* é uma disciplina de fronteiras híbridas. No universo acadêmico, ele é por vezes inserido no contexto das Ciências Humanas, como é o caso da Universidade Federal do Paraná, onde me graduei em Comunicação Visual. Ou pode ser inserido no âmbito das Ciências Exatas, como é o caso da Universidade Tuiuti do Paraná, onde leciono. É uma disciplina que faz a interface entre produtos e usuários, utiliza aparatos tecnológicos e comunicativos pensando em seu manejo pelas pessoas. O *design* é uma atividade projetual, ele se preocupa em identificar e solucionar problemas dados pelo contexto onde está inserido, ou seja, procura atender à demanda de uma clientela. Estas peculiaridades predispõem o *designer* à criação, desenvolvimento e execução de produtos ¹, e, como consequência disto, ele é levado a priorizar a ação/produção, visando conceituar suas peças sob os aspectos práticos, estéticos e simbólicos em consonância com o contexto que o envolve.

Optei por iniciar este texto por uma apresentação biográfica por dois motivos. O primeiro, para de antemão justificar minha relativa timidez com relação à antropologia. O segundo motivo é importante na medida em que utilizei minha biografia como forma de aproximação e contato com o campo.

¹ Vale aqui exemplificar estes produtos que abrangem a comunicação visual, os produtos industriais e a moda: No âmbito do *design* gráfico podemos relacionar os sistemas de informações visuais; as sinalizações; a produção de embalagens; as identidades visuais de eventos e empresas (ou seja, marcas, logotipos e suas aplicações); a produção de materiais gráficos (como cartazes, folhetos, capas de cds, etc.); o ramo editorial (com a diagramação de livros, revistas e jornais); e a aproximação com as áreas do audiovisual, da imagem sequencial e interativas (através do cinema, histórias em quadrinhos, multimídia e internet). No âmbito do *design* de produto podemos relacionar o desenvolvimento de produtos nos mais diversos campos da indústria como: produtos eletro-eletrônicos; nas áreas de metal-mecânica e de plásticos; em máquinas e equipamentos agrícolas e médico-hospitalares; na indústria automobilística; no ramo mobiliário e de objetos de decoração; enfim toda gama de artefatos, utensílios, ferramentas e objetos que o homem manipula. E no âmbito do *design* de moda podemos relacionar: o vestuário e seus acessórios; o ramo de calçados; uniformes; o universo da moda propriamente dita (*fashion*); e na pesquisa e desenvolvimento de tecnologias e produtos relacionados à indústria têxtil.

Formada em um universo eminentemente visual, minha aproximação com a antropologia também se baliza neste referencial. Ao propor um projeto de pesquisa para o mestrado em Antropologia Social no PPGAS da UFPR, busquei no ambiente visual da cidade meu objeto de estudo. A comunicação visual urbana sempre me chamou atenção, das fachadas e sinalizações à interferência espontânea que surge pelos muros da cidade conhecida por grafite. Esta interferência urbana, muito controversa, é denominada por seus atores como escrita urbana ² e engloba as nomenclaturas: grafite e pichação. O *graffiti* ³ é o objeto de estudo escolhido, entretanto ele está sempre vinculado a pichação, portanto a dissertação trata da escrita urbana de forma geral com uma ênfase especial ao grafite. Este trabalho procurou, portanto, conhecer este aspecto da visualidade urbana da cidade de Curitiba, através do contato com seus atores e pelas observação e análise das diversas relações que esta atividade promove e comporta.

² O termo *escrita urbana* vem do próprio vocabulário de seus atores. Estes atores se denominam *graffiti writers* ou escritores de grafite e chamam a atividade de escrita urbana.

³ *Graffiti* é a forma mais comum de encontrarmos este termo grafado pelos atores que o praticam. Esta grafia é adotada universalmente, ou seja tanto os atores brasileiros como nos demais países usam o termo na forma *graffiti*. No meu texto optei por usar a palavra na sua escrita em português *grafite*. Porém vale assinalar que a palavra grafite em português faz referências a coisas que não fazem parte do universo que estou pesquisando, como por exemplo a indústria que trabalha com o minério grafite. Assim, neste texto a palavra grafite tem o único objetivo de se referir ao fenômeno urbano conhecido por *graffiti*.

INTRODUÇÃO

O ENCONTRO DE GRAFFITI 2003 – ARAUCÁRIA/PR

GAZETA DO POVO, sexta-feira, 25 de julho de 2003.

FUN - Caderno Jovem | Grafite: Arte proibida (por João Rodrigo Maroni)

“Presentes na cultura e na paisagem urbana, o grafite e a pichação divulgam no concreto da cidade uma enorme variedade de nomes, grupos e ideologias. Apesar de agirem ‘na moita’, esses artistas contemporâneos estão em maior número do que podemos imaginar. Uma prova disso é o Encontro Graffiti 2003, que acontece amanhã e domingo, em Araucária, para reunir pichadores e grafiteiros de todo o estado.”

•

Ao saber do evento citado, me preparei para agir, ou melhor, observar.

Saí de Curitiba rumo a região metropolitana no sábado às 9 horas da manhã, o horário do evento não tinha sido divulgado. Tive problemas em encontrar o local, pois todas as referências de localização eram exclusivamente para quem ia de ônibus. Encontrei o grande muro de tijolinhos com vários escritores pintando às 11 horas. Estacionei ali por perto e desci do carro. Era um muro de esquina e tinha mais de 200 metros, mas não era muito alto. Os espaços já haviam sido divididos e estavam sendo pintados por uns 50 rapazes. Todos os que pintavam eram homens, outras pessoas estavam sentadas ou circulando pelo local, observando as pinturas que iam sendo construídas entre pinceladas, rolinhos e jatos de tinta colorida. A maioria deles parecia ser menor de idade e umas poucas meninas acompanhavam o grupo de observadores. Eu conhecia somente dois participantes um pouco mais velhos que a maioria. Conversei com eles e fiquei por ali, indo e vindo lentamente, observando não só os movimentos e

as conversas, como também, as pinturas. Dos mais de 20 desenhos que se configuravam no muro, pelo menos uma meia dúzia apresentava alta qualidade técnica e estética, com desenhos bem elaborados, harmonia nas cores, boa utilização dos recursos materiais. Em contrapartida, uns outros demonstravam grande falta de habilidade de seus realizadores.



FIG.02 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Exemplo de pintura.



FIG.03 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Exemplo de integração entre os desenhos.



FIG.04 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Grupo de rapazes (e uma moça) assistindo a execução das pinturas.



FIG.05 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Escritor executando uma pintura.

Fiz algumas abordagens na tentativa de articular conversas. Estas conversas foram pouco produtivas, pois a observação e os comentários sobre os trabalhos que eram realizados pareciam ser mais interessantes. O teor das conversas entre os participantes do evento tinha relação com as pinturas, surgiam comentários sobre o que um e outro estavam pintando, alguns materiais eram emprestados, trocavam-se idéias sobre os desenhos, pensava-se na integração entre as pinturas vizinhas. Tudo transcorria com calma e tranqüilidade. Com o passar do tempo, alguns rapazes iam terminando suas pinturas, os “trampos” como eles dizem, e o grupo de pessoas circulando crescia.

Naquele contexto a minha figura destoava, neste grupo formado em sua maioria por jovens masculinos, uma mulher de mais de 30 anos era de fato estranha. Outras pessoas, transeuntes, também paravam para olhar, faziam perguntas, questionavam os rapazes, mas logo saiam, mas eu continuava a observar e a circular. Acompanhei uma conversa entre uma senhora e um rapaz. Ela perguntou algo como: “- Por que vocês fazem isto?”, o rapaz respondeu: “- Para me expressar.”, ela replicou dizendo, “- Na sua casa você também pinta nas paredes?”, ele respondeu que sim e perguntou se ela gostava de arte, ela disse então: “- Arte pra mim fica em uma tela e não sujando as paredes, mas cada um sabe da sua vida.”, no final da conversa ela não parecia muito conformada com aquele tipo de pintura e de conversa. De minha parte, abordei alguns rapazes que faziam um belo desenho, me apresentei como *designer* e professora. Um deles comentou: “- Um dia eu também quero ser *designer* ou talvez publicitário.”. Mas, como já disse, estas conversas não iam longe, a observação era mais atraente. Pedi para fotografar alguns trabalhos, não houve restrições, alguns até se prontificaram a aparecer na foto, trabalhando em suas pinturas. Fui abordada apenas uma vez, por um jovem do grupo que observava, ele me perguntou: “- A senhora é dona do muro?”, eu respondi que não, disse que estava só olhando. E assim o evento transcorria com tranquilidade, até que, algumas movimentações diferentes se iniciaram.

Eram umas 13 horas. Entre os rapazes que estavam circulando, alguns já haviam terminado seus desenhos e outros que estavam sem tinta suficiente para as pinturas, começaram a pichar um bar próximo ao muro liberado. Primeiro, um dos rapazes atravessou a pequena rua secundária que separava o muro do bar e fez um *tag*⁴, depois veio um segundo, depois um terceiro, mais um e outro se revezando. Ninguém apareceu para reclamar, pois eles estavam pichando na face lateral do bar. Em seguida eles passaram a subir nos ombros dos colegas para pintarem mais no alto da parede do bar,

⁴ *Tags* são as assinaturas dos escritores, são monocromáticas e feitas rapidamente. As *tags* são normalmente classificadas como pichação.

neste momento já haviam muitos pintando simultaneamente. Na seqüência, subiram na caixa d'água e chegaram a derrubar algumas telhas, houve barulho, mas, estranhamente, ninguém saiu para reclamar e o grupo de pichadores acabou se dispersando. Em 15 ou 20 minutos o bar estava todo pichado, com as assinaturas dos rapazes que, momentos antes, estavam apenas circulando e olhando.

A partir daí, o ritmo lento das pinturas elaboradas, das conversas calmas, das trocas, deu lugar a um clima agitado, dos rabiscos furtivos, das opiniões contraditórias. Existia a expectativa de uma represália por parte do dono do bar que, certamente, ocorreria. A tranqüilidade foi quebrada, o êxtase tomou conta, uma agitação envolveu a todos, houve uma euforia coletiva. A noção de tempo se alterou, a harmonia foi rompida, a integração foi substituída pela divergência. Durante o período da pichação do bar, aqueles que estavam pintando no muro liberado também se agitaram. Muitas foram os comentários feitos. Uns achavam "bacana" e queriam se incorporar ao grupo que estava pichando e eram desincentivados por aqueles que não estavam gostando da situação. Os comentários foram surgindo nestes minutos em que a movimentação estava mais quente. Alguns diziam: "- Os caras tão descontrolados." Outros diziam: "- Vamos lá também." A pichação começou a mexer com todos ali em volta, um clima de tensão surgiu. Mas, apesar de tudo, uns poucos se mantinham concentrados em suas pinturas sem fazer comentários. O Cimples, meu principal informante, estava lá e tinha sido o articulador do evento, conseguindo o muro e divulgando o encontro. Neste momento ele se virou pra mim e disse: "- Estes são os covardes, assim em bando é muito fácil pichar." Da mesma maneira que falava para outros rapazes a sua volta que o chamavam para participar da pichação, dizendo: "- Isso que eles estão fazendo não tem graça, é coisa de criança, minha sobrinha de 4 anos pode fazer o mesmo.", "- Mas eles tão pintando lá no alto, veja!", replicavam, "- Não interessa se é no alto, pichar em bando é muito fácil, é covardia.", reforçava ele.

Apesar das opiniões divergentes, ninguém tomou a iniciativa de interromper pacificamente aquela situação. Ninguém se manifestou no sentido de conversar com aqueles rapazes, repreender a ação, dizendo que aquela atitude poderia trazer problemas e até estragar o evento. Tudo corria segundo a vontade de cada um, ninguém tomou a liderança nem da pichação, nem da ação de impedi-la, nem tão pouco os autores da pichação foram delatados, ou houve represália direta aos pichadores.

Depois disso saiu um senhor do bar esbravejando. Ele gritava algo como: “- Quem é o responsável por isso?”, “- Quem vai arcar com o prejuízo?” Se dirigiu àqueles que estavam trabalhando em suas pinturas dizendo: “- Vocês vão ter que pagar por isto.” E estes, que de fato não participaram da pichação, responderam: “- O senhor viu quem fez isto? O senhor tem que ver quem foi e delatar.” Mas ninguém apontou os autores da pichação. Este bate-boca não foi muito longo, provavelmente este senhor havia chamado a polícia antes de sair para reclamar. Continuei circulando, segui para os pontos no muro mais distante do bar, onde também haviam comentários, como: “- Deviam denunciar estes caras.” Alguns perguntavam: “- Quem são os caras da opa crew ⁵.” Estes comentários eram indiretos, as reclamações ocorriam em paralelo, ninguém parece ter falado diretamente com os autores da pichação, que continuavam por ali circulando.

Neste momento em que eu havia me distanciado do bar, chega um carro da polícia. Vindo pela estrada, entrando na via marginal onde estavam acontecendo as pinturas. Acompanhei a pé o carro que parou próximo ao bar. Os policiais desceram e fizeram algumas perguntas, neste momento não havia uma postura agressiva. Os guardas perguntaram para o grupo que estava parado em frente às suas pinturas. “- Vocês tem autorização?” A resposta foi: “- Claro, saiu até no jornal.” Os guardas então disseram: “- Este grafite aqui tudo bem, mas e a pichação ali?”. Para este

⁵ Crew é o termo usado referindo-se ao grupo de grafiteiros e/ou pichadores.

questionamento não houve uma resposta. Na seqüência os guardas queriam saber quem era o responsável pelo evento. A resposta era que não havia um responsável, e todos estavam ali por vontade própria. O guarda se dirigiu a mim e perguntou: “- Você é a responsável?” Eu respondi que não. ⁶ Esta pergunta foi direcionada a quem mais estava por ali, mas tudo com tranqüilidade. Como não houve resposta, o anonimato dos promotores do evento foi mantido. Então os guardas começaram a circular e observar o que ocorria. Neste momento o Cimples me abordou curioso para saber o que os policiais tinham me perguntado. Ao saber que eu não havia dito nada e que se fosse questionada diria que estava ali a partir de uma matéria no jornal, ele me disse que aquela era a postura correta, pois tal tipo de evento não tinha um organizador de fato, ele somente havia feito a divulgação, mas nem conhecia todos os participantes, e que o evento acontecia por si e cada um estava ali espontaneamente.

Até este momento tudo era previsível, mesmo a pichação era de se esperar, pois dezenas de jovens reunidos com canetões e latas de *spay* na mão, fatalmente fariam alguma pichação. Aparentemente tudo estava esfriando, quando então, surgiu um caminhão. Este sim, um fator inesperado!

Eram quase 14 horas quando um novo burburinho começou, uns gritavam eufóricos: “- Olha lá, os caras tão pintando aquele caminhão que parou ali.” E outros completavam: “- O motorista deixou eles pintarem, vamos lá também.”, “- Cadê a máquina fotográfica, vamos tirar umas fotos.” Alguns faziam especulações dizendo que o caminhão deveria estar em situação ilegal, como justificativa para o motorista ter permitido que ele fosse pichado. Quando eu vi o caminhão, havia uma dezena de rapazes sobre ele, havia pinturas por todos os lados, até no parabrisa frontal. A partir daquele tumulto as coisas começaram a ficar confusas. As informações vinham de boca em boca

⁶ Neste momento, caso os policiais tivessem me perguntado se eu reconheceria os autores da pichação, minha resposta seria não, justificada pelo tumulto que tinha ocorrido. Mas na verdade era possível identificar alguns destes autores.

e não era mais possível acompanhar tudo o que acontecia, uma nova euforia havia tomado conta do grupo.



FIG.06 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Vários escritores pichando o caminhão já em movimento.



FIG.07 – Encontro Graffiti 2003, Araucária, 26/07/2003. Policial acompanha a pé a saída do caminhão.

Durante o tempo em que o caminhão foi sendo pintado, a polícia, que não havia saído do local, foi interromper o vandalismo com arma em punho, segundo os comentários. Quando o motorista confirmou aos guardas, que havia liberado o caminhão para a pintura, a ação da polícia foi interrompida, e os policiais ficaram olhando a agitação sem interferir até a saída do caminhão, que partiu buzinando para os rapazes. Daí pra frente, com a desmoralização da polícia, a história começou a mudar. Logo após a saída do caminhão, no êxtase total do grupo, um guarda foi se aproximando com um tom de voz bastante agressivo, ele gritava: “- Cadê o riscado?”, “- Que riscado?”, alguém perguntou, o policial respondeu: “- Eu quero ver a autorização por escrito, se não tiver por escrito, pra mim isso aqui não é grafite, é pichação.” Então ele começou a chutar com violência umas latas de tinta, e quem estava por perto começou a reunir suas coisas para sair do local. Neste momento eu estava a menos de 20 metros do policial. Para minha sorte uma jamanta parou entre o guarda e eu, e, então, aproveitei para entrar em meu carro que estava estacionado ali, e saí por uma rua lateral. Ao pegar a estrada vi dezenas de rapazes sentados lado a lado, alinhados pelos policiais. Tomei o rumo de

Curitiba e soube do final dos acontecimentos através de *e-mails* e de *blogs*⁷ que os rapazes mantêm na internet.

Fiquei sabendo que, durante essa abordagem mais agressiva dos guardas, alguns rapazes picharam o carro da polícia. Mais uma grande provocação aos policiais. Segundo os diários que li, a situação depois ficou bem mais grave. Os policiais então iniciaram sua represália, foram segurando todos, paravam os ônibus de linha e faziam os rapazes descerem e iam prendendo um a um, foram também aos bares próximos ao local e pegaram aqueles que tentaram escapar se passando por consumidores. Foram mais de 50 detidos, destes parece que 48 eram menores. Todos foram para a delegacia e ficaram mais de uma hora ajoelhados contando o que ocorrera. Muito material foi apreendido. Os rapazes que picharam o carro da polícia foram identificados e assumiram o fato, disseram que eles foram levados para outra parte da delegacia, mas parece que conseguiram escapar depois. Dos efetivamente detidos, os menores foram levados às 19 horas para a FAS (Fundação da Ação Social), em Curitiba, e tiveram que chamar seus pais para serem liberados, o que parece ter ocorrido por umas 21 horas. Os maiores foram liberados no mesmo dia, e depois foram a julgamento, quatro foram sentenciados a prestar serviços comunitários e outros quatro provavelmente receberiam a mesma sentença.

As repercussões do evento foram muitas. Alguns disseram que este foi um fato marcante, que iria entrar para a história do grafite. As descrições dos fatos na internet foram coerentes com a ordem dos acontecimentos que eu presenciei. A causa da agressividade da polícia foi reconhecida pela ousadia de alguns autores que picharam o carro dos policiais, porém a agressividade em si não foi esquecida. Os culpados pelos tumultos foram apontados, mas não chegaram a ser censurados ou repreendidos. Um se

⁷ *Blogs* são diários publicados na internet. As pessoas escrevem suas rotinas em *sites* que podem ser lidos e comentados por todos.

arrependeu de ter feito pichações no bar. Outro já tratou os fatos mais levemente, omitindo algumas passagens importantes. Um rapaz questionou a organização do evento, através de uma carta direcionada ao Cimples, e este, não teve receio em publicar a crítica que recebeu. Nesta carta, Ciúme diz que um evento tão divulgado como este deveria ter uma organização melhor, com uma relação de nomes das pessoas que iriam pintar por exemplo. Alguns atores acham que bons eventos devem ter também palestras e fóruns de discussão, para promover o crescimento do grafite.

A partir destas considerações podemos ver que o grafite é compreendido e interpretado em diferentes níveis por seus integrantes. Estes atores formam um grupo que é repleto de conflitos internos, e, justamente por conter divergências é que me parece instigante tentar compreendê-los a partir de dentro. Percebo que eles se constituem como um grupo justamente por terem seus conflitos internos, as divergências são inerentes a grupos de afinidade. Assim grafiteiros e pichadores discutem, discordam mas se relacionam como um só grupo.

Enfim, este foi o Encontro Graffiti 2003, ou Encontro de Araucária. Para minha sorte, tive uma oportunidade especial de ver de perto uma diversidade de conflitos que o grafite gera e comporta. Assim, acredito que este acontecimento traz à tona, uma a uma, questões que serão desenvolvidas ao longo do texto.

•

Ao retornar a Curitiba muitos detalhes da escrita urbana local me haviam sido ilustrados e muitos atores tinham ganhado face. Agora poderia olhar com uma atenção diferenciada para a cidade e sua escrita urbana.

UM OLHAR SOBRE CURITIBA

Curitiba é uma cidade amplamente conhecida por suas qualidades urbanísticas que foram construídas juntamente com a imagem de uma cidade modelo. A cidade é comumente representada como um local limpo, de trânsito organizado, decorrente de um projeto urbanístico arrojado e eficiente. A cidade também tem atrelada ao seu nome uma idéia de sustentabilidade e de respeito ao meio ambiente. O moderno, a organização, a limpeza, a criatividade, formam uma imagem da cidade que a projetaram internacionalmente como modelo urbano. Os habitantes de Curitiba reconhecem que muitas inovações aqui surgiram e tiveram resultados positivos, porém sabem que, juntamente com os bons projetos foi construída uma imagem que vai além das obras realizadas. Esta trama fez com que Curitiba acolhesse muitos migrantes. Este fato gerou uma curva de crescimento excepcional e a cidade vem sofrendo as conseqüência de tal inchaço. Hoje, nós, moradores de Curitiba, migrantes ou não, reconhecemos muitos de seus problemas, mas a representação sobre a cidade tem a tendência a evidenciar as qualidades, suprimindo os problemas.

Curitiba está geograficamente situada no sul do Brasil, no primeiro planalto paranaense, limitado pela Serra do Mar e a escarpa Devoniana, a uma latitude de 25°25'48" e longitude WGR de 49°16'15" e a 960 metros do nível do mar. Situada ao sul do Trópico de Capricórnio, é banhada por cinco grandes rios e tem índice pluviométrico de 1400 à 1500 mm por ano, ou seja, Curitiba tem um clima temperado-úmido. É uma cidade que difere dos referenciais tropicais da maioria do território brasileiro. A temperatura média é de 22 graus centígrados e em dois meses no ano apresenta temperatura com média inferior a 10 graus. Juntamente com Porto Alegre é uma das capitais mais frias do país. Sua topografia é suavemente ondulada com colinas e topos arredondados, a região norte da cidade contém os pontos mais altos e um relevo mais acidentado, sendo a parte sul mais baixa e plana.

Curitiba teve um desenvolvimento tardio, cidade de mais de trezentos anos, fundada ainda no século XVII, teve intenso crescimento em dois momentos: primeiro, com a chegada dos imigrantes europeus que ocorreu em 1870 e modernamente, após 1950, com a industrialização. Inicialmente a vila era pouso para quem procurava ouro na região, empreendimento que teve pouco êxito deixando a região estagnada. Depois ganhou um impulso comercial como parada dos tropeiros que seguiam o Caminho do Viamão, e, mais tarde, foi centro explorador, beneficiador e exportador de erva-mate e madeira. Modernamente cresce com a industrialização.

Período:	População/ Habitantes:	Observações:
Século XVII	-	1693 - Fundada a Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais.
Século XVIII (1721)	1.400	Agricultura de subsistência e criação de gado.
Século XIX (início)	6.000	Tropeirismo – Caminho de Viamão, implementação do comércio. 1842 – Elevada a categoria de cidade. 1854 – Declarada capital da província (308 casas / 5.819 habitantes). 1855 – Regularização urbana, construção de escolas, clubes, jornal, etc.
Século XIX (fim)	40.000	1872/78 - Chegada de imigrantes europeus (italianos, franceses, poloneses, alemães, ucranianos, austríacos, suecos, suíços, ingleses, russos-alemães, espanhóis, belgas). Crescimento dos bairros, incremento de tecnologia agrícola e técnicas de construção. 1885 - Inauguração da estrada de ferro Curitiba - Paranaguá. Enriquecimento com exportação de erva-mate e madeira. 1888 - Indústria Gráfica.
Século XX (1900)	50.000	1905 - Chegada da luz elétrica.
Século XX (1910)	55.000	1912 - Criada a primeira Universidade Brasileira, a UFPR.
Século XX (1920)	79.000	Chegada de novos imigrantes (japoneses, árabes, etc.).
Século XX (1930)	93.000	
Século XX (1940)	150.000	1943 - Plano Agache – primeiro plano urbanístico e de infra-estrutura. Criação da zona industrial.
Século XX (1950)	320.000	Criação de fábricas (ex. Volvo), ônibus urbano.
Século XX (1960)	430.000	1964 - Plano urbanístico – Gestão do prefeito Ivo Arzua.
Século XX (1970)	609.000	1974 - Implantado o ônibus expresso em vias especiais, as canaletas. Criação de parques.
Século XX (1980)	900.000	1989 - Separação do lixo. Adotou o título de "Capital ecológica".
Século XX (1990)	1.400.000	Metrô de superfície, estações tubo e ônibus bi-articulado.
Século XXI	2.000.000	Adotou o título de "Capital social".

Hoje com uma população de quase 2 milhões de pessoas, Curitiba é considerada a sexta maior cidade do Brasil, preservando ainda 26 áreas verdes com 22 milhões de metros quadrados. Arquitetonicamente tem regiões residenciais, onde as casas de alvenaria com esquadrias de ferro ou alumínio e têm muros e grades cercando seus terrenos. Recentemente surgem muitos sobrados geminados, apontando para um novo tipo de aproveitamento do solo urbano. Existem também regiões de prédios gerando bairros de maior densidade demográfica. Os prédios comerciais seguem características

semelhantes, muitos ocupando antigos imóveis residenciais. Vários bairros foram criados por imigrantes e preservam características de seus colonizadores (italianos, ucranianos, alemães, japoneses, árabes, poloneses, etc.). Encontramos templos para todas as crenças: igrejas, mesquitas, sinagogas, terreiros, etc. O centro histórico, região mais antiga da cidade, tem na arquitetura eclética do século XIX seus exemplares conservados por espaços culturais e bares. Os cafés centrais ainda preservam o espaço da conversa no calçadão, a chamada “Boca Maldita” mantém vivo o centro da cidade até nos finais de semana. A região industrial conta com grandes empresas espalhadas em enormes terrenos que são também cercados por aglomerações de moradias improvisadas, totalmente desprovidas de infra-estrutura, que se formam às margens dos rios já bastante poluídos. O sistema de ônibus, seus terminais, as ruas da cidadania, os faróis do saber, as ciclovias, os postos de saúde, os SIATES e CEI (Centros de Educação Integrada) são boas iniciativas públicas mas que, pelo que se observa, não dão conta de atender a totalidade da população. Os parques são as áreas de lazer de muitos curitibanos, bem como os restaurantes, bares, *shoppings* e centros comerciais. Curitiba também pode ser vista como uma “Cidade Mural”, pois seus prédios mais importantes contam com a arte mural de Poty Lazzarotto. O grande muralista desenvolveu inúmeros monumentos em concreto e cerâmica nas fachadas de obras como o Teatro Guaira, o prédio da Telepar, a praça 29 de março e a praça 19 de dezembro, fragmentos da história do Paraná, narrados pelas imagens reproduzidas nas paredes destas obras.



FIG.08 – Painel de Poty Lazzarotto localizado no centro de Curitiba, próximo a catedral.

Este olhar sobre Curitiba, sobre os traços da história e de sua elaborada imagem constroem a representação simbólica de uma cidade tida como exemplar. Esta visão foi comentada pelo cineasta Francis Ford Coppola que visitou recentemente Curitiba, com o intuito de conhecer cidades modelos para a pesquisa de seu próximo filme Megalópolis. O cineasta, em entrevista a um jornal local, confirmou as representações sobre a cidade: “Estou tendo ótimos dias em Curitiba. Tudo parece muito justo aqui. Eu sempre achei que a melhor maneira de se conhecer uma cidade era ser parte dela. Então, andei de ônibus nos mais variados horários, descii a serra de trem. ... Eu me impressionei com o planejamento urbano feito pelo Jaime Lerner e seus jovens arquitetos.”, a matéria continua: “Mas, na visão do cineasta, nem tudo são flores na capital paranaense. As pichações nos muros da cidade e a poluição sonora atrapalham um pouco o conceito de ‘perfeição’ até então visto por ele.”⁸ Nesta matéria Coppola reforça o discurso da cidade e aponta para nosso objeto de estudo como um fator destoante nesta imagem idealizada da cidade modelo.

Seguiremos agora este olhar que visitantes e moradores deitam sobre a questão da escrita urbana. O universo da escrita urbana baseia-se em ações que emergem de grupos urbanos, à revelia da ordem local estabelecida. Inicialmente podemos apontar alguns fatores gerais sobre o grafite e a pichação: Primeiro, a escrita urbana se apropria do espaço urbano de forma visual. Segundo, estabelece uma prática através de uma demarcação que é simultaneamente espacial e identitária. Terceiro, é uma prática vista de forma ambivalente, tanto em termos estéticos quanto morais. Estes fatores esboçam um primeiro olhar sobre a questão, partindo de um ponto de vista externo. Na sequência desta análise serão incorporadas as considerações internas a este fenômeno, o que permitirá uma visão mais ampla do problema. No contato com os atores da escrita urbana várias questões foram apontadas e discutidas. Porém antes de chegar a elas, vale acompanhar como ocorreu o encontro com os atores em questão.

⁸ GAZETA DO POVO, Segunda-feira – 11 de agosto de 2003.

O CONTATO COM OS ESCRITORES URBANOS DE CURITIBA

O grafite está presente nos muros, paredes e veículos por todos os bairros e ruas da cidade, porém seus autores, não. A pintura não autorizada de uma propriedade privada ou pública é uma contravenção, um atentado ao patrimônio.⁹ Assim, quando uma pintura, pichação ou grafite, é realizada sem autorização, seus autores estão sujeitos à detenção e ficha policial.

A condição marginal do grafite faz com que suas ações sejam sempre atreladas a uma tensão peculiar, sempre sujeitas e vulneráveis a penalidades e influências externas. Deste modo, não é muito fácil ver escritores de grafite em ação. Contudo, isto não impede que tais ações ocorram durante o dia e em locais centrais e movimentados. Tive a oportunidade de presenciar uma ação no centro de Curitiba no mês de janeiro em uma ensolarada tarde de terça-feira (07/01/2003 17:00), na Travessa da Lapa. Nesta ocasião assisti também um contato com a polícia.¹⁰



FIG. 09 – Travessa da Lapa, Curitiba, 07/01/2003. Ever, Bolacha, Ângelo (de costas) e Stefeno.

⁹ Penalidades: (1) Crime de dano: detenção de um a seis meses ou multa conforme o caso (artigo 163, Código Penal); (2) Dano contra patrimônio público: qualificação do crime que impõe uma detenção de seis meses a três anos e multa (artigo 163, Código Penal); (3) Dano contra patrimônio tombado: pode ser patrimônio histórico, artístico ou arqueológico. Nestes casos a pena é de detenção de seis meses a dois anos e multa (artigo 165, Código Penal). {Gazeta do Povo. Matéria: Prefeitura de Curitiba se rende a grafiteiros. Data: 08/08/1999. Por Marina Dória.}

¹⁰ Nesta ocasião os policiais interromperam a ação de um grupo de 8 ou 10 jovens, que pintava um muro já totalmente tomado por pichações e grafites. Logo após a revista os rapazes foram liberados e continuaram suas pinturas enquanto os policiais seguiram sua ronda.

Diferentemente da ação, o resultado do grafite é cada vez mais percebido pelo cidadão comum que vê esta expressão visual aumentar por toda cidade. A marca deixada pelo grafite na cidade é uma das suas principais características.

Frente a este quadro, eu, como pesquisadora, precisava estabelecer contatos com pessoas das quais só conhecia os rastros, os desenhos e as assinaturas, ou melhor, as assinaturas de seus apelidos.

Inicialmente, encontrei na imprensa algumas referências, pois os escritores de grafite atuam de forma discreta, “mocada” como eles falam, mas têm grande disposição para expor suas idéias e sua arte.¹¹ O grafite e a pichação são abordados pela imprensa sob diferentes enfoques. Encontram-se matérias sob os títulos de: cultura, comportamento, juventude, cidade, urbanismo, vandalismo, arte, etc.. A mídia normalmente relaciona o grafite com o movimento *hip-hop*, elencando o grafite como um dos quatro elementos deste movimento que se complementa com a música *RAP (rhythm-and-poetry)*, a dança *break* e os animadores musicais *djs*. Curitiba tem outra peculiaridade, o *skate*, outra atividade dos jovens e da cultura de rua, aproximando-se assim do grafite e do *hip-hop*.

Partindo destes parâmetros, busquei uma primeira forma de contato: encontrei uma pessoa que pertencia ao movimento *hip-hop*, que me pôs em contato com um escritor de grafite. Esta pessoa não só promoveu o contato com um escritor de grafite como também passou a ser uma importante informante sobre questões de cultura urbana e *hip-hop*. Assim atei o primeiro fio da trama de relações que geraram conversas e entrevistas.

¹¹ Optei por utilizar a expressão arte por ser este o termo usado pelos escritores de grafite. Reconheço as inúmeras críticas e questionamentos que a adoção desta palavra pode sofrer por parte de disciplinas como Estética e História da Arte entre outras ligadas ao universo acadêmico das Belas Artes. Entretanto este trabalho não ambiciona abordar a questão de incluir ou não o grafite no universo artístico e sim conhecer seus atores e suas atuações.

Busquei então uma nova forma de contato através de uma sugestão dada pela mesma informante. Soube da existência de uma loja de *hip-hop* no centro da cidade, a Bali-Hai no *Shopping Green Tower*, local onde ocorrem contatos e encontros casuais. Fui até a loja. Na vitrine já vi revistas, vídeos e latas de *spray*. Em uma breve conversa, com o gerente da loja, recebi informações e números de telefone de escritores, como também deixei meu telefone e endereço para possíveis contatos. No mesmo dia recebi o telefonema de um escritor de grafite disposto a conversar dizendo que tinha muito a falar, porém estava saindo em viagem e eu teria que esperar. Tentei ligar para os números de telefone que recebi, mas encontrei um problema, eu não sabia como chamar estes escritores, se pelo apelido, que poderia não ser bem aceito por seus familiares, ou por seus nomes próprios aos quais nem sempre tive acesso. Dias depois, recebi um novo telefonema de outro escritor de grafite, também disposto a conversar. Este rapaz já havia participado de uma campanha na televisão ¹². Este contato me levou ao encontro comentado anteriormente na Travessa da Lapa. Na seqüência, ocorreram novos encontros e entrevistas, e, assim, acrescentei novos fios nesta trama de relações.

É importante citar que os escritores de grafite com quem tive os primeiros contatos se conheciam, ou, ao menos ouviram falar dos outros. Eles não se encontram com freqüência, mas conhecem os trabalhos uns dos outros e já participaram de eventos juntos. ¹³

¹² Uma propaganda da RPC (Rede Paranaense de Comunicação), veiculada em outubro de 2002 que incentivava a realização de grafite por meios legais, ou seja, fazer grafite com a permissão de proprietários e responsáveis pelos locais da pintura.

¹³ Os eventos foram pensados como ocasiões de grande interesse para a pesquisa, porém, são imprevisíveis, decorrem mais de circunstâncias momentâneas do que ocasiões devidamente programadas e planejadas. Salvo algumas exceções, como a iniciativa da prefeitura de Santo André no estado de São Paulo que promove anualmente um concurso e encontro de grafite de âmbito internacional. Muitos dos escritores de Curitiba organizam excursões para participar deste evento. Tive a sorte de acompanhar o Encontro de Araucária que foi narrado no início da Introdução desta dissertação.

Existe também, entre estes atores, formas de comunicação através de mídias específicas. Um forte meio de comunicação entre eles, são os fanzines, um tipo de revista especializada mais conhecidos por zines. Estes fanzines os mantêm atualizados sobre o cenário local, tanto para as manifestações do grafite quanto da pichação, e também atingem públicos mais amplos que gostam do grafite, mas não são escritores urbanos. A internet funciona como veículo de contato irrestrito, colocando, potencialmente todos os escritores de grafite em contato. Já os contatos diretos entre os escritores ocorrem por telefone para programarem encontros e rolês¹⁴ mais frequentes.

Uma terceira forma de abordagem ocorreu via internet. Entrei em um *site* onde havia uma lista de discussão, ou melhor, uma lista de recados sobre grafite e pichação. Através de um *e-mail* consegui alguns contatos e iniciei uma correspondência eletrônica. Nesta forma de abordagem encontrei um público mais jovem, onde o interesse maior está concentrado na pichação. Deste contato decorreu um fato muito interessante. Recebi o telefonema do pai de um rapaz de 14 anos que estava preocupado e interessado em saber sobre o tipo de trabalho que eu estaria realizando. Após uma conversa por telefone e a compreensão de meus objetivos ele se prontificou a conversar sobre o assunto, pois tem interesse em compreender o que leva estes rapazes a se engajarem na pichação. Dias depois tive uma conversa de 2 horas com pai e filho. Assim atei mais um fio na trama de relações que geraram outras conversas e entrevistas.

Uma quarta abordagem se deu quando fui convidada a participar de uma reunião sobre *hip-hop*, que ocorreu num sábado à tarde na UFPR, no prédio Dom Pedro I. Este encontro foi interessante para ter contato com os escritores de grafite engajados no

¹⁴ O termo rolê é utilizado pelos escritores quando se referem ao momento que os grupos saem para pintar. Segundo o dicionário Houaiss, o termo "rolé" é um substantivo masculino que significa "pequeno passeio; volta" com uso empregado apenas localmente; já o termo "rolê" é um substantivo masculino de uso na culinária quando existe a referência ao "bife rolê". Os escritores urbanos utilizam o termo "rolê", as vezes sem acento outras vezes usando o acento agudo ou ainda o acento circunflexo. Neste texto optei por usar o termo "rolê" (com acento circunflexo) porque tem a fonética mais adequada segundo as falas dos atores entrevistados.

movimento *hip-hop*. Esta reunião apresentou peculiaridades próprias do *hip-hop*, com uma postura e um discurso mais politizados, uma ligação forte com o movimento negro, enfim, uma ideologia de bases mais rígidas. Este encontro visava a estruturação do movimento em Curitiba.¹⁵

Uma quinta forma de abordagem se deu através de eventos, e foi a melhor possibilidade de observação da relação entre os integrantes do grupo. Tanto no rolê da Travessa da Lapa, como no Encontro Graffiti 2003 em Araucária, foi possível ver reunidos vários atores e observar suas ações, conversas e comportamentos.

As conversas que tive com os escritores de grafite negaram uma relação tão articulada entre o grafite e o *hip-hop*, divergindo das informações que na mídia pareciam generalizadas. Percebi que muitos escritores gostam do *rap* e do *break*, participam de eventos de *hip-hop* como entretenimento, mas não têm um engajamento ideológico mais profundo. Existem, sim, os integrantes do *hip-hop* que praticam o grafite, mas nem todos os escritores de grafite são ideologicamente filiados ao *hip-hop*. Este ponto será retomado no Capítulo 1.¹⁶

Com relação ao *skate* fiz uma visita a uma pista bastante conhecida no centro da cidade, justamente na Travessa da Lapa, rua que é conhecida como o local mais pintado do centro da cidade. Neste contato recebi a informação de que os grafiteiros, ou melhor, os pichadores tinham exagerado suas ações tendo pichado toda a rua, e estavam “queimados” com o pessoal do *skate*. Falatórios à parte, quando encontrei os escritores de grafite em ação na Travessa da Lapa, grupos de *skatistas* e de escritores de grafite interagiam sem nenhuma agressividade aparente.

¹⁵ Sobre o movimento *hip-hop* de Curitiba ver os trabalhos de Mariane Lemos Lourenço e Marcilene Souza (Presidente do Instituto de Pesquisa de afro-descendência e aluna do Curso de Ciências Sociais da UFPR que desenvolve pesquisa sobre o movimento *hip-hop* de Curitiba.)

¹⁶ Sobre a relação com o *hip-hop* encontramos considerações na Introdução item O contato com os escritores urbanos de Curitiba, no Capítulo 1 item Escrita urbana e item Tensões da escrita urbana.

Busquei também encontrar escritores de grafite em eventos abertos ao público em geral, como por exemplo o Mercado Mundo Mix Curitiba, este evento no ano de 2002 teve o *hip-hop* como tema central, contando na ocasião com a participação de escritores de grafite. Porém, em 2003, o evento não abordou o tema *hip-hop* e, conseqüentemente, não teve uma participação significativa do grafite.

Além dos contatos comentados acima, o grafite tem outras formas de relações, como, por exemplo: a Guarda Municipal que reúne as fichas de grafiteiros pegos em flagrante ¹⁷; a FCC (Fundação Cultural de Curitiba), que já realizou eventos de grafite em colaboração com associações comunitárias e de bairro; a RPC (Rede Paranaense de Comunicação) que já realizou campanha na televisão sobre o grafite; jornalistas que já entrevistaram escritores de grafite; pesquisadores que vem realizando trabalhos semelhantes na sociologia e na psicologia; vereadores que foram procurados por escritores de grafite e que mantêm contato com estes; familiares dos escritores; pessoas que já participaram do grafite e dele se afastaram; simpatizantes, ou seja, pessoas que gostam de grafite mas não praticam; críticos de arte que apreciam o grafite como manifestação estética; artistas plásticos que utilizam técnicas de grafite em sua produção artística; a Associação dos Grafiteiros de Curitiba ¹⁸; associações e entidades governamentais e não governamentais que têm no grafite um instrumento de integração de pessoas carentes ou desajustadas. ¹⁹

¹⁷ A Guarda Municipal possui fichas que registram não só as ações de pichação e grafite como também as intervenções de cunho político e a propaganda partidária, que têm um propósito bem diverso do meu objeto de pesquisa. Todas as detenções são documentadas em fichas onde se registram os diferentes motivos da infração. Podendo-se assim observar os grafiteiros e pichadores em separado dos propagandistas políticos, que por vezes tentam creditar suas mensagens partidárias aos escritores urbanos.

¹⁸ A Associação de Grafiteiros atua como mediadora política fazendo alguns contatos com a FCC (Fundação Cultural de Curitiba), porém esta associação não representa a totalidade do movimento. Não tem um caráter centralizador, regulador ou normativo da atividade.

¹⁹ São muitas as ocasiões nas quais as ONGs, governo e movimentos comunitários unem-se para realizar ações sociais. Como exemplo podemos citar o Projeto Centro Vida da prefeitura de Curitiba; o Projeto Arte da paz promovido pelos Direitos Humanos também em Curitiba. Os Projeto Quixote ligado ao Projeto Aprendiz em São

Enfim, existem muitas formas de abordagens para possíveis contatos com os autores do grafite. Estas formas de abordagem me deram possibilidade de conhecer alguns dos escritores de grafite de Curitiba. Porém, é importante assinalar que não encontrei a totalidade destes atores.

A FORMA DA ABORDAGEM

Na entrada em campo, eu não tinha questões específicas. Fui ao encontro dos atores da escrita urbana de Curitiba, sem perguntas objetivas, minha intenção era ver e sentir como estas relações ocorreriam e que questionamentos surgiriam. A bem da verdade, eu tinha um longo questionário composto de inúmeras perguntas, algumas genéricas outras mais específicas, porém não o utilizei linearmente.

Iniciei as conversas utilizando fotografias como forma de abordagem. Eu levava comigo uma pasta com diversas fotografias de pinturas (grafites e pichações) que registrei e colecionei ao longo do tempo ²⁰. Estas fotos serviram muitas vezes para uma identificação do entrevistado, quando uma de suas pinturas já havia sido fotografadas por mim. As fotos serviram para um início de conversa onde procurávamos localizar, na cidade, as regiões em que se encontravam as pinturas. Após o início de conversa, normalmente muito agradável, partíamos para a entrevista. Se não houvesse oposição eu gravava a conversa. Caso isto fosse causar constrangimentos, a conversa não era

Paulo, entre outros projetos que ligam instituições comunitárias e de ação social com entidades mediadoras como o *hip-hip* na relação entre a Sociedade e o Estado.

Sobre projetos sociais e ONGs encontramos considerações na Introdução item O contato com os escritores urbanos de Curitiba, no Capítulo 1 item Consumo Cultural e item Tensões da escrita urbana, no Capítulo 2 item O grafite como (des)organização e como manifestação (a)política, no Capítulo 3 item As relações.

²⁰ Aqui poderia dizer que utilizei as imagens como instrumento de aproximação. Este é um dos meios de utilização da imagem, em pesquisas etnográficas, considerados pela antropologia visual.

gravada. Em alguns casos os próprios entrevistados seguraram o gravador, o que deu autonomia para interromperem a entrevista quando lhes conviesse. As interrupções ocorreram por questões de falta de tempo, por que as entrevistas normalmente foram bastante demoradas. Nestas longas conversas os assuntos iam surgindo e transformando-se em novas colocações. Na maioria das entrevistas nós nos locomovemos de alguma forma, quase sempre iniciamos a conversa em um local e terminamos em outro. Iniciamos em frente a um muro pintado e terminamos tomando “tubão”²¹; ou iniciamos em um museu e terminamos em um café; ou marcamos encontro em uma loja e acabamos circulando de carro pelo centro da cidade; ou mesmo quando em uma praça, acabamos nos movimentando. Somente as entrevistas que ocorreram em residências foram mais estáticas.

Como foi colocado anteriormente, os atores do grafite são identificados por suas ações e estas ações são momentâneas. Os relatos deste texto ocorreram a partir de entrevistas marcadas por telefone e realizadas em lugares previamente combinados. Assim a pesquisa está embasada majoritariamente nas entrevistas com alguns escritores de grafite de Curitiba. Tais entrevistas ocorreram, em sua maioria, no mês de janeiro de 2003. Também foi de suma importância a observação do Encontro de Araucária que ocorreu em julho de 2003.

Sobre os atores.

Duas foram as fontes de dados das falas dos atores. A primeira através de entrevistas por mim realizadas com os atores de Curitiba. A segunda fonte decorre da transcrição de entrevistas realizadas por escritores, publicadas na mídia específica do grafite como *sites* e revistas. Nas entrevistas que realizei os entrevistados foram mais

²¹ “Tubão” é uma mistura de cachaça com refrigerante que foi nesta ocasião compartilhada após uma pintura coletiva. No caso era um refrigerante de uva com cachaça. Esta bebida não é exclusiva deste grupos, na verdade é consumida entre vários nichos de jovens.

didáticos explicando os termos específicos do grafite. Já das entrevistas entre os escritores o vocabulário fica mais próximo da realidade destes atores.

Entre os escritores que conversei, em Curitiba, devo destacar o Cimples, o Bolacha, o Devis, o Izy, o Ments e a Indianara. Tive também conversas breves com o Dose, o Case, o Dape, o Ângelo, o Stefano, o Ever, o Cipó, o Galha, entre outros ²². Devo creditar a estes atores a maior parte dos dados que adquiri. É através deste dados que pude estabelecer as bases para esta abordagem sobre o grafite de Curitiba.

Na coleta de dados em matérias extraída da mídia específica do grafite e em *sites* e revistas, devo apontar o Onesto, o Botcha, o Binho, o Head, o Keas e o Ver ²³. Atores que não moram em Curitiba. Estes testemunhos foram trazidos para dar uma visibilidade maior ao universo do grafite, por que estes escritores servem de referência para os escritores mais novos. Estas citações apresentam uma linguagem mais autêntica do grupo, estes textos trazem a fala própria dos escritores de grafite. Foi através destas falas e minhas interpretações que foi gerado o texto que se segue. ²⁴

Também foi de suma importância a observação de ações, apesar de reduzidas, os rolês, e o Encontro de Araucária que pode ser detalhadamente observado.

²² Vale colocar aqui uma breve biografia de alguns destes escritores curitibanos:

- Cimples é um dos mais antigos e respeitados escritores de Curitiba, ele é muito ativo no cenário local e nacional, edita um fanzine chamado Destrói, promove eventos, participa de inúmeras atividades culturais.
- Ments veio de Volta Redonda e mora em Curitiba a aproximadamente 3 anos e já tem bastante destaque na cidade. Bolacha é um escritor jovem que já participou de campanhas na mídia, como comercial na RPC.
- Cipó é um representante do grafite e do *hip-hop*, é muito atuante nas ações comunitárias.

²³ Breve biografia de alguns escritores brasileiros (que não tive a oportunidade de conversar pessoalmente):

- "Onesto é um dos writers brasileiros que fez o graffiti crescer bastante no país. Foi responsável pelo primeiro vídeo brasileiro de graffiti, o Invasão que foi lançado em 1998 trazendo roles dos caras mais ativos na época. Pintando direto e sempre inovando nos ataques." {Transcrição do *site* Escrita urbana}
- "Botcha é quem está por trás dos '2Mil' que você costuma ver pelas cidades. Conversamos com esse renomado writer de Santo André e aqui está o resultado." {Transcrição do *site* Escrita urbana}
- "Ver é um writer brasileiro que atua em Santa Cruz, CA há mais de 10 anos. Já voltou uma vez ao Brasil, em 97. Trocamos uma idéia com o cara nessa entrevista exclusiva." {Transcrição do *site* Escrita urbana}

²⁴ A transcrição das falas dos atores está reproduzida na sua grafia original, não foi feita verificação ortográfica nestes textos.

A QUESTÃO ENGLOBANTE

Quanto ao questionamento teórico, diversas são as possibilidades de problematização a serem articuladas. Inicialmente poderíamos citar questões como: identidade; pertencimento; fronteiras culturais; consumo cultural; expressividade; projetos individuais e projetos coletivos; desvios; tensões; juventude e marginalidade; lazer; negociação da realidade; cultura de rua; tribos urbanas; subculturas; territorialidade; hibridismo; tradução cultural; o global versus o local; o real versus o virtual; a apropriação do espaço urbano. Este trabalho se aprofunda em algumas destas questões como poderemos observar na seqüência do texto.

Como pano de fundo para todos estes questionamentos deve ser salientada a apropriação do espaço urbano como perspectiva englobadora (o que olhar). Já a forma de análise pode se dar através da articulação local-global/real-virtual (como olhar).

O texto foi escrito fazendo uma analogia com o percurso do ator social em seu envolvimento com a escrita urbana. Assim desenvolveu-se o seguinte roteiro: Em um primeiro momento apresentam-se as redes de comunicação e a cidade, locais já apropriados pelo grafite, marcados pela escrita urbana. Num segundo momento é mostrado como o grafite seduz, pela possibilidade de interferir na cidade, pelos elementos comuns ao grupo, como: os cadernos e as assinaturas que fornecem as bases das ações destes atores, como projetos para a realização destas interferências e o rolê, o ápice da ação, ou seja, o momento da pintura, a real apropriação do espaço urbano. Em um terceiro momento são abordados os muros e trens locais onde ficam os desenhos-testemunhos desta apropriação e cuja efemeridade é superada pelo registro fotográfico das pinturas que posteriormente são veiculadas em revistas e *sites*, onde esta interferência e esta apropriação são transformadas em material de consumo e são

difundidas para toda a clientela dos integrantes da cultura de rua, em especial os escritores urbanos.

A abordagem também visa reconhecer neste contexto a articulação entre o global e o local / o real e o virtual que o grafite propicia, uma dialética que põe em contato as imagens, discursos e ideologias globais materializadas no cenário local da cidade. O grafite parte de um fenômeno global, que se apodera das grandes cidades contemporâneas e é difundido pelas redes de comunicação. Observamos seu trajeto partindo das influências que este estilo de vida oferece aos atores urbanos envolvidos com a escrita urbana e também aos habitantes da cidade de forma geral. E, concluímos o ciclo vendo novas imagens sendo criadas nos muros e veiculadas nas mídias próprias do grafite, que fomentam o mercado da escrita urbana com novos personagens, possibilitando assim que este fenômeno se multiplique. Da observação passiva, ao pertencimento, à ação e por fim à realimentação deste fluxo através dos veículos de comunicação. Um ciclo que se inicia no global/local e conclui-se no local/global. Podemos resumir dizendo que: um jovem urbano pode ver o grafite nos fanzines e na internet, vê-lo também nas ruas, aproximar-se e envolver-se, passar a fazer grafite e virar um fornecedor desta matéria prima visual que realimenta estes fanzines, internet e muros.

A partir daí pode ser colocada outra questão fundamental à análise: a construção da identidade em termos de pertencimento a um grupo que existe através de uma prática, mas não se restringe somente a ela, incluindo o comportamento, o vestuário, o vocabulário comum ao grupo. Para existir o grafite envolve um consumo de bens simbólicos articulados por uma representação virtual. No fim/início do grafite, os meios virtuais desempenham um papel fundamental, através da projeção e manutenção deste fenômeno. A virtualidade do grafite difundida nas redes de comunicação é tão ou mais importante que o grafite real pintado nos muros, efêmero, sujeito a ser removido ou substituído. A dimensão virtual potencializa e difunde esta práxis.

A apropriação do espaço urbano, a relação local/global, a construção da identidade articulada entre o real e o virtual, servem de referencia básica para se pensar o grafite. Como e porque este fenômeno está sendo eleito como referencial identitário e praticado por muitos atores sociais urbanos é o objeto da presente pesquisa. Sobre estes referenciais é que se estabelece o trajeto da presente dissertação.

O REFERENCIAL TEÓRICO

Para um embasamento mais consistente trago algumas considerações de Clifford Geertz. Em O saber local: fatos e leis em uma perspectiva comparativa, Geertz analisa o universo do Direito, mas traz considerações muito pertinentes a nosso estudo. A parte final deste ensaio, coloca uma questão fundamental: a percepção de que existe um saber local que resiste à influência global, ainda que seja permeável a estas relações globais.

“... o Direito é saber local e não um princípio abstrato e que ele constrói a vida social em vez de refleti-la, ou, melhor dito, de meramente refleti-la, leva-nos a uma visão pouco ortodoxa sobre a metodologia de um estudo comparativo: a tradução cultural.” (Geertz, 1997 [1981]:329)

“O Direito, como venho afirmando um pouco em oposição às pretensões encobertas pela retórica acadêmica – é saber local; local não só com respeito ao lugar, à época, à categoria e variedade de seus temas, mas também com relação a sua nota característica – caracterizações vernáculas do que acontece ligadas a suposições vernáculas sobre o que é possível.” (Geertz, 1997 [1981]:324-325)

“Essa idéia de que as coisas não estão se aglutinando e sim rapidamente se subdividindo (algo que a meu ver pode ser dito sobre a mudança social como um todo, e não só sobre o direito) é totalmente contrária a algumas das principais doutrinas das ciências sociais contemporâneas, segundo as quais o mundo está ficando cada vez mais monotonamente igual com a modernidade – filiais da McDonald’s nos Campos Elísios e *rock punk* na China; que há uma evolução intrínseca do *Gemeinschaft* para o *Gesellschaft*, do tradicionalismo para o racionalismo, da solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica, do status para o contrato; que a infra-estrutura pós-capitalista, sob a forma de corporações multinacionais e da tecnologia informatizada em breve moldará as mentes dos tonganos e dos yemens, dando a todas elas um padrão comum.” (Geertz, 1997 [1981]:325-326)

“Se é que existe alguma mensagem naquilo que disse aqui, é que o mundo é um lugar variado, variado entre os advogados e antropólogos, variado entre muçulmanos e hindus, variado entre grandes e pequenas culturas, variado entre ‘então’ coloniais e os ‘aqui e agora’ nacionalistas; e muito pode ser ganho, cientificamente ou não, se confrontarmos essa grande verdade ao invés de desejar que ele simplesmente desapareça em um nevoeiro de generalizações fáceis e falsos confrontos.” (Geertz, 1997 [1981]:355)

Enfim, Geertz introduz as idéias de local, diferença, tradução, interpretação, compreensão. Estes conceitos podem, também, ser vistos na obra de Homi Bhabha, autor que usa as noções de lugar, diferença, enredo, tradução e hibridismo para fazer considerações sobre a construção da cultura.

“Nenhuma cultura é completa em si mesma, nenhuma cultura se encontra a rigor em plenitude, não só porque há outras que contradizem sua autoridade, mas também porque sua própria atividade formadora de símbolos, sua própria interpelação no processo de representação, linguagem, significação e construção de sentido, sempre sublinha a pretensão a uma identidade ordinária, holística, orgânica.” (Bhabha *in* Rutherford, 1996:36)²⁵

²⁵ RUTHERFORD, Jonathan. O terceiro espaço: entrevista com Homi Bhabha. Revista do Patrimônio n.24.

Na construção de seu pensamento, Bhabha gera uma distinção entre diversidade cultural e diferença cultural. A diversidade cultural, fruto do liberalismo, do relativismo filosófico, é geradora de uma política de educação multicultural.

“Embora sempre haja acolhida e estímulo à diversidade cultural, há sempre também uma correspondente contenção dela. Uma norma transparente é constituída, uma norma dada pela sociedade hospedeira ou culturalmente dominante, a qual diz que ‘essas outras culturas são boas, mas devemos ser capazes de localizá-la dentro de nossos próprios circuitos’.” (Bhabha *in* Rutherford, 1996:35)

“O universalismo que paradoxalmente permite a diversidade mascara normas, valores e interesses etnocêntricos. A natureza mutante do que entendemos por ‘população nacional’ é sempre mais visivelmente construída a partir de um espectro de diferentes tipos de interesses, diferentes espécies de história cultural, diferentes linhagens pós-coloniais, diferentes orientações sexuais. Como toda a natureza da esfera pública está mudando, nos realmente temos necessidades de uma noção de política que se baseie em identidades políticas desiguais, não uniformes, múltiplas e *potencialmente antagônicas*. ... O multiculturalismo representou uma tentativa de responder e ao mesmo tempo controlar o processo dinâmico da articulação da diferença cultural, administrando um *consenso* baseado numa norma que propaga a diversidade cultural.” (Bhabha *in* Rutherford, 1996:35)

“A diferença de culturas não pode ser uma coisa para ser encaixada numa moldura universalista. Culturas diferentes, a diferença entre práticas culturais, a diferença na construção de culturas dentro de grupos diferentes, com grande frequência fazem existir no seu meio, e entre elas próprias, uma *incomensurabilidade*. ... na realidade é muito difícil e até mesmo contraproducente e impossível, tentar e conseguir juntar diferentes formas de cultura, pretendendo que elas possam coexistir facilmente. A suposição de que, em algum nível, todas as formas de diversidade cultural sejam passíveis de compreensão com base num conceito particular universal, seja este de o de ‘humanidade’, ‘classe’ ou ‘raça’, pode ser a um só tempo muito perigosa e muito limitadora na tentativa de compreender os modos pelos quais as práticas culturais constroem seus próprios sistemas de significação e organização social.” (Bhabha *in* Rutherford, 1996:36)

Bhabha traz então a noção de tradução cultural:

“Tanto o relativismo quanto o universalismo têm formas radicais, que podem ser mais atraentes, mas até essas fazem parte basicamente de um mesmo processo. Neste ponto eu gostaria de apresentar a idéia de ‘tradução cultural’. ... A articulação de culturas é possível não por causa da familiaridade ou similaridade de conteúdos, mas por que todas as culturas são formadoras de símbolos e constituidoras de temas – são práticas interdependentes.” (Bhabha *in* Rutherford, 1996:36)

“Desenvolvendo essa noção, a tradução é também uma maneira de imitar ... – o de imitar um original de tal modo que a sua propriedade não é reforçada e sim, pelo próprio fato de ele *poder* ser simulado, reproduzido, transferido, transformado, tornado um simulacro e assim por diante: nunca o original se conclui ou se complementa em si mesmo. O ‘originário’ está sempre aberto a tradução, portanto nunca pode ser dito que tenha um momento antecedente, totalizado de sentido ou de ser – uma essência. E o que isso de fato quer dizer é que as culturas só são construídas em relação a essa alteridade interna à sua própria atividade formadora de símbolos que as faz estruturas descentradas – e que através desse deslocamento ou liminaridade abre-se a possibilidade de se articularem práticas e prioridades culturais diferentes e mesmo incomensuráveis.” (Bhabha *in* Rutherford, 1996:36)

E a noção de hibridação.

“Já a noção de hibridação provém das duas prévias descrições que fiz da genealogia da diferença e da idéia de tradução, porque se, como eu estava dizendo, o ato de tradução cultural (seja como representação, seja como reprodução) nega o essencialismo de uma dada cultura antecedente, original ou ordinária, vemos então que todas as formas de cultura estão continuamente num processo de hibridação.” (Bhabha *in* Rutherford, 1996:36)

E apresenta a idéia de um terceiro espaço.

“para mim a importância da hibridação não é ser capaz de rastrear os dois momentos originais dos quais emerge um terceiro, para mim a hibridação é o ‘terceiro espaço’ que permite a outras posições emergir. Este terceiro espaço desloca as histórias que o constituem e gera novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas, que são inadequadamente compreendidas através do saber recebido.” (Bhabha *in* Rutherford, 1996:36-37)

A identidade então é pensada através da hibridação.

“A importância da hibridação é que ela traz os vestígios daqueles sentimentos e práticas que a informam, tal qual uma tradução, e assim põe em conjunto os vestígios de alguns outros sentidos ou discursos. Não lhes dá a autoridade de serem antecedentes apenas no sentido de serem originais: eles são antecedentes apenas no sentido de serem anteriores. O processo de hibridação cultural gera algo diferente, algo novo e irreconhecível. Uma nova área de negociação de sentido e representação.” (Bhabha *in* Rutherford, 1996:37)

Aqui a cultura foi apresentada como um gerador de significados, que ao interagir com outras formas culturais, ganha sentido através de suas mútuas traduções. As traduções não se dão por uma assimilação total de uma só cultura, e sim pela manutenção das diferenças, ou seja, não existe nem original nem cópia, nem universalidade nem purismos e sim um intercâmbio decorrente das contínuas hibridações. As articulações temporais e espaciais geram novas formas culturais.

“... o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir o caminho à conceitualização de uma cultura *intemacional*, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na *diversidade* de culturas, mas na inscrição e articulação do *hibridismo* da cultura” (Bhabha, 2003 [1988]:69)

A observância das particularidades de atividades, que, como o grafite, são adotadas localmente por jovens nas cidades, em consonância ou discordância com outros jovens e outras cidades mundo afora. Na dialética entre o local e o global, o real e o virtual é o ponto que observo os escritores de grafite de Curitiba.

A seguir apresenta-se então a estrutura deste texto que ajudará a mapear o referencial da dissertação.

A ESTRUTURA DO TEXTO

Busquei elaborar uma estrutura para a dissertação construída através de capítulos que façam uma analogia do envolvimento do ator urbano com o grafite: o texto procura representar o trajeto dos escritores urbanos.

Capítulo 1: A CULTURA DE RUA

No trecho inicial, busco vislumbrar o contexto urbano em sua caótica diversidade, onde os habitantes das cidades, em especial os jovens, se deparam constantemente com momentos de decisões. Momentos em que as possibilidades e impossibilidades de envolvimento e pertencimento surgem diante de seus olhos e opções são feitas. Momento magnificamente descrito por Octavio Paz, nas primeiras palavras de O labirinto da Solidão.

“Para todos nós, em algum momento, nossa existência se releva como alguma coisa de particular, intransferível e preciosa. Quase sempre esta revelação se situa na adolescência. A descoberta de nós mesmos se manifesta como um saber que estamos sós; entre o mundo e nós surge uma impalpável, transparente muralha: a da nossa consciência. É verdade que, mal nascemos, sentimos-nos sós; mas as crianças e os adultos podem transcender a sua solidão e esquecer-se de si mesmos por meio da brincadeira ou do trabalho. Em compensação, o adolescente, vacilante entre a infância e a juventude, fica suspenso um instante diante da infinita riqueza do mundo.” (Paz, 1984:13)

Talvez a solidão que Paz apresenta, seja amenizada no encontro de um pertencimento. Ao inserir-se em um grupo, fazer parte de uma turma, poder compartilhar códigos comuns a um determinado universo – como coloca José Guilherme Magnani.

“encontrar seus iguais, exercitar-se no uso dos códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças. ... e é assim que a rede de sociabilidade vai sendo tecida.” (Magnani, 2000:40).

A idéia de diversas opções de pertencimento que afloram da vida na cidade é abordada também por Nestor Garcia Canclini. O autor latino-americano apresenta um

quadro da modernidade onde a inoperância do Estado frente à dinâmica do mercado impossibilitam uma uniformidade cultural. Ele trabalha, assim, com o hibridismo das formas culturais que ocorre no cenário da cultura urbana.

Também é considerada a possibilidade de interpretar as manifestações culturais urbanas a partir dos contextos dos meios de comunicação massivos, da heterogeneidade e outras denominações que procuram respostas para a paradoxal universalização e fragmentação das sociedades contemporâneas. Um capítulo que busca refletir sobre as questões da cidade moderna e as intrincadas relações entre seus habitantes. E sobre a identidade cultural construída neste contexto.

Capítulo 2: A SEDUÇÃO DO GRAFITE

Mostra como o grafite pode seduzir um escritor em potencial. Este capítulo apresenta o envolvimento do integrante da escrita urbana com o grafite. Apresentar como estes atores são envolvidos pelo grafite. As possibilidades de pertencimento a esta prática, ao trazer uma rede de sociabilidade, com um conjunto de ídolos e uma histórias pré-existentes. A forma com que esta organização se constrói e oferece a seus integrantes uma rede de comunicação que divulga seus valores, virtualiza e projeta seus integrantes. Enfim, os instrumentos que existem à disposição do grafite para aproximar e conquistar o jovem urbano.

Aborda as formas de sociabilidade, de nomeação, os cadernos, as assinaturas e os grupos, sua formação e as relações existentes dentro da escrita urbana.

Também trás a observação dos momentos de ação dos escritores. Os rolês que se referem ao momento preciso do "ataque", quando os escritores de grafite saem para

“bombardear”²⁶, ou seja, para pintar. Um ponto fundamental para uma atividade que está baseada em ações e resultados, que é legitimada pela prática, onde o pertencimento e o reconhecimento decorrem dos resultados obtidos por estas ações.

Capítulo 3: RELAÇÕES EXTERNAS E RELAÇÕES INTERNAS DO GRAFITE

Este capítulo explora os desenhos propriamente ditos e seus suportes. Muros e trens que são apropriados pelos escritores da escrita urbana, invadindo os espaços da cidade, invadindo propriedades alheias (públicas ou privadas), motivo que faz do grafite uma atividade bastante polêmica. Aqui aparece um olhar externo ao universo do grafite, ou seja, como outras pessoas se relacionam com este fenômeno.

Apresenta também os meios utilizados por estes escritores para registrar e divulgar suas atividades, dentro de seus círculos de sociabilidade. Com seus nomes/apelidos/assinaturas e seu envolvimento com a escrita urbana aparecem a construção de sua identidade e como o pertencimento é articulado por estes meios virtuais. Mostra em maiores detalhes como ocorre a relação interna ao universo do grafite, por meio de seus instrumentos de comunicação. O registro fotográfico que virtualiza e eterniza uma representação originalmente efêmera. A coleção de imagens geradas neste universo e como elas são divulgadas, distribuídas, transmitidas, colecionadas e trocadas entre as pessoas que apreciam o grafite e o consomem.

Do primeiro ao último capítulo fica estabelecida a seguinte trajetória: a percepção inicial do grafite; a sedução e envolvimento; o desenvolvimento da técnica; a nomeação; as ações; os resultados obtidos e sua difusão. Neste processo, o escritor em potencial,

²⁶ Os termos “ataque” e “bombardeio” são usados justamente se referindo ao momento das saídas para pinturas.

observa, é influenciado e identifica-se com este fenômeno global e virtual, transformam-se em um integrante do movimento, atua localmente e apropria-se dos espaços urbanos e virtuais simultaneamente. Renovando e ampliando o fenômeno da escrita urbana, que, sem territórios e/ou fronteiras definidas, gera um fenômeno de identidades fluidas e ambíguas, entre o global e o local, entre o real e o virtual. Uma escrita sem pretensão de permanecer, feita para durar o momento da sua execução mas que adquire sua vitalidade, justamente, desta fugacidade implícita.

A dissertação aborda mais detalhadamente os aspectos apontados nesta introdução, procurando esboçar as causas e conseqüências que este fenômeno gera no espaço da cidade e em seus habitantes.

1 A CULTURA DE RUA

Este capítulo apresenta um cenário externo ao grafite e que o engloba. Na seqüência, traz o panorama da escrita urbana. Aponta para o contexto social urbano atual com o objetivo de situar o grafite dentro de um ambiente heterogêneo e complexo. E, visa também, averiguar como ocorre a possibilidade de apropriação do espaço urbano.

•

A cidade pode ser percebida como um complexo de sons, imagens, odores e sensações que emergem do conjunto de obras construídas e vividas por seus habitantes. As pessoas nascem, são educadas, vivem, influenciam e são influenciadas por este conjunto pluriestimulador. O espaço da cidade, apesar de geograficamente limitado, acomoda em seu interior um emaranhado de nichos e ambientes. Estes ambientes são habitados e dominados por grupos que agem de forma amigável ou hostil conforme seus espaços são compartilhados ou invadidos. Este universo contido nos limites da cidade, abriga um sem fim de particularidades, que são “misteriosas”¹ para seus habitantes. Olhando para esta imensidão, entre as noções do espaço público e do particular, é que o objeto da pesquisa surge e se realimenta. O grafite é um fenômeno presente na maioria das grandes cidades contemporâneas. Um fenômeno urbano desenvolvido pelos habitantes da cidade, que, ao circularem pelas ruas deixam marcas que alteram a imagem da cidade ao se apropriarem dos espaços urbanos.

¹ O termo “misteriosas” aqui refere-se ao desconhecimento que todos temos da totalidade deste *locus*, ou seja, de que a alteridade, a diferença, pode ser encontrada no nosso próprio ambiente.

IDENTIDADES NA ARTICULAÇÃO VIRTUAL/REAL E GLOBAL/LOCAL

A cidade e a comunicação de massa são dois elementos fundamentais na experiência social dos indivíduos urbanos. Através dos meios de comunicação vemos os mais diversos “tipos de gente”. Também encontramos estes “tipos” circulando pela cidade, ou melhor, pelas cidades. Andando pelas ruas podemos identificar *skatistas, roqueiros, punks, crentes, afros, rappers*, enfim, uma grande variedade de “tipos urbanos”. Uma característica importante neste cenário, é que cada um destes grupos tem uma história própria com uma origem, um trajeto, regras tácitas ou explícitas, formas de divulgação de seus valores e, o engajamento de pessoas afinadas com seu discurso e ações, ou simplesmente atraídas pela imagem gerada por estes grupos. Tais grupos são vulgarmente chamados de “tribos urbanas”.²

A cidade é uma grande vitrine para este cenário universal, onde são apresentados os diferentes grupos com seus comportamentos, vocabulário, vestuário, gestos e códigos próprios. Este panorama é tentador para aqueles que estão em busca de “uma turma” como: bandas de *rock, punk, funk, rap*; ou a prática do *skate, surf, bike, jeep*; ou ainda, torcidas organizadas, fraternidades esotéricas, irmandades religiosas, associações de bairro, de gênero, profissionais, esportivas, além de manifestantes ecológicos, pacifistas, ou apreciadores de arte e vinho.

“a conseqüente redefinição do senso de pertencimento e identidades locais ou nacionais e mais pela participação em comunidades transnacionais ou desterritorizadas de consumidores (os jovens em torno do *rock*, os espectadores que acompanham os programas da CNN, MTV e outras redes transmitidas por satélite).” (Canclini, 1999: 52)

² Dentro das Ciências Sociais o sociólogo Michel Maffesoli utilizou o termo “tribo” em sua obra: O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa, conforme a citação: “O vaivém constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento dos microgrupos que chamarei ‘tribos’. ... A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (*persona*) é chamada a representar dentro dela.” (Maffesoli, 1987: 8-9)

A dimensão populacional que as cidades contemporâneas adquiriram é tamanha que em seu interior podem desenvolver-se todos estes matizes. A cidade viabiliza o espaço físico para a realização dos padrões divulgados/veiculados pelas redes virtuais.

“Há, juntamente com o impacto do ‘global’, um novo interesse pelo ‘local’. A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de ‘nichos’ de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como ‘substituindo’ o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre ‘o global’ e ‘o local’.” (Hall, 2002 [1992]: 77)

“uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante intervenção do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação.” (Canclini, 2000 [1989]: 285)

Estas peculiaridades são próprias da era industrial e pós-industrial, onde a produção em série se estende dos bens de consumo para a produção de conteúdos intelectuais: ideologias, histórias, crenças, ciências e artes são criadas, desenvolvidas e distribuídas. Assim nos deparamos com um paradoxo: De um lado, podemos nos conectar aos mais amplos circuitos e conteúdos globalizados criando vínculos ideológicos nas redes virtuais, por outro temos os sentimentos de pertença vinculados a realidades locais. Essa dualidade gera uma angústia, onde o local e o global, o real e o virtual se misturam possibilitando inúmeras formas de pertencimentos, de filiações intelectuais, espirituais, ideológicas, artísticas, sexuais. Um sem fim de possibilidades diante das quais o ser humano moderno sente-se, quase que obrigado a optar. Nesse caldeirão múltiplo, soma-se ainda uma forte noção de individualidade, ou seja, cada pessoa é, ou tem que ser uma única, mas está cercado de muitos múltiplos. Cada pessoa também precisa pertencer a um grupo que a diferencie da grande massa e a aproxime de seus pares, dando-lhe, através da homogeneidade do grupo, uma identidade, um rótulo.

“Há o desejo de se ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos.” (Cucho, 1999: 175)

A palavra único pode ser usada como analogia para este paradoxo.³ O termo único talvez legitime a vontade individual de ser único, e a palavra traz em si os dois

³ O verbete único no dicionário Houaiss, traz as seguintes definições: - “de que só existe um no seu gênero ou espécie, que não tem outro igual; - que não tem precedente ou sucessor, do qual só ocorreu um; - que é um

lados do paradoxo. Querer ser um só e querer ser o mesmo que vários. Querer ser diferente e querer ser igual simultaneamente. Diferenciar-se do grande grupo e igualar-se a seus pares. Talvez buscar uma diferença com relação aos seus familiares e colegas de escola, talvez buscar uma igualdade com seus companheiros de rolês. Usando roupas e acessórios do grupo, escutando suas músicas, falando as gírias, enfim, demarcando um território simbólico que ordene este universo pessoal compartilhado. Surgindo traços distintivos entre os grupos de sociabilidade.

A identidade, se observada pelo prisma acima apresentado, faz parte de um conjunto de afinidades. Primeiramente resultantes de uma atração por um determinado “tema” e, na seqüência, por aproximações, que possibilitem o ingresso virtual e/ou real em grupos de afinidade. Esta aproximação pode se dar pelo consumo dos bens que simbolizam o grupo cobiçado. Uma identidade dada através de trocas sociais, uma identidade cultural, conforme aponta Denys Cuche em Cultura e Identidade.

“Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais.” (Cuche, 1999: 183)

“Na realidade, como cada um faz a partir de suas diversas vinculações sociais (de sexo, de idade, de classe social, de grupo cultural...), o indivíduo que faz parte de várias culturas fabrica sua própria identidade fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais. O resultado é uma identidade sincrética.” (Cuche, 1999: 193)

A construção da identidade também pode ser abordada através noção de projeto de Gilberto Velho, conforme é apresenta em Indivíduo e Cultura:

“Em uma sociedade complexa moderna os mapas de orientação para a vida social são particularmente ambíguos, tortuosos e contraditórios. A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um complexo em que diferentes ‘mundos’ ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito. A possibilidade da formação de grupos de indivíduos com um *projeto social* que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais, depende de uma percepção e vivência de *interesses comuns* que podem ser os mais variados, como já foi mencionado – classe social, grupo étnico, grupo de *status*, família, religião, vizinhança, ocupação, partido político, etc. A estabilidade e a continuidade desses projetos supra-individuais dependerão de sua capacidade de estabelecer uma definição de realidade convincente, coerente e gratificante – em outras palavras, de sua eficácia simbólica e política propriamente dita. Pode-se dizer que em uma sociedade complexa coexistem *n* projetos em diferentes graus de desenvolvimento e complexidade, alguns praticamente imperceptíveis, outros explicitados e anunciados. Na medida em que um *projeto social*

só, desacompanhado de outro; - que é incomum, raro, excepcional, exclusivo, incomparável, superior; - que é o mesmo para vários indivíduos ou coisas.”

represente algum grupo de interesse, terá uma dimensão política, embora não se esgote a esse nível pois sua viabilidade política propriamente dependerá de sua eficácia em mapear e dar sentido às emoções e sentimentos individuais. Aí tem de ser somatório e síntese.” (Velho, 1999 [1981]: 33) – grifo meu.

A noção de projeto caracteriza o planejamento e consciência para as opções individuais e para as instituições que são fruto das opções de grupos e de indivíduos.

“O projeto dá ênfase à dimensão mais consciente da ação social.” (Velho, 1999 [1981]: 69)

Este cenário, até aqui, surge como um “supermercado de identidades”, onde o ator social vê uma imagem que lhe agrada, faz opções, e, adquirindo seus símbolos, supre sua vontade de envolver-se e realizar o exercício do pertencimento. Através da aquisição de bens como revistas e roupas, da aproximação com os grupos, ao compartilhar experiências com estes grupos, apreender um vocabulário e os códigos comuns, bem como os comportamentos e ações específicos do grupo. Tornando uma opção previamente virtual em um pertencimento real.

A identidade e o pertencimento, entretanto, não podem ser apresentados de forma tão simplificada como: “ver, gostar, querer, comprar e pertencer”, fazendo parte assim de algum grupo de afinidade. O universo virtual não se apresenta de forma homogênea a todos. As informações recebidas, as seleções feitas, as formas de acesso são diferentes para cada pessoa. Os reflexos que a rede virtual gera em cada um é resultado de um conjunto de percepções que cada indivíduo tem ao receber um montante de informações. A fatia que cada um recebe deste espectro virtual é interpretada segundo seus repertórios, seus convívios, seus valores, suas possibilidades e impossibilidades de envolvimento. Assim, a mídia atinge cada pessoa de uma forma particular. A combinação gerada que vai envolver cada indivíduo segundo suas afinidades e possibilidades. Portanto são muitos os fatores que desempenham um papel relevante na construção da identidade. Entre tais fatores podemos citar: a etnia, a nacionalidade, a condição social, o gênero, o local de moradia (bairro), a crença, o talento e habilidades em determinadas técnicas, etc.

Pensando então na identidade como um conjunto de afinidades e de conciliações, a vemos como uma soma de imagens percebidas, assimiladas, experimentadas e vividas coletivamente. Assim as características supra mencionadas são fortes condicionantes, pois fazem a aproximação do indivíduo com um determinado grupo, ou seja, com um referencial coletivo que valide suas expectativas.

No grafite sofre tais influências, porém, o pertencimento de nossos atores tem como fator preponderante uma prática, uma ação, uma atitude. O seu envolvimento com o grupo se reifica segundo a eficiência e a competência das ações e seus resultados. Ficando os referenciais baseados em aspectos estéticos, residenciais, econômicos, filosóficos, religiosos como pano de fundo neste envolvimento com o grupo em questão.

Observando a característica de práxis que o grafite compreende, podemos elencar uma outra perspectiva para pensarmos a identidade destes atores. A dimensão narrativa que esta prática promove. Na medida em que quanto mais ações estes atores realizam, mais acontecimentos vão se tornando histórias a serem contadas e o repertório individual de cada integrante passa a ser compartilhado pelo grupo através dos relatos das aventuras vividas.

“A identidade surge, na atual concepção das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra.”
(Canclini, 1999: 148) – grifo meu.

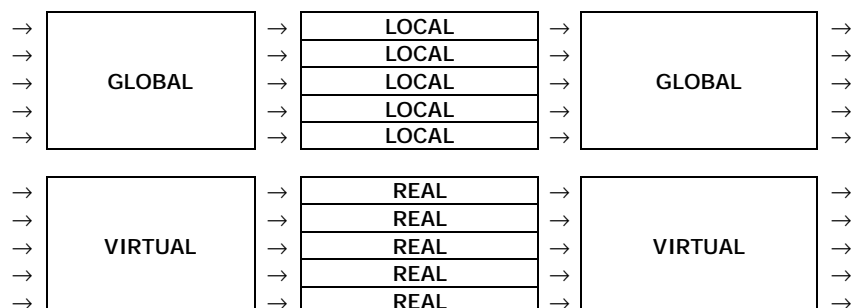
A narrativa, no caso do grafite, pode apresentar-se em mais de uma forma. A narrativa oral dos atores que a utilizam nos momentos de sociabilidade, para dramatizarem suas ações. A narrativa dos conteúdos veiculados pelos desenhos pintados, que representam em sua maioria cenas cotidianas ou abstratas. A narrativa nos meios de comunicação específicos do grupo, ou seja, as narrativas virtualizadas. Enfim, a observação da narrativa em diferentes abordagens pode contribuir para a interpretação do grafite.

Em síntese, a discussão sobre identidade perpassa muitos aspectos e autores, portanto trago estes apontamentos no sentido de iluminar um caminho para pensar o grafite.

Agora, para tornar mais rico este debate, podemos levantar mais algumas questões como: Será que cabe pensar o grafite através dos grafiteiros, ou os grafiteiros através do grafite? Ou seja, pensar o indivíduo através da sociedade ou a sociedade através dos indivíduos?

O grafite surge como um fenômeno crescente e não apresenta sinais de extinção, pelo contrário, parece atrair cada dia mais participantes, parece estar se proliferando. Já os grafiteiros mais cedo ou mais tarde param de fazer grafite, porém o grafite não pára. Desenvolvendo-se assim uma equação multiplicadora, que se estabelece através das articulações do global/local e do virtual/real como foi esboçado anteriormente.

Recolocando a questão, o grafite chega por meios globalizados e acontece localmente, na cidade onde formam-se novos grupos de grafiteiros. Estes novos grupos agem pintando a cidade e fotografam suas obras para posteriormente distribuí-las pelas redes virtuais que chegam novamente ao nível global. Assim o grafite vem das redes globais, materializa-se localmente (na cidade) e do local é novamente colocado no global (na mídia), fechando um circuito que se retroalimenta através da articulação **global/local/global** e **virtual/real/virtual** possibilitando uma renovação contínua desta ação.



Até aqui colocamos considerações sobre questões identitárias e de pertencimento observadas através da articulação do global/local e do virtual/real. A escrita urbana entretanto articula outras questões como veremos na seqüência.

CONSUMO CULTURAL

O consumo cultural foi trabalhado por Nestor Garcia Canclini e nos ajuda a compreender melhor este fluxo de retroalimentação descrito anteriormente.

Em Consumidores e Cidadãos, Canclini elege o consumo para pensar as questões de produção e distribuição de bens culturais e a questão da identidade. Ele faz um paralelo entre as características do cidadão e do consumidor, do Estado e do mercado:

“A América Latina, como se sabe, foi ‘inventada’ pela Europa.” (Canclini, 1999 [1995]: 12)

“através da relação com a Europa, nós, latino-americanos, aprendemos a ser cidadãos, enquanto os vínculos preferenciais com os Estados Unidos nos reduziram a consumidores.” (Canclini, 1999 [1995]: 13)

“É inegável que, nas últimas décadas, a intensificação das relações econômicas e culturais com os Estados Unidos impulsiona um modelo de sociedade no qual muitas funções do Estado desapareceram ou são assumidas por corporações privadas, e a participação social é organizada mais através do consumo do que mediante o exercício da cidadania. ... as identidades se organizam cada vez menos em torno de símbolos nacionais e passam a formar-se a partir do que propõe, por exemplo, Hollywood, Televisa, MTV. Para muitos homens e mulheres, sobretudo jovens, as perguntas próprias a cidadãos, sobre como obtermos informação e quem representa nossos interesses, são respondidas antes pelo consumo privado de bens e meios de comunicação do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação em organizações políticas desacreditadas.” (Canclini, 1999 [1995]: 14)

“sentimos que pertencemos, que fazemos parte de redes sociais, ou seja, ocupamo-nos do consumo.” (Canclini, 1999 [1995]: 44)

A discussão de Canclini aponta para a inoperância do Estado frente a uma dinâmica mais envolvente dos mercados, ou seja, as pessoas sentem-se mais atendidas como consumidores do que como cidadãos. As inovações tecnológicas e comunicacionais são mais eficientes que a máquina do Estado, assim os cidadãos buscam no mercado o que não obtém junto ao Estado. Podemos citar como exemplo O Programa do Ratinho que passa a imagem de que a mídia pode resolver problemas melhor que o Estado ⁴ realizando testes de paternidade ou aproximando famílias separadas. O poder da mídia está justamente na capacidade de construir esta idéia.

⁴ O Programa do Ratinho é um programa de auditório na TV, que entre suas atrações, tem um “serviço” de encontrar parentes que se perderam e de fazer testes de DNA para solucionar questões de paternidade. Todos estes quadros num ambiente de exploração sentimental, seja pela dramatização nos encontros familiares e a sátira nos casos de paternidade.

Outro exemplo pode ser percebido quando uma estação de rádio coloca no ar reclamações sobre falta de água em um determinado bairro visando agilizar o processo de intervenção junto a Sanepar (Companhia de Saneamento do Paraná). Neste caso, é possível que os reclamantes se dirijam antes à mídia do que à própria companhia. A rádio, independente de ser eficiente ou não na solução do problema, dá uma satisfação imediata ao reclamante, pelo fato de colocá-lo no ar, dando visibilidade ao seu problema. A mídia supre os desejos dos queixosos, simplesmente por dar-lhes alguns instantes de participação, de visibilidade. O trabalho da mídia é facilitado na medida que ela não tem a responsabilidade de resolver o problema da falta de água, sua competência está em por no ar a questão e seguir na busca de novos problemas.

Em Consumidores e Cidadãos, Canclini aponta também para a questão do dilema entre cidadania e consumismo, vista através do crescimento de entidades mediadoras como ONGs. Neste ponto também o grafite pode ser visto como fórum desta abordagem na medida que está presente em ações sociais, normalmente articulado por sua vertente ligada ao movimento *hip-hop*.⁵

Stuart Hall também se refere a influência do consumo na construção da identidade através da cultura em A identidade cultural na pós-modernidade.

“Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de ‘supermercado cultural’.” (Hall, 2002 [1992]: 75)

⁵ Sobre projetos sociais e ONGs encontramos considerações na Introdução, item O contato com os escritores urbanos de Curitiba, no Capítulo 1 item Consumo cultural, item Tensões da escrita urbana, no Capítulo 2 item O grafite como (dês)organização e como manifestação (a)política, no Capítulo 3 item As repercussões. Sobre a relação com o *hip-hop* encontramos considerações na Introdução item O contato com os escritores urbanos de Curitiba, no Capítulo 1 item Escrita urbana e item Tensões da escrita urbana.

O consumo cultural é uma abordagem muito interessante na observação do grafite, pois apresenta características da vida urbana contemporânea que influenciam os habitantes da cidade. Possibilitando a construção de uma identidade através do consumo cultural, sendo esta forma de aproximação e pertencimento. No caso do grafite, ao comprar revistas, roupas, escutar músicas e navegar em *sites* especializados, o ator social ingressa no mundo da escrita urbana. A aproximação pelo consumo de bens culturais produzidos pelo grafite é muito significativa.

BENS DE CONSUMO GLOBALIZADOS E DIVULGAÇÃO DOS VALORES DOMINANTES

“Ligo a minha televisão japonesa e o que vejo é um filme-mundo, produzido em Hollywood, dirigido por um cineasta polonês com assistentes franceses, atores e atrizes de dez nacionalidades e cenas filmadas nos quatro países que o financiaram.” (Canclini, 2000 [1989]: 40-41)

Esta colocação de Canclini ilustra a dimensão planetária que os bens de consumo intelectuais têm na atualidade. Disto surgem mais algumas questões: O resultado de produções multinacionais pode ser considerado multicultural? Estas produções podem, ou querem influenciar as questões identitárias? Quais são as forças dominantes ou os modelos ideológicos que gerenciam toda essa cultura globalizada e/ou globalizante? Será uma cultura de todos, ou será a tentativa de impor a cultura de uns sobre os outros? Os consumidores desses produtos culturais são aqueles que se integram ou entregam ao sistema dominante? São considerados “incluídos” aqueles envolvidos neste contexto, e são os “excluídos” aqueles que não consomem estes produtos? Como escolher o que consumir, quais são as opções existentes, quais as opções oferecidas, de que modo e por quem? O que faz com que esses produtos globalizados sejam tão desejados?

Mais uma vez estas questões são trazidas no intuito de visualizar um panorama que nos cerca e confunde.

A produção em série dos conteúdos intelectuais é um assunto complexo, mescla o local com o global e se propaga para atender interesses que se apresentam no plano econômico. Estes conteúdos também são estratégicos para o contexto político. Pela da exportação de valores que interessam aos centros de poder. Através destes bens são veiculados os ideais dominantes. Bens culturais como o cinema Norte Americano apresenta um modo de vida, uma forma de governo, e constroem uma imagem de “superioridade” ao ridicularizar diversos povos como os mexicanos e os alemães para

citar os exemplos mais comuns. Também apresentam seus inimigos mais “perigosos”, como russos e árabes, formatando-os dentro da fórmula do “bem contra o mal”.

Seguindo um raciocínio industrial-capitalista, podemos dizer que: se existe um mercado é possível produzir para ele, caso não exista um mercado, é possível criar necessidades e criar assim novos consumidores e novos mercados mantendo a indústria e a economia crescentes. A invenção de necessidades e bens de consumo serve para reforçar um modo de vida determinado. As alternativas de consumo oferecidas pelos grandes mercados surgem como novas opções de sedução e incorporação dos valores dominantes, sob a justificativa de melhoria de vida e do bem estar do ser humano. Esta fórmula impõe um sistema de valores que busca universalizar-se, sobrepujando outros valores e sociabilidades. Num sistema dominante que produz a imagem de inferioridade para aqueles que discordam de seus valores, e procura desprezar as diferenças locais, gerando enfim, a prepotência típica dos poderes dominantes. ⁶

Em apoio a estes interesses de dominação, existe uma indústria produzindo bens culturais. Bens culturais que são em grande parte criados com o compromisso de atender os valores dos mercados dominantes. Assim, muitos bens culturais são elaborados em função de estratégias mercadológicas e baseados em pesquisas de opinião pública e mercadológica. Existem produtos destinados a públicos muito amplos e também a públicos extremamente restritos. Para tal sofisticação, os perfis dos consumidores são alimentados por bancos de dados ricos em detalhes sobre todos os aspectos do público consumidor. ⁷ Através destes parâmetros são produzidos muitos dos bens culturais que

⁶ Mais à frente serão colocadas considerações que relativizam esta noção absolutista do domínio e tentativa de formatação imanente dos centros de poder.

⁷ Em certos bancos de dados dos chamados países “de primeiro mundo” encontram informações sobre *hobbies*, crenças, interesses sexuais, perversões e um enorme número de dados que classificam o consumidor e facilitam a ação dos distribuidores para atingir seus públicos. Estas informações podem ser adquiridas em cadastros de compra, nas fichas dos cartões de crédito, nas pesquisas que ocorrem sob a forma de entrevista e inclusive no rastreamento das navegações na internet. Já em países como o Brasil, os bancos de dados são

consumimos. Estes bens chegam a nós devidamente adaptados aos nossos “gostos” e nossos “interesses” pessoais.

Assim cabem novas questões: Toda a produção cultural massiva se enquadra dentro deste referencial? Existem produções mais espontâneas, mais descompromissadas com os parâmetros mercadológicos? Onde as encontramos? Os autores (ou grupos), possivelmente descompromissados com este referencial, não acabam seguindo linhas de raciocínio similares e são envolvidos por um sistema englobante? Será que esta é a forma de produção cultural contemporânea?

São questões de difíceis respostas. Mais uma vez, ressaltamos o interesse em levantar questões com a intenção de visualizar um panorama contemporâneo onde a produção industrial, seja ela de insumos, de bens de consumo ou de produção intelectual, se molda a uma determinada situação mercadológica e política. E neste sentido poderíamos afirmar que os manuais de *marketing*, o *ombudsman*, *tele-marketing* e diversas outras ferramentas, juntamente com os interesses de dominação ideológico-políticas surgem para desenhar um cenário de consumo cultural.

Outro fator que pode ser problematizado dentro do contexto descrito é a questão da produção independente. Bens culturais gerados por agentes independentes, como produtoras musicais ou de cinema, têm um papel de renovar o cenário à medida que buscam novos talentos inicialmente descompromissados com os grandes grupos econômicos. Aqui cabe analisar se de fato existe um descomprometimento real. Mesmo que as produtoras independentes não tenham relações pessoais ou comerciais com os grandes conglomerados, estes logo se apoderam dos “novos talentos”. Ao contratar todos aqueles que se destacam nas pesquisas de audiência e adaptá-los às regras dos

considerados muito “pobres” pois só contém informações referentes a nome, endereço, estado civil, filhos, cartão de crédito, número dos documentos, escolaridade e nível sócio-cultural.

veículos de comunicação, interferindo em suas formas de agir ou simplesmente os excluindo da mídia, assinando contratos de exclusividade, pagando bons salários mas não disponibilizando espaço na mídia, até o esquecimento do artista. Desta forma, muitos agentes independentes bem intencionados não passam de caça-talentos dos grandes empreendedores, economizando tempo e dinheiro destes. Poucos são os artistas que superam a sedução da grande mídia.

Enfim, nós, seres urbanos, estamos à mercê de inúmeras ofertas de consumo e pertencimento. Ofertas que querem nos seduzir e cativar, que nos querem integrantes de seus grupos, fazendo parte do rol de afiliados que engrossam seus números para legitimar sua existência como instituição.

Até aqui está sendo esboçado um discurso que coloca uma dominância dos Estados centrais sobre os periféricos. Esta colocação tem como perspectiva a influência que todos os consumidores de produtos culturais recebem grande influência destes centros dominantes.

Estes centros, em um primeiro momento, são as cidades de economia mais desenvolvidas, normalmente as capitais, no caso do Brasil, o eixo Rio-São Paulo. E, no nível global, os locais de concentração e atividades culturais e intelectuais, que normalmente coincidem com os locais economicamente mais fortes.

Estes centros de poder econômico recebem pessoas de todo mundo, pois têm uma capacidade aglutinadora. Eles oferecem maiores e melhores possibilidades de produção e distribuição dos bens intelectuais e culturais. Assim universidades dos Estados Unidos e da Europa e centros culturais como Nova Iorque, Los Angeles, Paris e Londres reúnem muito da intelectualidade contemporânea. Ficando os periféricos em um certo

isolamento, gerando dificuldades de trocas, de contatos, de captação de recursos para pesquisas, de produção, de divulgação e de distribuição.

São nestes centros dominantes que as trocas intelectuais mais amplas acontecem. Para sabermos novidades sobre algum assunto, nos dirigimos aos centros de dominância. Mesmo informações originárias de outros locais são encontradas nestes centros. Ali que estão depositados os conteúdos intelectuais, e de lá eles são disponibilizados para o mundo. Seria, de fato, muito difícil buscar informações, simplesmente vasculhando aleatoriamente em fontes pela Grécia, Tailândia, Noruega, Emirados Árabes e assim repetidamente mundo afora, de forma dispersa. Este oceano informacional é um dilema moderno, através do qual, podemos ter contato e nos envolver com um universo fabuloso de conteúdos de toda a ordem.

O grafite, nos moldes em que estamos abordando, surgiu em Nova Iorque na década de 70 e distribuiu-se pelo mundo ocidentalizado. Por advir dos centros de dominância, ele carrega características próprias destes centros. Sendo este um fator de interesse para nossa análise.

RESISTÊNCIA DO LOCAL (HIBRIDISMO E TRADUÇÃO CULTURAL)

Até aqui, este trabalho, apresentou uma perspectiva na qual as ondas globalizantes inundam e massacram as peculiaridades locais. Vale trazer outra perspectiva, agora inversa, onde podemos perceber a resistência do local apesar da massificação global. Ainda com base em Canclini, agora dando ênfase à sua obra Culturas Híbridas, tentemos verificar como esta resistência pode ocorrer.

A aquisição de padrões e comportamentos universais pelos habitantes da cidade traz uma característica interessante, de um lado encontramos os “tipos urbanos” comuns a todas as cidades; do outro lado as características locais que em maior ou menor grau são incorporadas a estes “tipos”. Por mas universais que pareçam algumas “tribos”, se olharmos mais atentamente podemos verificar que existem peculiaridades locais que as fazem diferentes dos seus referenciais globais.

O habitante da cidade tem um leque de possibilidades e impossibilidades de engajamento, que extrapola os limites geográficos da própria cidade, já que tais alternativas advêm de grupos globais. Mas, localmente ao se integrarem a estes grupos, algumas particularidades características do local do pertencimento se sobrepõem aos referenciais externos.

“a globalização não é um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las.” (Canclini, 1999: 11)

Para abordar o assunto, Canclini analisa a cultura popular ⁸ e desenvolve reflexões sob os seguintes tópicos:

“a) o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais; b) as culturas camponesas e tradicionais não representam a parte majoritária da cultura popular; c) o popular não se concentra no objeto; d) o popular não é monopólio dos

⁸ O termo cultura popular deve ser problematizado dentro do grafite. Por suas características originais do berço norte-americano, seria difícil tratar o grafite como algo popular em seu sentido tradicional. Já por sua característica de surgir espontaneamente das ruas, pode ser observado como algo popular. Assim aqui encontramos uma dicotomia muito interessante na abordagem do grafite.

setores populares; e) o popular não é vivido pelos sujeitos populares como complacência melancólica para com as tradições; f) a preservação para as tradições não é sempre o melhor recurso para se reproduzir e reelaborar sua situação.” (Canclini, 2000 [1989]: 215, 218, 219, 220, 221, 236)

Através destas ponderações o autor mostra que a cultura popular não é algo estático, preso a uma tradição arcaica, mas pelo contrário, um espaço cultural ativo que recebe e assimila as transformações segundo sua própria carga cultural. Onde existe a

“adequação de certos saberes e imagens internacionais aos conhecimentos e hábitos de cada povo.” (Canclini, 2000 [1989]: 310)

Com base nos avanços tecnológicos, nas dimensões que as metrópoles tomaram, em uma população com mais acesso à educação formal e na participação (passiva ou ativa), produção, circulação e consumo dos bens culturais, que surge um novo cenário.

“É nesse cenário que desmoronam todas as categorias e os pares de oposição convencionais (subalterno/hegemônico, tradicional/moderno) usados para falar do popular. Suas novas modalidades de organização da cultura, de hibridação das tradições de classe, etnias e nações requerem outros instrumentos conceituais.” (Canclini, 2000 [1989]: 283)

A cultura urbana é o palco desse hibridismo. A reprodução de padrões globais generalizados também passa por outra particularidade interessante: a descontinuidade espacial entre os produtores e os consumidores dos bens culturais. Os meios de produção e distribuição de conteúdos possibilitam que descontinuidades espaciais sejam supridas com conexões virtuais. Ou seja, ao disponibilizar informações por meios como o cinema, o vídeo, revistas ou livros, as idéias ali veiculadas podem chegar aos mais diversos lugares do planeta, influenciando pessoas que estão geograficamente distantes. A internet ampliou este espectro de influências, pois facilitou o acesso à toda informação que circula pela rede. Hoje a rede virtual possibilita diversos contatos em paralelo.

“a idéia de cultura sugere uma ligação espiritual entre homens, mesmo separados por fronteiras político-geográficas.” (Velho e Viveiros de Castro)

Esta descontinuidade espacial suprida por redes virtuais cria uma característica muito interessante, que é a adequação das ideologias globais às idiossincrasias locais. Assim ao serem assimilados localmente tanto as ideologias como as práticas são traduzidas para os contextos em que se reproduzem. A interpretação dos consumidores

destes conteúdos é dada pelas peculiaridades locais, seus valores simbólicos, contexto e repertórios. Não existe assim uma cópia fiel do original, mas sim uma releitura das ideologias, uma tradução. Quando elementos externos são copiados, imprimem-se neles características dadas pelo contexto local. Esta não é uma característica exclusivamente contemporânea. Sabemos que a difusão de idéias sempre recebe influências locais, dando-lhes peculiaridades próprias. O positivismo brasileiro, por exemplo, não foi idêntico ao idealizado pelos ingleses ou pelos franceses. Cada qual foi positivista à sua maneira.

O grafite também reflete esta peculiaridade de interpretar e implementar ou anexar características locais ao modelo importado. Existe o diferencial do que é “gringo” e do que não é.⁹ O grafite que ocorre no Brasil tem particularidades que o diferem de outros países, o grafite que ocorre em Curitiba também tem suas particularidades. Assim o hibridismo também está presente no grafite. Aqui entre os bens globalizados e as particularidades locais temos a noção de tradução de Homi Bhabha. Onde existe uma tradução destes conceitos gerais para as particularidades locais.

⁹ Apesar de ter surgido nos Estados Unidos, e ter adotado termos, músicas e comportamentos norte-americanos, existem, entre alguns integrantes do grafite críticas ao imperialismo americano. Esta não é uma exclusividade do grafite, inúmeras são as atividades com origens externas que assimiladas pelos grupos locais transformam-se inclusive em símbolos nacionais, o futebol é um bom exemplo disto. Porém, no grafite o vocabulário é tão marcado pelos termos em inglês que as críticas soam estranhas. Entretanto, não posso esquecer que o *design*, disciplina que conheço bem, também utiliza um vocabulário basicamente inglês como: *rough*, *lay-out*, *print*, etc. (sem contar o próprio termo *design*, que apesar de seu radical latino, é uma palavra inglesa). Contudo isto não impede que os *designers* brasileiros batalhem pela identidade nacional de sua produção. O cinema e a informática entre outras áreas, são exemplos irrefutáveis da assimilação de atividades que inicialmente externas são transformadas pelo uso local. Sobre este tema encontram-se considerações no Capítulo 1 itens Resistência do local (Hibridismo e tradução cultural) e item Situações contraditórias nos centros dominantes.

SITUAÇÕES CONTRADITÓRIAS NOS CENTROS DOMINANTES

A oposição que coloca a dominância global de um lado e a resistência do local do outro, encontra um paralelo interessante dentro dos grandes centros de dominância. Ou seja, como decorrência de inúmeros processos, como o migratório (multiculturalismo), foi se constituindo uma periferia nas grandes metrópoles centrais.

Estas periferias de origens étnicas migrantes, não são totalmente aceitas ou assimiladas pelos grupos bem estabelecidos nestes centros dominantes. Melhor dizendo, as minorias não são apreciadas pelo Estado dominador, mas pertencem a ele. Aqui procura-se levantar algumas destas peculiaridades, que chamei de situações contraditórias nos centros dominantes. E dentro destas colocações procuro observar as particularidades que não foram previstas nos projetos dominantes.

A periferia dos grandes centros.

Muitas das "tribos urbanas" norte americanas não refletem o protótipo do "*american way of life*". Há algumas décadas atrás, o cinema, por exemplo, levava ao mundo os padrões de família, trabalho e desejos de consumo dos norte-americanos. Hoje temos na mídia nichos da vida americana que não condizem com o discurso padrão do país.

Exemplos mais contemporâneos apontam para o cineasta Spike Lee, que levou ao mundo a cultura negra norte americana. Outro exemplo muito significativo para o grafite foi o filme *Beet Street* produzido por Harry Belafonte e David Picker e dirigido por Stan Latha de 1984, que apresenta a cultura *hip-hop*. Este filme influenciou os primeiros escritores de grafite do Brasil. Ou seja, a periferia destes centros dominantes, ganha uma face ao ser veiculada através do cinema, televisão, música e internet.

Nasce entre os grupos de excluídos ou periféricos destes centros, um estilo de vida que ganha visibilidade por localizar-se no centro das atenções mundial. Estes grupos utilizam-se de sua situação de visibilidade privilegiada ¹⁰ para difundir suas idéias, comportamentos, vocabulário, vestimenta, música, etc. Fazendo um retrocesso temporal podemos lembrar que o *jazz* também compartilha destas características, nascido entre os negros norte americanos, este estilo musical ganhou o mundo e hoje é apreciado por sofisticados amantes de música.

Os meios de comunicação democratizados.~

Estes conteúdos que desviam do discurso padrão e se espalham mundo afora, utilizam dos mesmos meios de comunicação que divulgam as idéias oficiais, aqueles conteúdos que interessam ao *establishment*. Nos últimos anos vimos um crescimento tecnológico e um barateamento de custos de produção e distribuição de bens culturais tornando-os “acessível a todos”. ¹¹ Conseqüentemente este acesso possibilitou a divulgação de conteúdos que os núcleos centrais da dominância não conseguem controlar.

A internet ¹² é um fator relevante para a questão da transmissão de informações e conteúdos de toda ordem. Através dela são disponibilizadas e transmitidas informações, imagens, sons e vídeos. Por rádios ¹³ e televisões virtuais.

¹⁰ A visibilidade destes segmentos gera uma conseqüência política, de consumo através da cadeia de trocas.

¹¹ O “acessível a todos” aqui não é totalmente amplo, ou seja, não atinge a todas as pessoas literalmente, mas está colocado desta maneira pois se apresenta de uma forma bastante abrangente. A internet por exemplo, oferece *e-mails* gratuitos e pode ser acessada por qualquer cidadão de Curitiba em um Farol do Saber. As rádios comunitárias podem ser desenvolvidas por comunidades relativamente pequenas, pois têm custos bastante acessíveis. A televisão é vista por milhões de pessoas. Surgem as tvs comunitárias que operam com recursos bastante modestos.

¹² Vale lembrar que a internet foi desenvolvida pelo exército norte-americano como uma forma de comunicação que fosse invulnerável a qualquer tipo de ataque. Ou seja, esta rede foi projetada para distribuir-se aleatoriamente em uma infra-estrutura comunicacional (cabos, satélites, transmissores e receptores), no intuito de não ser suscetível a bombardeios em centrais de distribuição ou pela destruição de cabos. O exército americano, temeroso de um modo de comunicação suscetível a boicotes e ataques, desenvolveu um sistema que sempre procura caminhos alternativos, de forma randômica, para transmitir seus dados, utilizando-se de diferentes estruturas físicas para veicular seus conteúdos virtuais. Como conseqüência, este sistema é tão

"A distribuição global dos bens e da informação permite que o consumo dos países centrais e periféricos se aproximem: compramos em supermercados análogos os produtos transnacionais, vemos na televisão os últimos filmes de Spielberg ou Win Wenders, as Olimpíadas de Barcelona, a queda de um presidente da Ásia ou da América Latina filmada ao vivo e os destroços do último bombardeio sérvio." (Canclini, 1999: 53)

Os conglomerados econômicos que adquirem poderes incomensuráveis.

Também vale apontar o fato de empresas multinacionais que transformaram-se em "Estados econômicos". Empresas que espalham-se pelo mundo desconsiderando fronteiras geográficas valendo-se dos benefícios financeiros para posicionarem suas fábricas e escritórios em diversos países. Empresas como a Philip Morris ou Renault abrem e fecham filiais mundo afora balizando suas decisões prioritariamente em fatores monetários, muitas vezes desconsiderando as questões e influências de ordem social. A compra de mega empresas por empresas ainda maiores como exemplo da Sony, empresa japonesa, que comprou uma grande produtora de Hollywood. As redes de televisão que são capazes de derrubar governos. As empresas de programas de informática, como a Microsoft, que confundem o Estado com produtos tão impalpáveis que exige todo um re-ordenamento das relações comerciais, dos códigos de ética estabelecidos, enfim gerando um abalo nos processos convencionados.

O grafite é fruto destas características apresentadas. Ele surge da periferia norte-americana, das ideologias periféricas que vazaram deste centro, e não foram chanceladas pelo sistema. Ele se distribui pelos mesmos canais e com tecnologias semelhantes as que transmitem as ideologias dominantes.

aberto que não pode ser controlado por seus criadores. Assim a internet é hoje uma rede acessível a todos, pois não tem bases físicas centralizadoras e já permite acessos bastante democratizados.

¹³ Para a criação de uma rádio digital para difusão via internet, não são necessários grandes investimentos monetários nem grandes equipes. Na Universidade Tuiuti, no ano 2000, tive a oportunidade de orientar um trabalho de graduação de jornalismo, no qual o autor – Paulo Sérgio da Silva - desenvolveu sozinho, em curto prazo de tempo e dentro de sua casa, uma rádio virtual. Através deste instrumento virtual ele transmitiu ao vivo a defesa de sua monografia pela internet. Como recursos, ele dispunha de um microfone sem fio e um computador conectado à rede com o programa e os protocolos devidamente instalados. Inclusive seus familiares que não estavam em Curitiba, acompanharam sua defesa transmitida "ao vivo" pela rede.

CONTATO COM A RUA

O contato com a rua é um fator determinante para os integrantes do grafite. A rua é um elemento emblemático. Para alguns, transitar pelas ruas é algo natural e agradável, para outros esta ação fica restrita a certos locais e horários e para outros, ainda, pode ser uma atividade assustadora.

Aqui cabe observar a relação do indivíduo urbano com a rua, suas afinidades e receios. A rua pode ser vista como símbolo de liberdade ou pode ser tomada como local da insegurança. O trânsito pelas ruas foi motivo de reflexão para Walter Benjamin no texto sobre o *flâneur*,¹⁴ Texto este que foi analisado por Mike Featherstone.

Featherstone em O *flâneur*, a cidade e a vida pública virtual, traz duas idéias pertinentes a este trabalho. A virtualidade que já foi e será ainda abordada. E também apresenta uma imagem muito instigante para se pensar os escritores de grafite.

“o *flâneur* se entrega ao jogo dos fluxos precognitivos de impressões, associações e lembranças meio informes. Ao mesmo tempo, o *flâneur* registra mentalmente as impressões, durante a caminhada ou em um lugar sossegado, quando volta da rua. Talvez anote suas impressões numa caderneta, tal como um detetive que ainda desconhece o caso que terá de resolver, mas que, por princípio, julga que tudo é ou poderia ser significativo. O *flâneur* desenvolve, portanto, sua sensibilidade estética nas oscilações entre envolvimento e distanciamento, entre imersão emocional e descontrolo, e momentos de registro e análise cuidadosos da ‘colheita aleatória’ de impressões das ruas.”
(Featherstone, 1996 in Arantes, 2000: 192)

“Não se trata de um dom natural ou de uma habilidade herdada, mas algo que compreende uma pedagogia. O *flâneur* mostra a reflexibilidade característica do especialista cultural, artista, escritor, jornalista, intelectual, cientista social ou detetive. Assim, temos ‘o artista que não pinta’, ‘o escritor que um dia vai escrever um livro’.”
(Featherstone, 1996 in Arantes, 2000: 192)

No contato com os escritores de grafite existe uma sensação semelhante, a de encontrar alguém despreocupado em relação a neuroses modernas. A postura de alguém que não tem receio de interferir no território, ou na propriedade alheia, alguém que não tem medo de realizar pinturas e desenhos, às vezes imperfeitos, desenhos que justamente são feitos pelo prazer do momento de sua realização. O escritor de grafite

¹⁴ BENJAMIN, Walter. O *flâneur*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.185-236. (Obras completas, v.3)

não tem nenhum controle sobre sua obra. Exatamente na relação com os controles que o escritor de grafite tem uma postura interessante, a postura de quem está aqui e agora - presente a este momento. Que gera sua arte dentro deste referencial, mas que apesar da efemeridade de sua obra, não se preocupa, pois sabe que não a perderá. Não a perderá pois, ele a faz pelo prazer no momento da ação, ela será vista por muitos passantes na cidade e depois a obra registrada através de fotografias e distribuída nas redes virtuais específicas do grafite será vista por muitos outros.

Sobre as imagens virtualizadas de Featherstone novamente poderemos comparar com o *flâneur*, quando este, se refere ao universo dos hipertextos e da multimídia.

“O leitor é convidado a passear pela rua, a entregar-se a uma pequena *flânerie* textual. O *flâneur*, portanto, não é apenas aquele que perambula pela cidade, algo a ser estudado. A *flânerie* é um método de leitura de textos, para ler os sinais e pistas da cidade. É também um método de escrita, de produzir e construir textos.” (Featherstone, 1996 in Arantes, 2000: 188)

A escrita do *flâneur* logicamente é diferente da escrita do grafite mas a aproximação entre eles se dá na forma diferenciada com que olham para a cidade.

Ainda analisando a imagem da rua podemos citar Gilberto Velho, no texto Parentesco, individualismo e acusações, com a idéia de que:

“situações de impasse *podem* desencadear conflitos sob a forma de acusações, constituindo-se em movimento dramático de tentativa de controle social.” (Velho, 1999 [1981]:67)

Dentro desta idéia o autor apresenta considerações como: o lugar que a família nuclear ocupa no contexto brasileiro contemporâneo; a noção de projeto e a ênfase que a sociedade dá ao desenvolvimento e crescimento econômico com a idéia de acumulação, na qual a perspectiva de futuro é fundamental. Em seu estudo, Velho coloca que as famílias nucleares tinham um projeto claro de ascensão social no qual o projeto dos pais se estendia aos filhos. Com as mudanças sociais mais recentes, surgiram acusações contra o mundo exterior. Em um contraponto com as sociedades tradicionais ele coloca:

“não há aqui acusações de mau-olhado e feitiçaria a figuras marginais, vizinhos ou a membros do universo mais amplo de parentes... A ameaça é vivida como vinda de deficiências psicológicas e morais dos filhos. Isto não significa que não existam acusações contra o ‘mundo exterior’. Este é vivido como permanentemente perigoso e poluidor, mas cabe aos indivíduos que compõe a família nuclear a responsabilidade de enfrentar, defender-se e evitar tais perigos.” (Velho, 1999 [1981]: 74)

Esta idéia de uma subversão que vem de fora, do exógeno, é também apresentada na discussão sobre o desviante. No texto Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea, que tem como base o trabalho com usuários de tóxicos, Velho observa:

“Existe também a idéia de que sua mente (o usuário de tóxico) é corrompida por agentes externos às fronteiras de sua sociedade, tornando-se *massa de manobra* de interesses ‘de fora’. Ele traz coisas ‘de fora’, *contamina* a sua sociedade com o exógeno, *desarruma* e *desorganiza* uma *ordem natural*, com idéias e comportamentos *deslocados* e *disruptivos*. Portanto, ele é um agente traidor, que renega sua pátria. Por conseguinte, temos um verdadeiro complexo de demonologia em que fica caracterizado um comportamento perigoso, maligno, anormal, doente. Parte-se de uma divergência política e chega-se à caracterização de certos comportamentos como nocivos a toda vida social, sendo, portanto, moralmente condenáveis. O subversivo não traz apenas o mal em si, através de suas hipotéticas ligações com forças malignas externas à sociedade; de certa forma ele é visto como um *possuído* por *ideologias estranhas*, *enfeitado* por seres *desumanos* por sua iniquidade e vileza. Por sua vez, o *subversivo* tem tanto possibilidades de *contaminar* como de *enfeitçar*. Ele está contaminado e pode passar a doença e ao ser enfeitado adquiriu a capacidade de enfeitçar.” (Velho, 1999 [1981]: 59-60)

Estas considerações de Gilberto Velho são contextualizadas nos casos de pessoas classificadas como portadoras de distúrbios mentais e usuárias de tóxicos, com bases nos estudos realizados nos anos 70 em camadas altas e médias no Rio de Janeiro. Porém tais considerações são válidas, se transportadas para nosso momento atual. Ao menos no que tange à periculosidade do exógeno. Ou seja, o que vem da rua traz coisas desconhecidas pelo núcleo familiar. Na rua existe a possibilidade de encontrar inúmeros contatos que não estão presentes em casa, que lhe são estranhos e classificados como más influências.

O escritor de grafite vive a rua, ele circula, ele conhece a cidade. O escritor de grafite anda de dia, de noite, de madrugada. O escritor de grafite tem um contato particular com a cidade, tanto com a sua cidade e com outras cidades que ele visita e conhece. Os escritores de grafite viajam e pintam as cidades.

Até aqui foram feitas considerações genéricas, no sentido de estabelecer referencias para se pensar o objeto de estudo deste trabalho. A partir de agora iniciaremos uma nova abordagem focalizando melhor este objeto que é o grafite. Nos itens subseqüentes serão apresentadas as características principais de nosso objeto de estudo.

ESCRITA URBANA

A escrita urbana é o conjunto das interferências visuais através de pinturas e de rabiscos que ocorrem em muros e veículos pela cidade. No Brasil temos dois termos para defini-la, são eles: grafite e pichação.

Considerações sobre grafite e pichação.

Os autores do grafite e da pichação se autodenominam escritores. São eles os responsáveis pela interferência visual chamada escrita urbana. Estes escritores normalmente formam grupos de 2 a 15 integrantes, porém são mais comuns os grupos de 2 ou 3 integrantes. Estes grupos são chamados de *crews* e tem nomes próprios, como por exemplo: PRN (Piás Rápidos Nômades), *Lustres crew*, Art Sul, THC (*The High Capacity*), etc. Os escritores também têm apelidos que utilizam para assinar suas pinturas, como: Cimples, Bolacha, Devis, Ments, etc. Estes atores do grafite pintam normalmente acompanhados de seus colegas, por vezes alguns pintam sozinhos e costumam fazer intercâmbios pintando com escritores de outros grupos, conforme suas afinidades.

O **grafite** se apresenta como uma intervenção urbana que ocorre através da pinturas de letras e desenhos bem elaborados e coloridos. Algumas vezes são realizados legalmente decorrentes de solicitação e consentimento para sua realização. A **pichação** é compreendida como uma ação sempre ilegal, que se expressa através de letras, ou melhor, assinaturas feitas nos mais variados locais e tem uma característica mais anárquica. A distinção entre estas duas formas da escrita é discutida e polemizada entre

estes atores.¹⁵ Os escritores urbanos podem praticar somente uma das formas de escrita ou ambas.



FIG. 10 – Grafite solicitado pelo morador da casa. Próximo ao Supermercado Angeloni, Curitiba, 2002. Bolacha da Lustres Crew. Texto "...em busca de um sol..."



FIG. 11 – Rua Muricy esquina com Augusto Stelfeld, Curitiba, 2002. Texto "Rasguem o dólar, o real é de plástico."



FIG. 12 – Rua Treze de maio, bairro das Mercês, Curitiba, 2001. Texto "Chupe aqui cuzão."



FIG. 13 – Tag no Bairro das Mercês, Curitiba, 2001.

¹⁵ Grafite e pichação formam um par muito polêmico. Da mesma forma que não podem ser dissociados, também não podem ser considerados a mesma coisa. Assim, este dilema perpassa todo o texto, pois é tratado de forma diferente conforme a conveniência do discurso.

Sobre a dicotomia grafite / pichação encontramos considerações na [Introdução](#) item [O encontro de Grafite 2003 – Araucária/PR](#), no [Capítulo 1](#) item [Escrita urbana](#) e item [Tensões da escrita urbana](#), no [Capítulo 3](#) item [Grafite e pichação, algumas pinceladas históricas](#) e item [Novamente a dicotomia grafite pichação](#).

Relação de grafiteiros e pichadores com a escrita urbana.

Nos meus primeiros contatos já foi perceptível uma distinção na postura de escritores de grafite e pichadores na forma com que se relacionam com a escrita urbana. Bem como uma diferente postura daqueles engajados no movimento *hip-hop*. Os escritores de grafite, normalmente envolvidos há mais tempo com a escrita urbana, têm maior seriedade ao tratar do assunto, têm um interesse em preservar e divulgar positivamente o grafite, apresentaram interesse em aparecer na mídia, em participar de eventos, fazer contatos políticos, etc. Já aqueles envolvidos com a pichação, normalmente mais jovens, têm a relação mais despretensiosa ou até leviana. Já os escritores engajados no movimento *hip-hop* apresentaram uma postura mais politizada, têm um discurso que busca sempre a questão da participação política, do envolvimento comunitário e das ações sociais.

Ments (Ctba): "Ola! Meu nome é ments sou um integrante da highcapacity crew. Recebi seu recado, minha mãe disse q vc me ligou duas vezes... sim, sou design tb... ou melhor estudante de design, quanto a entrevista q vc gostaria eu tenho bastante o q falar mais tenho um problema, estou indo viajar amanha e voltarei apenas daqui um mês, se vc poder esperar eu agradeceria e teria o Maximo prazer em representar o real graffiti, caso não possa vc pode me passar as perguntas por e0mail q eu responderei. Obrigado, até mais, ments"

{Transcrição de *e-mail* entre Daniella e Ments - 22/12/2002}

Daniella (Ctba): "Opa, que bom que você recebeu minha mensagem. Por mim não tem problema esperar, o que eu quero mesmo é poder conversar pessoalmente e sem pressa. Fico aguardando contato quando você voltar de viagem. Enquanto isto vou fazer contato com outros escritores, caso você possa me indicar algum nome e algum contato eu agradeceria. Obrigada, Daniella." PS.Descrição do meu projeto.

{Transcrição de *e-mail* entre Daniella e Ments - 22/12/2002}

Ments (Ctba): "muito interessante o seu trabalho!

Acho q desenhar um panorama do graffiti de alguma cidade brasileira é uma tarefa difícil... mesmo porque não tenho noticias de alguém q tenha feito isso. Espero poder te ajudar a representar uma cena real e desejo boa sorte nesse projeto.

Ments – thehighcapacity"

{Transcrição de *e-mail* entre Daniella e Ments - 03/01/2003}

Japo (Ctba): "... eae... Intao, o barato eh o seguinte.... não sei c vc ta ligada no assunto e tal, mas, o grafite é mais ou menos uma produção, com cenário, letras bem desenhadas e tal, colorido, e c pah com uns caracter..... Intao, eu não sei n vo pode t ajudar nisso não, pq o q eu realmente faço é throw up.... BOMBS.... q são apenas letras meio simples com mais ou menos 3 cores deferentes..... e pixo.... Mas mesmo assim c tu quiser uma mao..... tamos ae..... Teh mais...."

{Transcrição de *e-mail* entre Daniella e Japo - 07/01/2003}

Aspem (Ctba): "Eu quero dabe aonde vc achou meu tag, e porque vc nao faz entrevistas por e-mail ou fone, há e meu negócio é pixação ta ligado que grafite sai muito caro hoje em dia mais qualquer coisa tamo ai!!!"

{Transcrição de *e-mail* entre Daniella e Aspem - 08/01/2003}

Os escritores na cidade.

A cidade de Curitiba está bastante afetada pela escrita urbana. Encontramos pichações e grafites em praticamente todas as ruas. Do ponto de vista geográfico não existem áreas significativas sem estas marcas. Já na busca do escritor de grafite este mapeamento se torna mais complexo.

A dispersão do grupo dentro da cidade e sua mobilidade são fatores que complicam a pesquisa. Os escritores de grafite estão mesclados com a própria cidade, estão dispersos, só se expõem no momento da ação. Em suas rotinas estes atores estudam e trabalham ou não estudam nem trabalham, e se dedicam ao grafite nos momentos possíveis, da mesma forma que o pescador pensa em sua próxima pescaria; o "boleiro" pensa no próximo jogo de futebol; o artista pensa em seu próximo espetáculo; o comerciante pensa em seu próximo negócio; o cientista pensa em sua próxima descoberta; ou até, o conquistador que pensa em seu próximo romance e o consumidor que pensa em sua próxima compra. Assim o escritor de grafite leva uma vida comum em uma cidade comum e sai para pintar quando isto é possível.

As pinturas deixadas nos muros também não possibilitam um mapeamento geográfico destes atores, pois os escritores circulam por toda a cidade e deixam marcas por todas as partes, não chegando a criar vínculos territoriais em um determinado bairro ou região. Inclusive a expansão dos territórios pintados é desejada pelos escritores. Algumas assinaturas incorporam códigos de território como Z.N. (Zona Norte), referindo-se ao local de moradia dos escritores, porém este também não surge como um fator determinante. Pois não são todas as pinturas que agregam o código territorial, bem como encontramos estes códigos por toda cidade, Z.O. (Zona Oeste) aparecem em bairros do sul da cidade e assim por diante.

Devido a esta dispersão, não é fácil localizar estes escritores na cidade. A convivência diária com estes atores é muito difícil, acompanhá-los em suas rotinas é praticamente impossível. Somente uma pesquisa mais extensa, com muitos pesquisadores envolvidos, poderia elaborar um mapeamento melhor. Este trabalho não apresenta a plenitude dos escritores urbanos de Curitiba, não resultando em um levantamento estatístico deste grupo.

O trabalho com apenas alguns informantes e a impossibilidade de visualizar a totalidade do grupo, dificulta o detalhamento de dados como: faixa etária, gênero, etnia, classe social e escolaridade destes atores. O pertencimento ao grafite não é definido por nenhum destes referenciais especificamente. Da mesma forma que podemos encontrar atores masculinos, brancos, de classe média baixa, de média escolaridade, com mais de 25 anos, também podemos ter atores femininos; e/ou negros, japoneses; e/ou de classes média alta, baixa; com curso superior e/ou primeiro grau incompleto; e/ou com idades inferiores a 15 anos. Enfim, são inúmeras as combinações possíveis no pertencimento do grafite. A melhor referencia obtida foi no Encontro de Araucária onde a maioria dos participantes era masculina, branca e menor de idade.

A possibilidade da mistura sócio-etno-cultural-etária, entretanto, é complexa para os próprios atores entrevistados. Como pode ser observado no seguinte exemplo: Ao conversar com um jovem de 14 anos e de classe média, residente em um bairro central, percebi que ele acreditava que a maioria dos escritores de Curitiba teria uma origem como a sua. Já ao entrevistar um rapaz, de aproximadamente 20 anos, estudante, com emprego fixo, também de classe média, residente na periferia, percebi que ele acreditava que a maioria dos escritores urbanos possuíam como ele uma origem suburbana. Ou seja, estes escritores percebem que ao seu redor existem muitos adeptos do grafite e/ou pichação e conseqüentemente acreditam que seu referencial particular vale como regra geral.

Este exemplo, juntamente com o depoimento do organizador do Encontro de Araucária, dizendo que não conhecia a maioria dos participantes do evento, demonstra a dispersão do grupo e a dificuldade em estabelecer referenciais mais concretos. Uma estimativa superficial indica, pelo menos, 300 pessoas em contato com a escrita urbana em Curitiba.¹⁶

Apesar da dispersão, existem alguns escritores que são conhecidos por todo o grupo. Estes escritores são identificados pelo resultado de sua atividade, ou seja, por articularem adequadamente variantes como: a quantidade de suas pinturas; e/ou a periculosidade de seus ataques; e/ou seu estilo artístico; e/ou sua atuação na produção e divulgação do movimento através de fanzines e/ou sites. Enfim, inúmeras ações destacam aqueles mais antigos ou com uma atuação marcante. Estes escritores passam a ser referenciados e reverenciados por todo grupo, ganham notoriedade e um *status* diferenciado.

O grafite assim se organiza prioritariamente sobre sua práxis.

Revista Graffiti: "O que você acha que é necessário para um cara adquirir respeito no meio do graffiti?"

Nóis (SP): "Respeitar a si mesmo e pintar muito, porque o trampo dos caras fala por eles. Se está na rua, quem vê, sabe. Se o cara pintar na rua e fazer o graffiti, a verdadeira essência, fazer o que gosta, você vê que no trampo do cara, que é ele que está ali, fazendo a parada. É simplesmente você fazer aquilo que te dá vontade, naturalmente você obtém reconhecimento. Muita gente quer sair em revista, aparecer em site, sair em vídeo, mas, os caras vão ver seu trampo na rua, ele vai aparecer em algum lugar e vão saber se você existe. Eu acho que se obtém respeito fazendo vários tramos, quanto mais você trabalha,¹⁷ mais respeito. Eu acho que, ao mesmo tempo, uma coisa que é importante, é você fazer diferentes modalidades de graffiti. Estar fazendo um *throw up*, um *bomb*, algumas produções e estar em todo lugar. Qualidade e quantidade aliadas. O importante também é não ficar falando muito, tem cara que fala de mais e trampa de menos. Eu acho que o trampo fala pelo cara. Você tem que ser você, independente de fazer graffiti ou

¹⁶ Esta informação é superficial pois é baseada na tiragem de um fanzine local chamado Destrói. São 300 fanzines impressos a cada edição. Estes fanzines se esgotam rapidamente e tem como forma de distribuição a venda direta (o autor sai vendendo), as lojas especializadas (em cultura de rua, especialmente *hip-hop*) e a internet. Não conta com sistemas organizados de distribuição. Este número pode se ampliar se levarmos em conta que cada fanzine pode ser visto por mais de uma pessoa (o mercado editorial convencional das grandes editores avalia que cada revista comercial seja vista por 3 pessoas). Se considerarmos que cada fanzine atinja 3 pessoas, o número de pessoas que tem contato com este veículo chega a quase mil. Deve-se, entretanto, considerar que muitos destes consumidores apreciam o grafite, mas não o praticam.

¹⁷ Sobre a abordagem que cita trabalho e *hobby* encontramos considerações no Capítulo 1 item Escrita urbana, no Capítulo 2 item Os escritores urbanos: trajetões e trajetórias, no Capítulo 3 item Os escritores urbanos: trajetões e trajetórias.

outra coisa. Tem cara que diz: 'Sou vândalo'. Eu acho que o negócio é ficar quieto. Em boca fechada não entra mosquito."
 {Transcrição da revista Graffiti: Binho entrevista Nóis} - Grifo meu.

Agora vale pensar o grafite em comparação a outras práxis. O que tem o grafite de diferente em relação a outras manifestações sociais urbanas?

Pensado *lato sensu*, o grafite faz parte de uma grande variedade de escritas urbanas. A cidade é repleta de imagens, textos, mensagens espalhadas por placas, painéis, fachadas e *outdoors*. Por este ângulo a grafite não inovou na qualidade de gerar comunicação visual. As fachadas e vitrines já fazem parte do cenário urbano há décadas, as mídias de rua, como *outdoors* e mais recentemente os painéis luminosos já foram assimilados pelos habitantes das cidades.

Podemos aqui considerar que o grafite já tinha antecedentes de interferência visual aceitos pela sociedade urbana, pois estes espaços visuais já haviam sido invadidos pela publicidade. A poluição visual já existia. Podemos até argumentar que estas apropriações anteriores de certa forma (in)validam a existência do grafite.

Mas resta a questão: Porque este grupo faz desta escrita urbana, o grafite, seu meio de expressão e de identidade? Ou Por que este grupo precisa se arriscar e investir em uma atividade que se coloca no limite da percepção entre o permitido e o proibido? Quais as características que diferem sua prática das outras escritas urbanas?

A esta questão vale observar que uma diferença fundamental que existe no grafite e na pichação diferentemente de outras atividade é uma postura ativa, rebelde, anárquica, descompromissada com os valores estabelecidos sejam morais ou econômicos.

Revista Graffiti: "Como você vê a cena dessa nova geração?"

Oneto (SP): "Eu acho bem legal, porque a maioria dos moleques que estão vindo agora, tem a essência de fazer graffiti, aquela coisa ilegal, não estão se preocupando em fazer para ganhar espaço, dinheiro e sim pintar por prazer e diversão. Mas falta informação para

alguns, existem muitos que ainda fazem só para ficar falando para o outro e o graffiti não é isso, o graffiti é sigilo, acima de tudo. Não é uma coisa legal, é ilegal, então, o cara tem que saber mais o que ele está fazendo na rua. Fora isso, a molecada está mandando legal, tem umas idéias boas, muitos artistas com propostas diferentes, que não ficam tão baseados nos americanos e europeus e procuram uma linguagem própria. Aqui a gente tem essa vantagem." {Transcrição da revista Graffiti: Binho entrevista Onesto}

Todo envolvimento e pertencimento a um grupo qualquer pressupõe ações. Os roqueiros, por exemplo, se articulam com outros colegas e organizam suas bandas, consomem bens relacionados ao universo do *rock*, compartilham códigos, compram seus instrumentos, fazem espetáculos, são vistos por muitos outros roqueiros, podem ou não ter retorno financeiro de sua atividade. Mas, como eles atingem os outros cidadãos? Fazem barulho, incomodam e recebem reclamações, também taxações de vagabundos ou drogados. Mas estão na legalidade. Já os escritores urbanos, também se articulam com outros colegas e organizam suas *crews*, consomem bens relacionados ao universo do grafite, compartilham códigos, compram tintas, fazem pinturas (ilegais e legais), são vistos por muitos outros apreciadores da cultura de rua e também são vistos por todos os cidadãos e dificilmente tem retorno financeiro de sua atividade. Fazem sujeira, incomodam e recebem reclamações e também taxações como vagabundos e desocupados. Mas não estão na legalidade, invadem a propriedade alheia. Diferentemente dos roqueiros que invadem o espaço sonoro, os pichadores e grafiteiros invadem propriedades que não lhes pertence. Diferentemente dos roqueiros que somente perturbam a vizinhança a escrita urbana invade a cidade por inteiro, marcando seus espaços nos espaços dos outros. Causam prejuízos monetários para os proprietários dos imóveis.¹⁸

Verificamos aqui alguns pontos de relevância da escrita urbana. A invasão, a apropriação do espaço, a conduta desviante, o "absurdo" de gastar dinheiro para fazer

¹⁸ A questão dos prejuízos monetários é um fator interessante se pensado pelo ponto de vista das empresas de tintas ou na indústria química de produtos removedores de *spray*. Estas empresas têm grande lucro comercializando estes produtos. Ver também no Capítulo 3 item As repercussões.

sujeira ou para fazer algo para os outros sem receber nada em troca ¹⁹, a fugacidade desta prática. Estas são incongruências se pensadas sob a perspectiva de investimentos que devem ter retorno material. Na verdade é compreendido como absurdo, arriscar-se, sujar, gastar para fazer algo que não dá dinheiro. Porém a satisfação de uma atividade realizada pelo prazer, é compartilhada por qualquer um que tenha um *hobby*. ²⁰ Esta crítica é enfrentada pelos escritores urbanos em todos os lugares, inclusive dentro de suas casas.

Agora, tomando como referência algumas colocações dos próprios atores da escrita urbana, visando observar seu ponto de vista para nos aproximarmos do fenômeno do grafite. ²¹

Site Escrita Urbana: “Vc viu de perto e fez parte da evolução do graffiti brasileiro nesta ultima década. Diga o que vc acha do rumo que tomou até chegar no que é hj no Brasil..”

Onesto (SP): “O Graffiti brasileiro é reconhecido no mundo inteiro por sua originalidade. Temos excelentes Writers que representam muita bem a criatividade Brasileira, mesmo utilizando-se de materiais inferiores aos dos gringos. Hoje é bem mais fácil se iniciar nessa arte, devido à facilidade em se obter informação: Internet, Vídeos e Revistas. É claro que tem alguns caras fazendo muita merda pelas ruas, mas isso é inevitável. Eu mesmo já fiz muita e ainda acho que faço, a única diferença é que hoje compreendo um pouco mais “o que é fazer Graffiti”. Avalio meus atos e faço apenas o que acho que é bom pra mim, sem me preocupar se outras pessoas irão gostar ou não do resultado. No Mundo inteiro existem pessoas mal informadas e é isso que faz a diferença entre uma coisa boa ou outra ruim. Aqui a mídia é campeã em querer distorcer os fatos. Sempre quando vão referir-se a Graffiti estipulam quem são os bonzinhos (os que fazem Graffiti colorido) e os malvados (os que fazem apenas tags retos). Não tem essa, tudo é Graffiti! Qualquer um, se quiser pode e deve fazer Graffiti, mas como qualquer outro tipo de atividade requer estudo e treino. Para Bombardear também é necessário se alto disciplinar. Não é fazendo qualquer coisa, de qualquer jeito que se alcança um objetivo. O que vejo hoje é que tem muito cara fazendo Graffiti apenas para obter fama, porque acha que ta na moda, etc. Felizmente esses logo param.”

{Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001}

Site Escrita Urbana: “No ano de 1997 você esteve no Brasil. O que você achou da cena do graffiti? Quem você conheceu aqui?”

Ver (Califórnia): “Em 1997, quando fui aí, foi um momento fascinante e muito interessante para mim . Assim que cheguei em São Paulo vi todas aquelas pixações feitas

¹⁹ A ironia de chamarem esta prática de “trabalho” aponta para outra questão que será tratada no Capítulo 3 item Os escritores urbanos: trajetões e trajetórias.

²⁰ Podemos apontar outro *hobby* que compartilha de muitas semelhanças com o grafite, os balões. Os baloeiros são aficionados por projetar, construir e soltar balões, esta também é uma atividade proibida, que causa graves problemas decorrentes das queimadas que pode gerar, e mesmo assim possui muitos integrantes que se reúnem, que gastam grandes quantias de dinheiro para fazer algo ilegal. Os balões também têm livros publicados, reúnem grande número de pessoas, inclusive personalidades como Zivaldo e Carlos Heitor Cony. Sobre a abordagem que cita trabalho e *hobby* existem algumas considerações no Capítulo 2 item Os escritores urbanos: trajetões e trajetórias.

²¹ Uma breve biografia dos escritores citados pode ser encontrada na Introdução no item A forma de abordagem o tópico Sobre os atores.

com rolinhos, e levou uns dias para eu entende-las, pois nunca tinha visto nada deste tipo aqui. Mas ao mesmo tempo, a cultura hip hop de São Paulo me lembrou muito a Old School de New York, com os b.boys, e a evolução do Graffiti. Quando cheguei aí encontrei os Gêmeos que me levaram em toda São Paulo para bombardear, e através deles conheci muita gente da cena, como o VITCHE, ONESTO, AMIGO, SELO, NINA e muitos b.boys como a Back Spin break dance Crew. Daí segui para o Nordeste do Brasil (Recife e Maceio). Lá não tive a chance de encontrar nenhum graffiteiro, mas mesmo assim bombardeei com tags, aqui e ali. Foi uma viagem ótima.”

{Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Ver}

A escrita urbana desperta muitos comentários pois é percebida e vivida por muitas pessoas. Como todos os habitantes da cidade de uma forma ou de outra são atingidos por esta manifestação, o conjunto de opiniões sobre ela é muito vasto. Assim se optou por relatar fatos que expõem algumas manifestações sobre o grafite em Curitiba.

Ments (Ctba): “Minha chegada em Curitiba assim, não foi difícil, foi fácil até assim. Conhecer o pessoal entrar em contato com quem faz grafite aqui assim, não foi uma coisa difícil assim, tipo, não sei, eu acho que quem já vive no meio sabe como, os caminhos pra chegar nisso. E da onde eu vim, por exemplo, não tinha loja de grafite, aqui tem uma praticamente, uma loja..., aqui tem duas praticamente, lojas relacionadas a grafite. Então quando eu vi a loja, fui lá direto, já entrei em contato com quem tava por lá assim. (interrupção Daniella: Esse foi o canal que eu tive também acesso mais facilitado.) É pra você chegar assim ao pessoal que faz grafite, acho que quando tem uma loja de grafite ou um lugar onde eles se reúnem, acaba unindo mais... é... esse povo, o pessoal assim que faz grafite. E a minha incisão (ou inserção) na cidade, que eu tive assim, como eu vim para uma cidade maior que... que é Volta Redonda e... me deparei com uma cidade maior e eu logo pensei assim: ‘- É mais espaço pra mim pintar, né...’, vou ter mais espaço, mais oportunidades de tá pintando em lugares diferentes e ao mesmo tempo eu tive a visão assim, que eu posso tá fazendo um grafite hoje e que eu não vou ver nunca mais assim. Por que, por exemplo, vou pintar lá no sul de Curitiba, lá daqueles lados, e pode ser que eu volte lá daqui uns cinco anos assim, ou senão que eu pinte e eles apaguem no mesmo dia o grafite.”

{Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew –29/01/2003 - p.1-3}

Xerox (Ctba): “Brincar de esconder em Curitiba: ass. X Ass. – Curitiba, está tomada de tag em todos os lugares do centro da cidade, em um fenômeno que não existe em outros lugares do Brasil. Apesar de haver em São Paulo a disputa com o Tag-Reto, em Curitiba o esquema é diferente, com o Tag feito de canetão e nugget e outras coisas mais. Os “writers” fazem Tag só por diversão, para “brincar” no jogo de quem vence é o cara que tem mais ação nas ruas. Assim como no Break a disputa é escancarada, os escritores estão disputando com assinaturas na rua, seja no estilo ou quem faz mais alto, tem muita coisa engraçada, e as vezes até curiosas. O Tag é feito nas paredes baixas, sempre um perto do outro. A disputa é de vários grupos, acirrada, noite e dia sem trégua, uns provocando ou outros, para ver quem faz mais ou se sai melhor. Os donos de lojas e outros estabelecimentos comerciais, entraram contra os escritores, tentam conter a fúria dos grupos apagando as assinaturas. Cresce a cada dia essa disputa entre os escritores, cada um fazendo o que sabe, mas sem agredir uns aos outros. No apetite de fazer mais e mais, os escritores ficam mais expostos a repressão da Polícia e dos seguranças, sendo, algumas vezes, alvo de agressão. Em uma conversa franca e descontraída, entrevistamos dois dos principais Grupos que estão nesta guerra, Lde (Nykel) e Fuk (Mhosk, Thickes, Bhype, Dhelko).”

{Transcrição do zine *Destrói* n.9 - 2002/2003}

Dape (Ctba): “Olha a maioria q eu passei pra você axo q vao falar q fazem throw up q eh uma espécie d preliminar do grafitte mas é pq existe poucos q faze graff em ctba os q eu te passei axo q vão passar contatos d graffiteiros pra vc”

{Transcrição de *e-mail* entre Daniella e Dape – 07/01/2003}

Site Escrita Urbana: “Curitiba – Cidade Holograma: Tudo que se ouve falar de Curitiba é que é a cidade mais arborizada do país e que lá a ecônomia e em estavel e as pessoas tem um nível sócio-ecnômico bem alto, tapando assim muita coisa que acontece nos lugares mais afastados. A violência urbana em Curitiba é forte e escondida pels políticos e pela mídia, assim como o vandalismo, onde além de esconde-lo, fazem campanhas idiotas para

acabar com ele, encinando os moradores a pintar os pixos logo no dia que eles aparecem, dizendo que assim o pixador vê que foi apagado e não volta mais. Pelo jeito não adianta muito, pois a capital do Paraná, depois de São Paulo, parece ser a cidade mais pixada e bombardeada do Brasil. Confira as fotos para entender um pouco mais da cena desta cidade”

{Transcrição do site [Escrita Urbana](#)}

Site Escrita Urbana: “Você visitou Curitiba para pintar. Como foi e o achou da cena local?”

Onesto (SP): “Já havia ido lá outras duas vezes, sempre para pintar e cada uma dessas ‘visitas’ foi uma experiência diferente. Da primeira vez não vi nenhum graffiti. Não trombamos ninguém que o fizesse aí foi foda pra pintar de dia, ninguém entendia o que estávamos fazendo, sempre rodávamos ou nos reprimiam. De noite já foi diferente, até tentei pintar um trem junto com o Kinho, mas o meu ficou pela metade porque tivemos que sair correndo. Apareceu um cara armado e fez a gente praticar um Cooper. Da segunda vez fui a convite do Cimples, com a intenção de registrar um pouco a cena local para mostrá-la no vídeo A Invasão 2. Só ficamos dois dias mais deu pra ver que as coisas já estavam bem diferentes, já tinha alguns caras pintando. Da terceira fui apenas Bombardear. Só zoeira! Pintou até uma viagem para o Rio de Janeiro com uma galera de B-Boys, o DJ Primo e outros caras que iriam participar de uma apresentação por lá. Foi muito legal. Sempre tive vontade de conhecer a ‘Cidade Maravilhosa’, mas faltavam oportunidades. Eu, o Cimples e o Over nos separávamos do grupo pra conhecer a cidade, pintar e zoar pra caralho. Só voltávamos pra comer e dormir. Foram apenas dois dias, mas me pareceu uma semana de tanto que aproveitei o role.”

{Transcrição do site [Escrita Urbana](#): Gripe entrevista Onesto - 2001}

•

Vale também apresentar também considerações feitas sobre o grafite local por outras mídias e outras fontes.

Em 1998 (de 26 de junho a 26 de julho) foi inaugurada a [Casa Andrade Muricy](#) um espaço da Secretaria de Estado da Cultura, destinado a exposições de arte. A exposição inaugural chamou-se [American Graffiti](#) e trouxe obras de artistas nova-iorquinos. Juntamente com a exposição foi editado um catálogo apresentando as obras. A seguir transcrevo alguns trechos deste catálogo.

Na abertura do catálogo tem um texto assinado pelo Governador Jaime Lerner sob o título [Uma casa para o mundo](#) que diz:

“... certamente foi muito boa escolha. A pintura baseada nos grafites de rua da Nova York dos anos oitenta nos chega hoje como arte reconhecida em todo mundo” ... “estamos dotando Curitiba e o Paraná de um dos mais modernos e importantes complexos culturais do país” ... “justa a homenagem ao crítico (Andrade Muricy)... que nunca deixou de estar atento às manifestações artísticas e culturais do Paraná”. {Catálogo da exposição}

Seguiu-se a este, o texto da Secretária de Cultura Lúcia Camargo:

“O encontro das mais importantes galerias de arte do mundo com a manifestação anárquica das ruas ocorreu na década passada” ... “esta magnífica exposição abrirá o caminho de outras mostras nacionais e internacionais de grande expressão”. {Catálogo da exposição}

O catálogo é complementado por um texto de Giselle Beiguelman, doutora em história pela USP (Universidade de São Paulo):

“rediscute esteticamente tensões sociais e relações de exclusão no espaço urbano, conferindo ao graffiti nova-iorquino dos anos 80 um outro lugar na história da arte. Um lugar de disputa e negociação de outra historicidade com outras formas de experimentação da arte e do espaço público.” {Catálogo da exposição}

Em nenhum momento este catálogo trouxe menção ou fez referência ao grafite nacional ou regional.

Em 2001 a UNICEMP (Centro Universitário Positivo), propôs a PMC (Prefeitura Municipal de Curitiba) uma atividade que envolvesse os alunos e a comunidade. Esta proposta envolvia o grafite. A sugestão dada pela faculdade era fazer com que seus alunos do curso de arquitetura e urbanismo criassem painéis de grafite sobre as etnias do povo curitibano, e que os grafiteiros realizassem a pintura nos espaços cedidos pela prefeitura. A sugestão bastante impositiva foi divulgada no *site* da prefeitura como pode ser verificada nos trechos seguintes.

“O curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Positivo (Unicemp) vai estabelecer como atividade permanente de seu escritório-modelo a elaboração, pelos estudantes, de projetos de grafite para os muros da cidade. ... Para o coordenador do curso de arquitetura, Carlos Eduardo Botelho... ‘A escola particular, em especial, tem uma tendência ao isolamento e este trabalho com o Ippuc está sendo uma oportunidade para que os estudantes reflitam sobre o interesse público.’... De acordo com o supervisor de planejamento do Ippuc, Ricardo Bindo, a prefeitura pretende incentivar o grafite como uma manifestação de arte urbana e a participação universitária neste processo é fundamental, porque os estudantes fazem a compatibilização do grafite com o contexto urbano. ... Um levantamento realizado pelo instituto junto às Administrações Regionais revelou a existência de um total de 20 mil metros quadrados de espaço para receber pinturas de grafiteiros. ... Hoje muitos destes espaços estão tomados por pichações, e um dos objetivos do incentivo ao grafite é, justamente, inibir a ação dos pichadores. ... Atualmente, oito estudantes estão envolvidos na elaboração dos painéis do asilo São Vicente. ... os trabalhos realizados pelos estudantes deve ter uma conotação social e servir a comunidade ... ‘Ao idealizarem os painéis, os estudantes os alunos contribuem para enriquecer a paisagem urbana’, diz Ribeiro (professor que coordena o escritório modelo). ... Os estudantes escolheram as etnias ucraniana, alemã, árabe, japonesa, portuguesa, polonesa, italiana e espanhola para compor os painéis que serão pintados no asilo São Vicente. ... Cinco grafiteiros foram contatados pelos estudantes e vão se incorporar ao trabalho na etapa final, que é a pintura do muro. ... ‘O Ippuc está resgatando uma tradição de Curitiba que vem da década de 70 e, com isso, espera conquistar os grupos de adolescentes e jovens que se dedicam ao grafite e também aqueles que usam a pichação como forma de expressão’, disse o presidente do instituto,

Luiz Hayakawa." {Transcrição do texto: Universitários farão projeto de grafite para muros de Curitiba, publicado no *site* da Prefeitura Municipal de Curitiba - 08/09/2001} – Grifo meu

Esta iniciativa excluía os escritores urbanos do processo inicial do projeto, colocando os escritores urbanos somente com executores das pinturas. Ao tomar conhecimento deste fato, uma informante, fez a seguinte colocação: - "Eles podem fazer que depois o pessoal vai lá e bombardeia tudo." Referindo-se ao fato dos escritores urbanos cobrirem a pintura realizada com assinaturas e grafismos.

Em 2002 (de 18 a 31 de julho), foi montada uma exposição no SESC direcionada ao público infanto-juvenil, mostrando como fazer grafite tendo o papel como suporte. Esta exposição contou com uma oficina ministrada pelo artista plástico Marco Jacobsen. Tive oportunidade de conversar com o artista e, ele me disse que trabalhava com o grafite como técnica expressiva, que não realizava a pinturas na cidade e não fazia parte de grupos de grafite. Em nossa conversa ele confirmou o caráter inibidor que havia sido colocado pelo órgão promotor do evento.

Juntamente com a exposição havia materiais gráficos na forma de história em quadrinho. A revistinha do SESC nº3, com o título Sujou! e a chamada com o *slogan* "Cidade sem pichação é melhor", traz o personagem infantil "Sescílio" (mascote do SESC) defrontando-se com o convite de participar de uma pichação. A história acaba com uma lição de moral creditada a outro personagem infantil que diz:

"- Na verdade vocês estavam pichando! Pichar é o mesmo que alguém entrar na sua casa, quebrar e roubar algo seu... vocês podem ser presos por pichar. É crime!!! A diferença entre pichar e fazer grafite é muito grande! Quem picha muro não tem imaginação, porque faz um rabisco que ninguém entende e ninguém gosta. A pessoa que pichou, ao invés de enfeitar, ela suja o muro e é por isso que pichar é crime, porque suja e destrói aquilo que é seu, meu, dele e de todos: a nossa cidade. Mas fazer grafite é bem diferente. Quem faz grafite tem orgulho de dizer e mostrar pra todos os seus desenhos; não precisa esconder pra fazer... precisa ter dedicação e esforço. E também não pode sair pintando qualquer muro em qualquer lugar... precisa ter autorização do dono do imóvel pra fazer o grafite."
{Transcrição da revista Sescílio em: Sujou!!!: História em quadrinho publicada pelo SESC Paraná; Realização: Coordenadoria de Divulgação / Assessoria de Marketing; Os personagens, roteiro e ilustrações desta publicação são de propriedade de *Industry Design & Publicidade*.}

Outra história em quadrinho, intitulada Pichação é a maior sujeira!, foi direcionada ao público juvenil, conforme o trecho abaixo mostra:

“- Ei, você! Não faça isso!”

“- Mas eu só quero me expressar!”

“- Eu entendo sua vontade, mas sujar a cidade não é a única forma de se expressar. Você pode até ser preso por isso.”

“- Tá, mas eu prefiro correr o risco.”

“- Não se engane meu amigo. Venha. Quero te mostrar uma coisa. Também sou grafiteiro, conheço técnicas que podem transformar você em um artista!”

{Transcrição da revista Pichação é a maior sujeira!: Deixe sua arte fora dessa: História em quadrinho publicada pelo SESC Paraná; Copyright © 2002 *Industry Design & Publicidade*}

Em outubro de 2003, umas pinturas diferentes surgem nos muros do centro de Curitiba, estas pinturas fazem parte do Projeto Gestalt, da UFPR curso de Arquitetura e urbanismo, através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura com apoio de Tintas Sulvinil.

“O processo da percepção e interpretação dos estímulos visuais tem grande importância para o estudo do comportamento humano. Com base nesta linha de raciocínio, a escola alemã Gestalt buscou demonstrar com teorias e pesquisas que a percepção do mundo das formas pelo homem transcende a simples soma das partes integrantes num processo onde tão importante quanto a organização visual de um conjunto são também as condições externas que influem sobre o que se está vendo, como por exemplo: o tipo, a quantidade e a qualidade da luz. E luz é cor!

As cores influem decisivamente no estímulo da visão e do espírito. Elas estão carregadas de significados, condicionados pela cultura e a experiência de cada um de nós. Elas transformam simples muros em pontos atrativos, modificando singelamente a paisagem. A aplicação dos estudos da Gestalt no ensino da arquitetura e áreas afins permite gerar composições criativas e provocantes, como as que você está desfrutando neste muro (o dos locais indicados).

O objetivo deste trabalho, viabilizado pelo apoio da comunidade e de várias instituições a quem se deve agradecer, é demonstrar e percepção dos nossos alunos que muito além do simples agrupamento de formas e cores, agregam às suas composições significativos valores individuais numa justa homenagem à Cidade de Curitiba e sua população”
{Transcrição do material de divulgação do projeto; Texto do Dr. Paulo Chiesa xgx, Coordenador de Cultura PROEC/UFPR, Professor de Estudos da Forma CAU/UFPR, out.2003}

Este projeto é interessante na medida em que foi implantado na cidade pelos estudantes de arquitetura e que não se refere ao grafite já existente. Inclusive uma das pinturas é feita em um muro tomado por grafite e respeita os limites deste.



FIG. 14 - Postal do Projeto Gestalt, Curitiba, 2003.

Na mídia impressa encontramos diferentes abordagens sobre a escrita urbana, como podemos verificar nos títulos das matérias abaixo relacionadas:

Grafitheiros fazem arte em muros: aspecto sujo dos muros de Centro Cívico deu lugar as gravuras coloridas do grafite {Flaviane Galafassi; Jornal do Estado; Curitiba; 19/07/1999}

Prefeitura de Curitiba se rende a grafitheiros: o principal motivo é a utilização da técnica contra as pichações que consomem R\$ 5 mil por mês em obras de recuperação e Pichação lidera as ocorrências de vandalismo: comissão criada para resolver o problema, no entanto, apenas “mapeou” a ação dos pichadores, sem puni-los efetivamente {Marina Dória; Gazeta do Povo; Violência e vandalismo; 08/08/1999}

Escola deixa alunos desenharem nas paredes: professores deram tintas e estudantes puderam pintar em salas de estabelecimentos; vandalismo foi reduzido quase a zero {Jossânia Navolar; Gazeta do Povo; Local; 08/08/1999}

Grafite vem ganhando espaço: técnica tem sido usada com alternativa à pichação {Gazeta do Povo; Curitiba; 21/05/2000}

Combate aos pichadores é ineficiente: efetivo da polícia militar é insuficiente para reprimir essa prática, que vem aumentando; Grafite vem ganhando espaço {Gazeta do Povo; Urbanismo; 21/05/2000}

Grafitheiros criam associação: contra às pichações, Muros serão transformados em obras de arte²² {Gazeta do Povo; Curitiba; 23/06/2000}

Piche do bem: Jovens grafitheiros encontram no spray uma forma de se expressar {Juliane Martins e Patrícia Pinheiro; Gazeta do Povo; Fun: Arte marginal; 26/01/2001}

Pichações causam prejuízos mas jovens acham engraçado: garoto preso por vandalismo foi condenado, cumpriu pena e voltou a pichar {Gazeta do Povo; Urbanismo: Prefeitura encontra dificuldade para conter e direcionar os pichadores; 28/01/2001}

Pichações invadem os muros e paredes de imóveis na capital: proprietários arcam com os prejuízos da restauração dos estabelecimentos {Lenise Aubrift Kleink; Gazeta do Povo; Urbanismo: Pichadores se organizam e pintam a cidade com símbolos indecifráveis; 28/01/2001}

Cultura hip-hop: Integrantes de movimento de rua e FCC dão trégua e organizam tarde de rap, grafite e break {Rudney Flores; Gazeta do Povo; Evento: 1º Encontro Curitibaano de Arte Urbana acontece no Centro Cultural do Portão; 17/03/2001}

Confina atrações culturais da semana: Cultura hip-hop; Encontro curitibano de Arte Urbana {Gazeta do Povo; Agenda; 18/03/2001}

Hip-hop, arte para recuperar detentos: cinco rapazes que formam o ‘Consciência Suburbana’ querem ensinar rap, dança e grafite na prisão {Wagner Aragão, Mara Cornelsen e Dilmércio Daleffe; Gazeta do Povo; Sistema penitenciário: Grupo de artistas da periferia pretende implantar um projeto para ajudar os presos do Ahú; 18/03/2001}

Encontro de arte urbana tem avaliação positiva: encontro realizado no último domingo teve boa participação do público {Rudney Flores; Gazeta do Povo; Hip-hop; 20/03/2001}

Lançada campanha contra pichação: tintas vencidas são distribuídas gratuitamente à comunidade para pintar os muros sujos {Gazeta do Povo; Caderno imobiliário: Iniciativa: Associação de condomínio arrecada tinta para ser usada no combate a ação dos pichadores; 08/04/2001}

²² Pichação está grafado com a letra x na matéria.

Se todas as paredes fossem um recado de amor: 'Palpite o grafite é o limite' - Paulo Leminski {Cassiana Licia de Lacerda; Gazeta do Povo; Opinião; 21/04/2001}

Pintando a própria história: Hip-hop se afirma como cultura em eventos beneficentes, shows, fanzines e marca de roupa {Danielle Brito; Gazeta do Povo; Comportamento: Apesar do reconhecimento do poder público, é difícil ser grafiteiro; Funs/07/2001}

Hábito de grafite {Gazeta do Povo; Imagem; 18/11/2001}

Grafiteiros mostram seus trabalhos na rede {Folha de São Paulo; Caderno de informática: Visual: veja muros e trens decorados; 12/06/2002}

Vândalos causam prejuízos a cofres públicos e Difícil é manter limpa a parede da igreja {Tudo Paraná; Vandalismo; 27/08/2002}

Pais de alunos pintam muros de escola pichada por estudantes {Tudo Paraná; Curitiba; 28/09/2002}

A defesa da estética e da cor nos centros urbanos {Harley Alves; Artes e Artistas; 14/10/2002}

Menores são detidos por pichação em praça: operação cidade limpa {Tudo Paraná; Vandalismo; 15/10/2002}

Jovem da periferia descobre no rap saída para uma vida melhor: depois de passar pela prisão duas vezes, Cipó faz conscientização {Tudo Paraná; Comunidade; 20/10/2002}

Viaduto completa primeira semana sem pichação: vigilância mantém obra no centro da cidade limpa {Tudo Paraná; Curitiba; 22/10/2002}

Menor acusa policiais de tortura psicológica {Folha de Londrina; 05/11/2002}

PMs acusados de matar adolescente se apresentam na próxima semana {Tudo Paraná; Justiça; 13/11/2002}

Spray que remove pinturas pode ser o fim das pichações {Gazeta do Povo; Entrelinhas2: Limpeza; 03/01/2003}

Policiais confessam assassinato de adolescente {Folha de Londrina; 25/02/2003}

Pichadores ousam e chagam à classe média: tribo urbana começa a usar até escada e andaime para pichar; prática não é só mais de jovens da periferia {Sérgio Dávila e Juca Varella; Cotidiano; 30/06/2003}

Alunos de Curitiba fazem mutirão para repintar escola {Tudo Paraná; Conscientização; 10/07/2003}

Poluição visual {Edson Luiz Lauffer (leitor); Gazeta do Povo; Opinião; 25/07/2003}

Grafite arte proibida {João Rodrigo Maroni; Fun: Divirta-se; 25/07/2003}

Como combater a pichação: conheça medidas simples e criativas que podem acabar com a 'sujeira' nas paredes externas {Gazeta do povo; Caderno imobiliário: Prevenção: colocação de plantas trepadeiras e troca da cor do muro ajudam a evitar os atos de vandalismo; 03/09/2003}

•

Agora passamos a um breve histórico do grafite curitibano, narrado pelos escritores da cidade. O texto extraído de um *site* sobre grafite, apresenta a trajetória de um escritor local e mostra o panorama do grafite na cidade de Curitiba.

Site Cwbgraff: "Nunca está explícito como pensa um escritor, aqui neste pequeno texto você verá como pensa, o que gosta e como foi uma pequena trajetória na vida de

CIMPLS, em uma breve conversa: No início não existia vestígios pela cidade de Curitiba, nenhum tipo de intervenção, minto, existia o tag reto, tudo era tranquilo, poucos conheciam o mundo da escrita sobreposta.

Após aparecer algumas matérias, na tv e revistas, sobre o graffiti, esse escritor se empolga e começa a fazer os primeiros esboços, já desenhava antes de começar com o graffiti, em primeiro momento começou a fazer na parede de sua casa, como treinamento, só depois de um tempo foi pra rua, porque tinha pouca informação sobre o assunto, portanto sempre estava atrás de novas informações, procurava em jornais, revistas, vídeos, sempre estava atento, por indicação de amigos começou a locar filmes que apareciam graffitis, achava poucas coisas e nunca estava contente.

Um dia seu primo lhe contou que havia saído uma revista com uma matéria sobre o rap e outros elementos da cultura hip hop, inclusive o graffiti, nesta revista tinha uma entrevista com o SPETO, com alguns toques de como se iniciava no graffiti, desta vez ele teve seu primeiro contato com o hip hop, nesta mesma revista falava de um cara que fazia o fanzine MZK, foi nesse momento que ele se interessou por zine também, sendo que mais tarde editaria o DESTRÓI, esta matéria foi muito instrutiva pra ele, isso foi em 94, portanto ali iniciava sua trajetória de escritor e fanzineiro.

Em 96 ve a segunda matéria, no yo da mtv, sobre graffiti, desta vez com vários escritores, OS GEMEOS, VITCHE e SPETO, que tinham acabado de voltar de uma viagem do Chile, desta vez ele viu algumas fotos, até o momento não havia pintado nas ruas, porém já tinha experiência com spray, pois quando menino, em 88/89, pertencia a um grupo de seu bairro (xaxim) e saía para fazer algazarras, assim fazendo alguns tags com o nome do grupo, mas esta experiência foi insignificante pra ele, esta matéria na mtv foi a alavanca para ele começar a pintar de verdade, antes disso, ele já tinha visto alguns desenhos, feitos com aerógrafos, em lojas, mas nada que o empolgaria a pintar, tudo era muito perfeito.

No ano de 97 começou a fazer seus primeiros tags e pieces no muro de sua casa e nas proximidades de seu bairro, assim nascia a verdadeira história do SPRAY CAN ART em Curitiba. Neste mesmo ano ele adquiri a primeira revista de graffiti do Brasil, fica impressionado com o graffiti dos escritores de São Paulo, logo em seguida manda uma carta para a revista, em busca de informações, recebe um panfleto de divulgação do segundo encontro FIZ GRAFFITI ATTACK, faz suas malas e vai sozinho pra São Paulo, para fazer contato direto com os escritores de lá, e adquirir experiência, trocou idéia com alguns escritores, tirou algumas fotos, para ele tudo era um sonho, volta para casa com idéias novas e muito empolgado pra pintar, junto com o conhecimento adquirido veio a necessidade de ter um nome para assinar, depois de alguns nomes veio CIMPLES. Neste mesmo ano começa a trocar correspondência com outro escritor de São Paulo, em busca de informações sobre cena de lá, essa troca de correspondência foi muito importante pra ele, pois além de admirar o trabalho desse escritor, foi uma peça fundamental para o engajamento dele no graffiti, com ele cimpls aprendeu muito e aprende até hoje. Logo em seguida forma seu primeiro grupo de graffiti, OS DOIDO, que não foi muito longe.

Em 98 aparece vários outros escritores na cena de Curitiba, então cria, junto com outro amigo de sua rua, a PRIMOS, ai começam a fazer vários tramos em seu bairro, só que foi por pouco tempo, por haver constantes mudanças em suas idéias e planos. Já extinta a PRIMOS, veio a criação da PRN, junto com o novo nome veio um novo integrante, assim em 99 a PIÁ RÁPIDO NÔMADE está com três integrantes ativos, que atuam até hoje.

Esse grupo foi muito importante pra ele, por haver poucos escritores, assim tinha companheiros pra discutir as novas ações pela rua da cidade.

Todos esses anos passaram, e ele continua viajando e buscando novas informações sobre graffiti, sempre com novas idéias, diz que é atraído pela constante e dinâmica evolução que o graffiti proporciona.

Depois de conhecer um pouco sobre o imenso mundo que é o graffiti, ele acha que os escritores não devem ficar preso só no graffiti, tem que conhecer outros tipos de arte, e procurar fazer outras atividades, seja qual for, procurar fazer graffiti como passa tempo, para se divertir, para descobrir vocações artísticas, só assim vai progredir, estar sempre pintando nas ruas, nunca fazer só um estilo de graffiti.

Ele diz que gosta muito de tag, etiquetas, tem uma paixão por throw-ups, curte muito o bombardeio, fala muito em coisas simples com poucas cores e que dão muito impacto, diz que é difícil definir o graffiti, mas acha que o graffiti tem regras que tem que ser seguidas para não perder a essência." {Transcrição do [site Cwbgraff](#): Xerox entrevista Cimples}

Este conjunto de materiais recolhidos de diversas fontes apresenta a ambigüidade que existe sobre a questão da escrita urbana em Curitiba. Passemos agora a olhar melhor estas tensões.

TENSÕES DA ESCRITA URBANA

Como foi apresentado, a imagem que se tem do grafite é muito contraditória. Existem questões de difícil compreensão para quem observa o movimento. Porém podemos perceber que algumas questões também são polêmicas ou indefinidas pelos integrantes do grafite como podemos observar no editorial da revista Graffiti n.5.

Revista Graffiti: "Transcrevendo a linguagem do terceiro milênio sob a forma de throw-ups e painéis, decorando os muros da cidade com a arte do graffiti. Sem esquecer da principal raiz da cultura, que é lata de spray mostrada na capa da edição. Vândalos ou artistas? Não importa o rótulo, vivemos com sombras erguidas, fazendo arte e sustentando denúncias contra o sistema.

A revista Rap Brasil, em sua edição especial de Graffiti, traz páginas de throw-up, graffiti art e 4 pôsteres. E ainda os depoimentos de algumas escritores das ruas, colocando em discussão se um trabalho comercial é um graffiti, a questão do vandalismo, do aerógrafo, a relação entre graffiti e Hip-Hop e outros pontos importantes da cultura." {Transcrição do editorial da revista Graffiti n.5}

Entre estas questões a mais polêmica, sem dúvida, é a relação grafite e pichação ou vandalismo e arte. O universo exterior ao movimento apresenta uma forte tendência a valorizar o grafite em detrimento da pichação. Busca transformar o grafite na forma legal da escrita urbana. Tem forte tendência em querer regulamentar o grafite, tentando enquadrá-lo nos referenciais aceitos pela sociedade em geral. Visa claramente ter as rédeas da escrita urbana através do enquadramento do grafite. Para tal condução coloca o grafite em oposição total à pichação. Porém os escritores de grafite percebem esta oposição (grafite versus pichação), mas a tratam com grande tolerância. A oposição declarada não está dentro da escrita urbana e sim nas referências que se fazem a ela. Este dilema entre as duas formas de escrita existe dentro e fora do movimento e valem ser apresentadas as duas abordagens (interna e externa). Por ser este um tema tão polêmico, ele será ainda tratado no Capítulo 3²³ que apresenta um percurso histórico e as posições dos escritores quanto às atividades do grafite e da pichação

²³ Sobre a dicotomia grafite / pichação encontramos considerações na Introdução item O encontro de Grafite 2003 – Araucária/PR, no Capítulo 1 item Escrita urbana e item Tensões da escrita urbana, no Capítulo 3 item Grafite e pichação, algumas pinceladas históricas e item Novamente a dicotomia grafite pichação.

Outra grande tensão se refere a ligação do grafite com o *hip-hop*. Aqui estão colocadas algumas considerações sobre esta relação.

Ao falarmos de grafite não podemos deixar de falar de *hip-hop*. Como já foi assinalado anteriormente, porém esta relação tem seus problemas internos.²⁴ O envolvimento do grafite com o *hip-hop* é um ponto conflituoso de proximidade e afastamento: existem os integrantes do *hip-hop* praticantes de grafite, que usualmente também atuam no *rap*, mas como já foi colocado, o foco principal de interesse para esta pesquisa são aqueles escritores que têm o grafite como seu principal envolvimento, o que podemos observar através de algumas colocações:

“Dose me disse que no *hip-hop* há a cobrança de uma ação social e que ele não tinha esse tipo de atitude, por isso não se considerava parte do *hip-hop*, mas que participava de festas com *rap* etc. apesar de estar muito afastado. Já Cimples tem uma opinião um pouco diferente que ignora ou releva a obrigatoriedade da prática social, dizendo que se o Dose faz grafite, e o grafite é um dos elementos do *hip-hop*, ele faz parte do *hip-hop*. É que o grafite, na verdade, fica um pouco deslocado pois é meio ‘mocado’, o que dificulta inclusive a prática social.” {Caderno de campo: Daniella entrevista de Cimples e Dose da PRN crew - 10/01/2003 - p.16}

Aqui seguem alguns depoimentos de Izy e Devis em entrevista dia 17/01/2003, quando o assunto do *hip-hop* surgiu espontaneamente.

Izy (Ctba): “E a nossa ligação ao *hip-hop*, é claro pô, eu adoro *rap*, e ele também (se referindo ao Devis), pela consciência que a música passa. Mas mesmo no *rap* tem pessoas também que a gente não gosta pô. Os caras falam pô ‘Vô enfiar o canhão na sua cara, vou matar a sua mãe, estupa a sua filha’. Isso não tem nada a ver com o que a gente quer. O grafite é claro que vem do *hip-hop*, mas não necessariamente a gente tenha que gostar de *rap*. Eu gosto de *rap* mas eu conheço cara que gosta de *under-ground*, tem pessoas de fora do Brasil também, o cara gosta de ópera, música africana, a gente estranha, mas vendo isso, a gente tem que entender pô, deve ser legal, o cara gosta, tá certo ele.” {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p.43 e 44}

Devis (Ctba): “E que, ... eu falo, o *hip-hop*, o grafite está cada vez mais se separando do *hip-hop*. ... Por causa, que, sei lá, acho que os próprios cantores, eles mesmo excluem os grafiteiros, normalmente aqui em Curitiba mesmo. Tem os MCs do lado rico, lado POP dos play-boy e dos maloqueiros e ficam ai ... Espaço, o que acontece, o espaço só fica com esses mais ricos, porque eles tem mais dinheiro, eles tem mais ... do, da música e os outros ... fica então escasso. E é assim mesmo, os que tão aqui não vão chamar o pessoal lá. ... Que normalmente os grafiteiros vem da zona sul, zona norte, são de regiões mais pobres. Quer dizer o que o pessoal vem mais pro lado deles. Não vai convidar um cara pra ir numa balada, vai pintar um grafite lá e vai ter um monte de play-boyzinho. Acho que é uma coisa...” {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p.50 e 51}

²⁴ Sobre a relação com o *hip-hop* encontramos considerações na Introdução item O contato com os escritores urbanos de Curitiba, no Capítulo 1 item Escrita urbana e item Tensões da escrita urbana.

Izy (Ctba): “Então... veja, primeiro, segundo, terceiro, quarto elemento o grafite. Tá, quarto elemento de que? A gente não é uma cultura só? Estão batendo de frente com quem? A gente quer se expor pra sociedade, mostrar que a gente tá, a gente tá vivo e a gente mexe né. A gente quer incomodar quem tá, quem tá fazendo que a gente não existe. Quem tá despercebido, aquele político engraçado que não dá atenção pra gente, ou até mesmo aquela pessoa de classe baixa, que pô, te vê na rua e liga pra polícia. Ó o cara tá lá e tal, tá lá, ta ta ta... Porque isso, não sei porque. ... Ai que eu falo nessa separar de primeiro, segundo, terceiro e quarto elemento já começa. Não tem, se é uma força só não tem quarto ou quinto ou sexto. Eu não me considero elemento nenhum, eu sou um vulto, eu apareço de vez em quando. Todos nós somos assim, a gente aparece.” {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p.51 e 53}

Vale lembrar que é através do *hip-hop* que muitas ações do grafite são possibilitadas, em projetos comunitários onde o *hip-hop* é o foco primeiro e o grafite um instrumento de ensino e integração de jovens, como alguns projetos já citados na introdução. Estes são exemplos destas manifestações ocorreram com bastante frequência no cenário nacional.²⁵

Site Escrita Urbana: “Eu ouvi falar que antes de pintar, você já conhecia Os Gêmeos, e começou a pintar saindo no role com eles. Foi assim que vc começou a pintar?”
Onesto (SP): “Conheci Os Gêmeos logo nos primeiros dias de aula, ao começar a estudar em uma Escola Técnica de Desenho de Comunicação. Um deles (Otávio) estava na minha sala. Sempre gostei de Graffiti. Quando pequeno tive a oportunidade de assistir o filme BEAT STREET no cinema. A magia que a cultura Hip Hop tinha me estimulou logo de cara a praticar o elemento Graffiti. Assistindo a esse filme fiquei alucinado ao ver as cenas de “caras” pintando os Trens. Naquele dia tudo foi muito estimulante: “Ver os B. Boys dançando no palco que havia em frente à tela antes da exibição do filme e depois vê-los vibrando na platéia com as cenas de rachas”. Mas meu primeiro contato com o spray foi bem antes de entrar nessa escola de desenho. Dias após ver este filme tentei fazer algumas coisas, mas não continuei por não saber direito o que estava fazendo. Faltava algo. Ao conhecer os Gêmeos me senti privilegiado porque sempre via os tramos deles e do Speto espalhados pela cidade e ficava me imaginando em um dia fazer algo que chegasse próximo aquele nível. Conforme íamos trocando idéias eles sempre me incentivavam para começar a pintar. Um dia ia ter um campeonato de Graffiti no Bairro da Lapa (São Paulo), eles já estavam escritos e perguntaram se eu queria colar lá para ver. Não pensei duas vezes. Anotei o endereço e no dia do evento eu já estava lá. Queria ver tudo desde o começo. Esse dia foi como uma grande aula pra mim porque estavam reunidos vários caras que usavam diferentes técnicas para fazer Graffiti. Os Gêmeos ficaram em segundo ou terceiro lugar. Não me lembro. Semanas após o evento combinei com dois camaradas (Amigo e Wilson) de fazermos um perto de nossas casas. Ficamos o dia inteiro pintando. Tomamos a maior surra do muro porque ele era muito alto, mas foi muito divertido. Cada um fez um PIECE. Gostamos do resultado e quando revelei as fotos mostrei pros Gêmeos. Eles falaram que estava legal e se eu quisesse uns toques era só pedir. É lógico que pedi. Acho que mesmo se eu não tivesse conhecido “os caras” um dia ou outro eu iria pintar nas ruas. Iria demorar bem mais, iria me foder tentando a prender tudo sozinho, mas um dia eu iria começar porque isso já estava no meu sangue. Só estava precisando obter as informações corretas. Naquela época era foda, mesmo pra eles, mas já que eles apareceram e sabiam muito mais que eu...”
SEU: “Você acha que o graffiti ainda tá ligado ao hip hop ou é apenas uma arte e não tem nada ver com musica e outros baratos?”

²⁵ Hoje existem muitas instituições que visam atender comunidades carentes e/ou pessoas desajustadas utilizando-se de práticas artísticas. Como já foi citado anteriormente, são muitos os casos da aproximação de entidades (governamentais ou não) com o movimento *hip-hop* para levar esta cultura (que envolve música, pintura e dança) às comunidades necessitadas, no intuito de mostrar alternativa ao mundo do crime. Sobre projetos sociais e ONGs encontramos considerações na [Introdução](#) item [O contato com os escritores urbanos de Curitiba](#), no [Capítulo 1](#) item [Consumo Cultural](#) e item [Tensões da escrita urbana](#), no [Capítulo 2](#) item [O grafite como \(dês\)organização e como manifestação \(a\)política](#), no [Capítulo 3](#) item [As relações](#).

O(SP): "Pelo que sei o Graffiti foi criado bem antes da fusão dos quatro elementos. Qualquer cara o fazia. Independente do som que ouvia ou das roupas que usava. Considero Graffiti uma arte, mesmo ela servindo às vezes como instrumento para atos de vandalismo. Por se tratar de arte ela deve ser acessível a todos. Infelizmente hoje o Hip Hop não transmite mais uma 'força de união' entre os quatro elementos. Eles se dissolveram. O 'rap' já trilhou o seu caminho. Não é mais feito de forma que os B. Boys possam dançar com qualquer faixa de um álbum. Isso sem falar que este é o único dos assim chamados 'elementos do Hip Hop' que movimenta Milhões de Dolares todos os anos. O 'Break Dance' se mantém vivo porque seus adeptos o amam de corpo e alma. É muito difícil viver de qualquer tipo de Dança aqui no Brasil, em outros Países as coisas sejam diferentes, mas por aqui patrocínios para dançarinos de Break são muito raros. Os 'DJs' estão conquistando um novo espaço. Aos poucos estão surgindo oportunidades para que eles mostrem seus talentos também como produtores. As grandes gravadoras e outras mídias estão descobrindo agora que alguns podem e possuem talento suficiente para produzirem músicas para diferentes fins e não só para o gênero *rap*. Assim já estão ganhando algum "dinheiro" porque todos nos sabemos que não é fácil manter um par de toca-discos, comprar vinis, agulhas, mixers, MPCs, computadores, caixas de som, etc. O 'Graffiti' hoje tem seu espaço garantido em Galerias de Arte (quando os artistas possuem propostas diferenciadas); em forma de painéis em ambientes fechados e abertos; em peças industrializadas como forma de *designer* e em publicações como ilustrações. Por esses fatores podemos dizer que o Graffiti foi e sempre será totalmente independente nesse Mundo Capitalista. Mas mesmo com todos estes recursos ele é o 'único elemento' que ainda cultiva o seu lado marginal. Por isso causa impasses e divergências na sociedade. Ao mesmo tempo em que uns querem apóia-lo, outros querem bani-lo. Uns fazem Graffiti Arte, outros preferem o Graffiti Vandalismo. Ainda há aqueles que conciliam os dois gêneros em seu dia a dia. E isso que torna o Graffiti instigante até hoje. Ele pode ter evoluído em técnicas de como ser feito mas sua essência continua intacta. Acredito que ele nunca irá depender dos outros elementos e o 'verdadeiro Graffiti' sempre sobreviverá às mudanças." {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001}

Site Escrita Urbana: "Qual foi seu primeiro contato com o graffiti?"

Binho (SP): "E u sempre desenhei ai foi so eu ter contato como hip hop isso em 94/95 que eu dancava break..foi natural..." {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Binho}

Revista Graffiti: "Como você vê a influência que o Basquiat e outros artistas de rua tiveram na divulgação do conceito graffiti no mundo?"

Binho (SP): Eles mostraram que o graffiti não é apenas um elemento da Cultura Hip-Hop, é a atitude de pintar e escrever e interferir na cena urbana. Como fez o (Keith Herin..), que pintou trens com rolinho. Eu acredito que há 15 ou 20 anos ele já fazia isso em Nova Iorque, onde todo mundo já tinha a Cultura Hip-Hop. Dentro da linguagem, ele inovou fazendo as coisas dele, assim o Basquiat, o Herbert, o Vitché, os G%emeos e o Sonic. São pessoas que desvincularam essa coisa de ter que ser isso ou aquilo." {Transcrição da revista *Graffiti* n.5: Entrevista com Speto, Binho, Tóta, Markão, Magôo, Chivtz, Boleta, Zézão e Brown}

Revista Graffiti: "Graffiti x Hip Hop?", "Você acha que o graffiti tem um compromisso com a Cultura Hip-Hop ou ele é independente?"

Brown (SP): "Não conheço muito bem a Cultura Hip-Hop, conheci o graffiti através do skate. O Hip-Hop faz um trabalho muito bom com a periferia, porque lá não tem nada para se fazer culturalmente. O Hip-Hop abre esse espaço para a molecada não ficar na rua sem fazer nada." {Transcrição da revista *Graffiti* n.5: Entrevista com Speto, Binho, Tóta, Markão, Magôo, Chivtz, Boleta, Zézão e Brown}

Revista RAP Brasil: "Qual o seu objetivo com o graffiti?"

Ciro (SP): "Minha intenção é difundir um conceito de graffiti sem limites sem rótulos... Não se pode rotular o graffiti como arte do Hip-Hop. O graffiti é uma arte de rua e deve ser vista como tal. Não podemos dizer que existe um hip-hop unido no Brasil. Existem algumas exceções e algumas tentativas de unificação. O Hip-Hop é formado por 4 elementos juntos em igualdade de condições (break, dj, mc, graffiti). O que vemos hoje é que esses elementos estão caminhando separadamente de forma independente. A essência do hip-hop está perdida. Poucos sabem o que é e vivem seu verdadeiro espírito." {Transcrição da revista *RAP Brasil* n.3: Kaos entrevista Ciro}

A relação do grafite com o *hip-hop* hoje se diferencia da relação original dos anos 80. Muitos foram os escritores que citaram o filme Beat Street de 1984 como um elemento incentivador que traduziu um sentimento latente entre os jovens brasileiros naquele período. Porém com a expansão do movimento cada um de seus elementos ganhou uma certa autonomia. Conversando com integrantes da cultura de rua, hoje, vemos a aproximação do grafite independente da aproximação com o *hip-hop*. Existe um jogo de aproximação e distanciamento entre o *hip-hop* e seus elementos, mas eles não podem se desvincular de sua origem ligada ao movimento aglutinador do *hip-hop*. Vale lançar a seguinte questão: Mesmo com uma divisão declarada entre estes elementos, existiria o grafite sem o *hip-hop*?

Percebemos que relação do grafite, bem como os outros elementos (*rap*, *dj*, *break*) com o *hip-hop* é bastante complexa, como mostram os relatos apresentados. Uma abordagem mais específica sobre esta relação exigiria um enfoque que foge ao escopo principal deste trabalho. Alguns esclarecimentos podem ser tomados a partir de um pequeno histórico do grafite no Brasil que ocorre no Capítulo 3.²⁶

Outro conflito do grafite se dá entre os novatos e os veteranos (a *new-school* e a *old-school*).

Site Escrita Urbana: “No Brasil alguns escritores mais experientes não gostam de passar informações pros caras da nova escola. Você costuma dar dicas pra quem está começando... Tipo ensinar a fazer um marcador e coisas assim?”

Onesto (SP): “Já ouvi caras dizendo que não passam o que sabem porque se foderam muito pra aprender as coisas. Até hoje não sei quase nada do que o universo do Graffiti envolve, sempre estou aprendendo novas técnicas porque o Graffiti esta sempre evoluindo. Não tenho nada contra “ajudar”. Às vezes o que pra mim é uma coisa simples de ser feita para outros aquilo pode ser uma puta duvida que está o impedindo de desenvolver alguma idéia para os seus tramos. Sempre que posso ajudo quem me pede ajuda. Da mesma forma que aprendi e continuo aprendendo, outros também tem esse direito. Informação deve ser sempre passada a diante. Após começar a pintar comecei a ficar na expectativa de ver outros tramos pelas ruas. Queria que surgissem outros Writers para que assim pudesse haver uma espécie de competição entre nós, do tipo quem pintaria tal muro primeiro, ou quem iria pintar aquele trem, ou quem iria fazer as maiores letras em determinado muro, etc. Naquela época eram muito poucos os caras que

²⁶ Sobre a relação com o *hip-hop* encontramos considerações na Introdução item O contato com os escritores urbanos de Curitiba, no Capítulo 1 item Escrita urbana e item Tensões da escrita urbana.

faziam Graffiti e se as informações não fossem passadas hoje não teríamos isso.”
{Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001}

Site Escrita Urbana: “Como é ser da old school? (pergunta enviada por Flag)”

Binho (SP): “Para mim e ter tido a oportunidade de ver o graffiti nascer no Brasil..e no mundo ..respeir a velha escola e manter a historia viva..e poder passar informacoes corretas sobre a cultura..os meios de comunicacao deviriao estar mais conectados com os mais experientes..” {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Binho}

Os conflitos entre os mais experientes do grafite passa também pelos trajetos históricos diferenciados entre estes grupos. Uns foram precursores, iniciaram com esta arte de rua. Com a ampliação deste cenário, hoje o grafite tem outras características, como pudemos observar nas falas sobre o grafite e o *hip-hop*. Assim os conflitos entre os velhos e os jovens aqui reflete as características de quem teve contatos, trajetos e desfruta de diferente relações, ou seja, o contexto se altera e as relações entre seus integrantes também.

Aqui estão elencadas algumas palavras que servem de referencial para se pensar possíveis contradições da escrita urbana. É importante não tomá-las como opostos absolutos. Estas oposições servem para manter aberto um rol de possíveis tensões, enfatizando que não devem ser enquadramentos restritivos, ou generalizantes.

grafite	versus	pichação
legal	versus	ilegal
arte	versus	vandalismo
profissionalização	versus	marginalidade
código compreensível	versus	código incompreensível
aceitação da população	versus	repúdio da população
veteranos	versus	novatos
autoria individual	versus	ação coletiva
inovação (busca do diferente)	versus	repetição (busca de um estilo próprio)
remuneração (pintar comercialmente)	versus	lazer (pintar por prazer ou ideologia)
efemeridade (da pintura)	versus	reconhecimento (do artista)
volátil	versus	estabelecido

Estes pares de oposições servem para manter aberta a relação entre os termos, sabendo que os atores da escrita urbana transitam entre eles de acordo com circunstância, conveniências e ideologias particulares. A escrita urbana, grafite e pichação, não fica alheia e este entorno conflituoso e paradoxal. Internamente ao movimento existem as tensões e dissonâncias acima citadas. Muitas vezes estas oposições são tomadas pelos escritores só no nível do discurso, usando a imagem externa sobre tais divergências para justificarem suas ações.

•

Neste capítulo, visualizamos os seguintes pontos sobre a cultura urbana: (a) Identities na articulação virtual/real e global/local: A comunicação de massa e as redes de pensamento virtuais que se concretizam no espaço da cidade, o pertencimento a ideologias globais com o engajamento em grupos locais que remetem a construção de uma identidade específica; (b) Consumo cultural: Apontando para como a condição de consumidor influencia a cidadania e a identidade; (c) Bens de consumo globalizados e divulgação dos valores dominantes: A influência da cultura economicamente dominante impondo-se aos locais economicamente dependentes; (d) Resistência do local (Hibridismo e Tradução cultural): Apresenta as peculiaridades locais que de alguma forma temperam este lugar comum ditado pelos meios massivos de comunicação dando características distintas aos diferentes locais que a cultura dominante se insere; (e) Situações contraditórias nos centros dominantes: A peculiaridade do grafite advir da periferia dos grandes centros, e dos meios de comunicação que se desenvolveram nestes centros e hoje possibilitam novas conexões entre todo o planeta, e a descontinuidade espacial destes grupos, onde ideologias geradas em um local são transferidas e reproduzidas em outra parte, sem que o grupo local tenha tido contato com a origem dos movimentos; (f) Contato com a rua: A imagem que se tem de rua e a relação das pessoas da cidade com a rua; (g) Escrita urbana: As características próprias da escrita

urbana dentro do contexto da cultura de rua e um esboço de como esta cultura ocorre no recorte empírico da pesquisa, a cidade de Curitiba; (h) Tensões da escrita urbana: O levantamento de vários conflitos existentes dentro do movimento da escrita urbana.

Este conjunto de questões visa observar como se constrói a identidade dos atores da escrita urbana. Uma aproximação a modelos identitários percebida sensorialmente através de imagens. O pertencimento ditado por uma prática continuada, ações que o ator deve realizar constantemente para permanecer integrante do grupo. Um grupo disperso e ambíguo que tem fronteiras sutis. Assim é através da práxis que o ator mantém sua identidade e escolhe trajetórias. Onde a delimitação das fronteiras, a alteridade nós/eles, se dá através de fatores bastante fluidos. Os interesses e as habilidades comuns, o consumo de bens simbólicos são aspectos identitários que se articulam pela seleção cultural, ou seja na opção por determinados valores. Aqui encontramos a identidade dada pela cultura.

Assim a identidade aqui está construída sobre bens e símbolos que não estão fechados em um grupo étnico, ou em uma classe social, ou faixa etária, ou escolaridade, ou ainda limitados geograficamente. São bens que estão disponíveis a todos e que são adotados por determinados atores sociais a se constituir por afinidades e através do domínio de uma técnica atrelada a uma práxis.

2 A SEDUÇÃO DO GRAFITE

Este capítulo focaliza o grafite propriamente dito, como ele atinge seus integrantes e como se dá a inserção no grupo. Aqui são abordadas questões do envolvimento com uma atividade que possibilita pertencimento, expressão e desenvolvimento pessoal, bem como, conhecer pessoas e lugares, interferir e apropriar-se dos espaços urbanos.

•

O grafite é uma expressão visual que permeia as cidades e desperta diferentes interpretações. Tem uma inserção ativa na cidade, todos os dias o panorama do grafite se altera. Novos atores experimentam sua ação, outros se afastam, novas pinturas surgem e outras são apagadas. Com este movimento dinâmico, o grafite desperta o interesse de inúmeros integrantes da sociedade urbana, transformando-se em foco para diversos olhares.

Devis (Ctba): "Eu acho que é assim, é... como são muitos escritores, a cada dia surge mais né. Eu acho que hoje em dia aqui mesmo em Curitiba, acho que de dez pessoas, oito já tão incentivadas pelo grafite né, até pela pichação." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p.11}

Não busco aqui escrever sobre o início das pichações e grafites em Curitiba, vou me ater à condição que os atuais atores da escrita urbana encontraram: Uma cidade já marcada pela pichação e pelo grafite, uma referência presente no espaço urbano e no contexto social.

OS ESCRITORES URBANOS: TRAJETOS E TRAJETÓRIAS

A trajetória do ator da escrita urbana se dá por diversos caminhos, entretanto seu ingresso no grafite tem um caminho comum como as histórias particulares dos atores apontam:

Izy (Ctba): “Ah! Com certeza! Isso vem desde a escola, do banheiro da escola, da carteira, quantas vezes o nome na carteira da escola.” {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p.3}

Devis (Ctba): “Eu já no caso, desde pequeno sempre desenhei, em folha de papel... Mas quando eu comecei assim, fundo mesmo foi no colégio, pichando carteira, pichando a parede do banheiro, como ele diz (se referindo a Izy)... e foi pichando a vila assim, a vila grafitando o nome da vila pra ficar mais reconhecida e assim por diante... e que nem... a gente tenta pintar o que a gente quer o que a gente pode, né... e comecei assim com ??? de amigo conhecendo um, conhecendo outro, vendo o trabalho de todos os artistas e comecei ... pichando como sempre.” {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p.4-5}

“Cimples disse que começou com a pichação, mas que nem chegava a se considerar um escritor naquela época e que hoje praticamente só faz grafite.” {Caderno de campo: Daniella entrevista Cimples e Dose da RRN crew - 10/01/2003 - p.8 e 14}

A pichação é freqüentemente indicada como a primeira instância da escrita urbana “Tudo começou com o ‘pixo!’”, é a resposta mais freqüente entre os escritores urbanos. Alguns escritores de grafite não consideram este período de pichação em seu *curriculum* de grafite e acabam por descartar a pichação mais tarde. Porém, é a pichação o ponto de partida para a maioria dos escritores.

A pichação é uma porta de entrada, uma iniciação ao grafite, que depois é reforçada ou substituída pelo aprimoramento das técnicas de pintura e da experimentação de diversos estilos. Escutei a palavra “iniciada” na fala de um escritor de grafite quando dizia que sua namorada gostava de grafite, mas não praticava apesar de ter sido iniciada.

Devis (Ctba): “Só citando um caso assim, minha namorada, no caso, ela é uma pessoa que ela adora grafite, ... ela já teve iniciação.” {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 p.46}

O percurso dos escritores após o contato inicial varia conforme são direcionados seus interesses: (a) podem desejar um aprimoramento estético e técnico, desenvolvendo

suas habilidades de desenho e aperfeiçoando sua pintura na busca do seu estilo próprio que dê destaque ao seu talento artístico; (b) podem ficar só no âmbito da pichação ao entrarem em disputas por espaços, tendo como maior desafio atingir locais onde o acesso é mais difícil, como telhados, pontes, etc. e vão “atropelando” e “quebrando”¹ o trabalho das outras *crews* (grupos), ou seja, pintam suas *tags* (assinaturas) sobre as marcas de seus “adversários”²; (c) uma terceira possibilidade existe no sentido da pichação não passar de uma aventura adolescente que perde o interesse na medida em que outras atividades e compromissos tornam-se mais importantes para alguns escritores, deixando o “pixo” nas saudosas recordações da juventude.

Existem diversas motivações para o envolvimento e pertencimento dos jovens no universo do grafite. Jovens e adolescentes estão sujeitos a influências de toda ordem. Estão abertos a experiências que possam sensibilizá-los. Eles podem se sentir mais influenciados pela música, pela mecânica, pelo comércio, pela espiritualidade, pelo desenho. Enfim, eles começam a perceber o mundo ao seu redor como algo passível de interação. Assim tudo que os rodeia é potencialmente um catalisador de interesses. Contatos, percepções e experiências que selecionadas direcionam seus olhares, conformam suas atitudes e os envolvem em determinadas atividades. Porém, estas influências não ficam apenas no plano da contemplação e decisão individual, elas são permeadas por interferências e relações sociais. O jovem, como todo indivíduo, é influenciado pelo seu grupo de sociabilidade como colegas, amigos, vizinhos, parentes, etc.

¹ Os termos “atropelando” e “quebrando” dentro da escrita urbana se referem a pintar sobre o desenho dos outros e sobrepujar o grupo adversário. Estas são as características das disputas ou batalhas surgidas da escrita urbana. (ver nota seguinte)

² As disputas entre grupos de pichadores podem ser simples aventuras sem gerar violência ou podem também desencadear rivalidades mais agressivas. A questão das disputas sofre uma particularidade muito interessante: a virtualidade. Os grupos de pichadores, ao sair para pichar, não encontram seus rivais e sim as marcas destes rivais, ou seja, dificilmente existe um confronto direto. As disputas acontecem virtualmente, um grupo intervém no desenho do outro sem confronto físico. Geram “batalhas” não presenciais, o espaço do confronto é um só, porém em diferentes momentos no tempo.

O grafite, por ser uma manifestação visível em sua essência, pode chamar atenção e despertar o desejo de envolvimento dos jovens. Se este jovem tem ainda habilidade para o desenho, esse interesse se intensifica. Caso este interesse seja compartilhado por colegas e amigos é mais fácil compreender seu engajamento.

Izy (Ctba): "Bom, o grafite a principio foi como uma saída, assim, para todo jovem. Você começa pichando, não tem outra ..., ou você começa pichando ou grafitando, mas geralmente pichando. Então pra se divertir. Pessoas saem vão jogar futebol, eu saio e pinto. Encontro meus colegas, tem gente que você conhece mais você jamais imagina a face da pessoa. É muito legal isso no grafite! Você tá aqui e você tem um doído lá de... da Alemanha. E o cara 'Pô, vou pra tua casa ai o ano que vem cara, posso ficar ai?', 'Venha!'. Derrepente chega o cara e pô – não tem nada a ver – o cara tem quatro, cinco faculdades nas costas e você imaginava... Você mesmo tem preconceito. Você não imaginava que o cara pode ser algo diferente e acontece muito disso no grafite. Isso que é o legal, é contato, é gente diferente. E as vezes você pensa que é um pintor e é uma pintora, acontece muito disso. E é ai que tá o legal." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p.2}

Depois de ocorrido o envolvimento, o grafite fornece a estes jovens uma história, apresenta-lhes ídolos, ou seja, escritores que lhes servem de referência. Tem um vocabulário particular, uma rede de sociabilidade, uma mídia própria com veículos de comunicação e divulgação do movimento. Traz um universo social onde sua participação é possível. Enfim, uma gama de fatores que os acolhe e dá metas. Através do grafite os escritores trocam informações e experiências com escritores de outras cidades e países, organizam viagens onde se hospedam com estes colegas e também recebem pessoas de fora. Cria-se um rico e amplo universo de relações, conhecimentos, atividades, ideais, objetivos que envolvem estes atores.

Ments (Ctba): "Hoje, tipo os caras, se você for vê, as pessoas que chegam a dez anos de pintura ou oito, dez anos assim. É aquela pessoa, ou até menos as vezes, é aquela pessoa que tipo, realmente tá gostando do que tá fazendo. Tá fazendo por que gosta, tá fazendo o real grafite. Agora tem muitas pessoas, passa dois, três anos que vai parar. Tem gente que começa, por exemplo, por 'iboipe' assim, porque de uma certa forma você fica falado assim. Em festas a gente chega 'Pô aquele cara que aquele nome. Pô o cara fez um negócio lá no topo do prédio lá.', e todo mundo gosta assim. Então fica meio falado a ganha um 'iboipe' assim. Mas dependendo da pessoa, não é o 'iboipe' que conta. É a satisfação pessoal que conta assim, realmente o fazer grafite e tal." {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew - 29/01/2003 - p.19-20}

Após o engajamento, o grafite passa a ter um papel marcante na vida de muitos de seus integrantes. Oferece objetivos e oportunidades a seus atores.

Como vimos acima, existem diferentes caminhos que podem ser trilhados pelos escritores urbanos. Vale exemplificar estes caminhos através da tipificação de três atores. Estes exemplos visam apresentar algumas possibilidades de participação, não encerrando todas as formas de envolvimento.

O primeiro tipo caracteriza-se pelo ator que adotou o grafite como forma de expressão e de vida. De origem humilde e formação escolar básica, este ator é envolvido com o movimento há bastante tempo. Encontrou no grafite uma forma de crescimento pessoal, de ampliação do conhecimento e contatos com novas pessoas e lugares. Conquistou um papel marcante dentro do grupo. Voltou todas suas atividades para o movimento, comercializando revistas e roupas. Divulga o grafite, é porta voz do movimento junto a entidades oficiais, enfim, ocupa grande parte de seu tempo com o grafite. Este ator tem com o grafite um modesto retorno financeiro e um grande retorno pessoal através de seu desenvolvimento artístico, político e social.

O segundo tipo caracteriza-se pelo ator mais leviano, inconseqüente. De classe mais abastada, este ator cursa o segundo grau em escola particular e faz também cursos de língua estrangeira. Ainda, bastante jovem, este ator tem no grafite uma maneira de extravasar. Está envolvido majoritariamente com o vandalismo. O grafite lhe serve como símbolo de rebeldia. Através do grafite participa de aventuras que narra em seu *blog* na internet. É possível que na seqüência de seu desempenho escolar, entre em uma faculdade e siga uma carreira desvinculada do grafite.

O terceiro tipo caracteriza-se pelo ator de classe média com curso superior que tem o grafite como forma de expressão artística. Tendo como carreira o *design*, este ator tem no grafite sua forma expressão livre. Bastante envolvido com a sua obra, este ator tem sua atenção focalizada no seu crescimento pessoal e na boa divulgação do grafite, porém sem ter envolvimento mais fortes com eventos e ações comunitárias.

Compartilha com outros escritores seus conhecimentos e técnicas, participa de pinturas coletivas, mas realiza a maioria de suas pinturas sozinho. Tem objetivo de aprimorar sua técnica e desenvolver cada vez mais seu estilo próprio.

Como podemos observar, o grafite oferece diferentes oportunidades para diferentes pessoas. Do crescimento pessoal e artístico à rebeldia, passando pelo pertencimento a um grupo de afinidade que ganha visibilidade por suas ações. Assim, através do grafite os jovens têm objetivos e podem atingir um reconhecimento.



FIG. 15 – Muro Próximo ao *Shopping Curitiba*, Curitiba. Cimples e Ments.



FIG. 16 – Travessa da Lapa, Curitiba. Note. Texto: "Ataque aéreo foda-se as retalhações."

No discursos de muitos atores, o grafite surge como uma atividade formal. Ou seja, mesmo sendo uma atividade não remunerada, ela é interpretada como um trabalho, ou um *hobby*³, ou ainda um jogo. Muitos atores abordam com grande

³ Sobre a abordagem que cita trabalho e *hobby* encontramos considerações no [Capítulo 1](#) item [Escrita urbana](#), no [Capítulo 2](#) item [Os escritores urbanos: trajetões e trajetórias](#), no [Capítulo 3](#) item [Os escritores urbanos: trajetões e trajetórias](#).

seriedade sua participação no grafite. O considerando um caminho de expressão, um caminho artístico.

A remuneração pela realização de pinturas é também uma questão que desperta controvérsia. Os escritores não gostam de considerar o grafite como uma fonte de renda, como se ao receberem pela realização de uma obra esta profanaria seu *status* artístico, sua liberdade de expressão e seu descomprometimento. Mas ocasionalmente, devido às condições financeiras do escritor, aos custos de tinta e do material e até por cobranças de familiares estas pinturas são remuneradas. Nas pinturas encomendadas eles recebem normalmente o material ou até algum tipo de remuneração. Assim surge uma questão sobre a relação entre trabalho remunerado e lazer, *hobby*, ou trabalho não remunerado.

Izy (Ctba): "Bom, quando é comercial, daí você tem que falar que quer alguma coisa. Mas mesmo assim, no meu caso mesmo, eu não saberia cobrar alguma coisa. É claro que a tinta e o que sobrar fica pra mim. Porque não tem um preço. Vou cobrar por metro? 'Quero tanto?'" {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p. 39}

Devis (Ctba): "Minha mãe, as vezes, me critica por causa disso, que eu faço as coisas e não ganho dinheiro. Eu pego minhas tintas, eu pego... eu acho que é assim. Eu faço por que eu gosto disso. Não faço porque me obrigam, ou isso ou aquilo. As vezes até depois que eu tenho as tintas posso até ... Ela não pensa assim, ela pensa diferente. Ela acha que eu tenho que cobrar e tal. Mas sei lá eu acho que é uma coisa minha, eu não sei uma... Tem muitas pessoas que fazem por... só pra ganhar dinheiro." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p. 40}

Izy (Ctba): "Pois então, é aí que a gente foge. Que você... não sei, não, se é generalizado, mas geralmente a gente não gosta de shopping, televisão, fica... Consumismo não é nossa área. O que a gente quer é pintar, viver a nossa vida, trabalhar..." ... "É não aos Yanques." ... "É, tem os dominados os dominadores e quem se deixa dominar. A gente não quer fazer parte disso." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p. 41}

Em uma entrevista, perguntei o significava grafite para dois escritores. Um deles me respondeu:

"Dose falou ... que o grafite era como um *hobby*, no sentido de não ser uma atividade remunerada, que era algo para expressão pessoal, não para ser comercializada. Também Cimplis concorda com a questão de não receber para fazer grafite." {Caderno de campo - Daniella entrevista Cimples e Dose da PRN crew - 10/01/2003}

Os escritores mais envolvidos com a escrita urbana conseguem fornecimento de materiais ou algum retorno de seu conhecimento através da participação em eventos e projetos, ou ainda através da venda de caderninhos, revistas e camisetas.

Revista Graffiti: "Vemos muitas produções de vocês. Vocês têm algum patrocínio para obterem tinta pra pintar? Como funciona essa questão de material em algumas obras que vocês fazem?"

Nóis (SP): "Muitas vezes, a gente faz trabalhos remunerados de graffiti, algumas vezes podemos ter um orçamento bom de material e sobra bastante tinta para pintar na rua. Outras vezes o Projeto Aprendiz, uma ONG, na Vila Madalena, ajuda com o material e com alguns espaços para a gente desenvolver um trabalho."

RG: Existem algumas iniciativas que contribuem para que o trabalho aconteça?"

N(SP): "Com certeza, é uma organização, um grupo de amigos e que muitos chamam de 'panela', que se unem para pintar e correm atrás de um incentivo de alguém que possa ajudar, dar estrutura, essas coisas"

RG: "Além de pintar na rua, vocês conseguem também alguns trabalhos que fazem com que vocês, de uma certa forma, vivam disso. Seria mais um menos isso?"

N(SP): Não totalmente viver disso, mas dá uma ajuda. O conhecimento da arte faz com que você viva da sua arte. Independente da atitude do que vai pintar. No começo, a gente gastava dinheiro com spray, tá ligado. Tinha um investimento da nossa parte. Então, a gente estava gastando uma grana. Hoje em dia, pelo menos a gente não gasta mais com spray e ainda sobra para pintar na rua e ainda ganhamos um dinheiro para fazer alguma coisa. São várias correrias; às vezes, rolam alguns tramos de designer gráfico, ilustração, cenografia ou montagens de exposição; sempre rola alguma coisa relacionada à arte. (Transcrição da revista Graffiti n.09: Binho entrevista Nóis)

Site Escrita Urbana: "Como você consegue suas latas?"

Onesto (SP): "Já comprei muita lata, já pinte com muito material nada haver e ainda pinto, mas hoje consigo algumas participando de encontros, Workshoppings e executando alguns projetos." {Transcrição *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001}

Estes depoimentos de escritores de São Paulo passam a ser a realidade de alguns escritores em Curitiba. Diversos foram os escritores que me disseram pedir material em troca das pinturas e usar o excedente em pinturas próprias. Também há aqueles que são chamados para dar aula de grafite, ou que fazem trabalhos gráficos e de ilustração, prioritariamente, para *griffes* de roupas da cultura urbana, como *skate* e *hip-hop*. Existe neste universo da cultura de rua um segmento muito extenso que atinge muitos jovens urbanos, atuantes ou não na cultura urbana, gente da periferia, ou não. Diversas são as lojas que estão em galerias comerciais e *shopping centers* divulgando este movimento através do consumo de bens como revistas, roupas, acessórios, cds, etc.

"O Dape explicou como funciona o esquema das pinturas. Um comerciante, por exemplo, cansado de repintar seu muro, chama um grafiteiro, lhe fornece as tintas e recebe a pintura. Os rapazes ganham em espaço para pintar e o que sobra das tintas" (Caderno de campo: Daniella entrevista Dape e família - 29/01/2003 - p.8)

Outro fator significativo é a possibilidade de estar fazendo uma obra artística ⁴. O sentimento que este ator tem, de ser autor de uma obra e realizar um projeto próprio. Ser autor de um painel, de uma pintura que vai ser vista e reconhecida é muito

⁴ Sobre a aproximação com as Artes Plásticas encontramos considerações aqui no Capítulo 2 item Os escritores urbanos: trajetões e trajetórias e no Capítulo 3 item A aproximação com as artes plásticas.

importante para o escritor de grafite. Este sentimento de produzir algo que posteriormente será percebido, consumido e comentado por outros, é uma experiência compartilhada por vários segmentos da sociedade contemporânea. Exemplos podem ser citados na propaganda, onde os comerciais veiculados na televisão e *outdoors* espalhados pelas ruas, despertam grande satisfação aos seus criadores, que sentem o potencial de influenciar e se fazer notar; no *design* quando um eletrodoméstico ou um carro decorrente de um projeto de produto é visto em lojas ou circulando pelas ruas, desperta grande satisfação ao autor destes objetos; o engenheiro tem grande satisfação ao construir uma ponte; o arquiteto ao projetar um prédio; o músico ao escutar sua música pelo rádio. Outros exemplos ainda podem ser facilmente compreendidos pelo jornalista que vê suas primeiras matérias publicadas; o escritor que encontra seus livros nas livrarias; o cientista que tem seus artigos e obras citadas por outros autores. Este reconhecimento dá sentido àquele que cria uma obra e acompanha sua trajetória.⁵

A autoria reforça a identidade destes escritores. No momento em que existe um reconhecimento, que seus apelidos/assinaturas passam a ser referenciais para o movimento, há uma real interação com o grupo social. Esta busca pela fama é elementar, ao ingressar na escrita urbana estes atores já adotam um apelido. Com este apelido passam a assinar suas pinturas e através dele se tornam conhecidos. Através deste apelido acontece um "batismo", o indivíduo passa a ser uma nova pessoa. É através desta nova identidade, que ele vai se relacionar, este novo papel social agora lhe pertence. E se mudanças ocorrerem em seu percurso, caso sinta um crescimento, queira aventurar-se em novas experiências, ele adota um novo apelido, podendo ou não abandonar o anterior.⁶

⁵ Os exemplos citados procuram abranger um leque de atividades que despertam o sentimento e a satisfação decorrentes do processo de criação e reconhecimento de uma obra. O interesse único dos exemplos é despertar a atenção do leitor para este sentimento de autoria, não cabendo neste texto discussões sobre os méritos específicos das atividades citadas.

⁶ Sobre as assinaturas encontramos considerações aqui no [Capítulo 2](#) item [Os escritores urbanos: trajetórias e trajetórias](#) e item [As assinaturas e as crews](#).

O grafite também pode servir de porta de entrada para outras artes e outras atividades na vida de seus integrantes.

Revista Graffiti: "Você faz trabalhos em tela e agora existe também um pessoal expando seus trabalhos na Bienal. Você acha importante para o graffiti atingir essa outra camada, estar ligado às artes plásticas em si?"

Boleta (SP): "Eu acho que você fazendo o que gosta, isso não importa, não interessa. Se tiver que acontecer alguma coisa, vai acontecer naturalmente. Caso seja considerado arte, o importante é você gostar do que está fazendo e seguir em frente." {Transcrição da revista Graffiti n.5: Entrevista com Speto, Binho, Tóta, Markão, Maggo, Chivtz, Zézão e Brown}

Revista Graffiti: "Este ano, na comemoração dos 5 anos, a Bienal abriu espaço para a exposição de graffiti. Os Gêmeos e o Vitche participaram. Como você vê a linguagem do graffiti sendo reconhecida hoje em grandes galerias?"

Brown (SP): "Eu acho que esse é o reconhecimento do trabalho deles. Eles mostraram que o graffiti é uma coisa séria e não vandalismo que muitos pensam. O mundo inteiro está vendo o graffiti desse jeito e agora também podem ver nas propagandas. Eu acho que o graffiti é a arte do futuro." {Transcrição da revista Graffiti n.5: Entrevista com Speto, Binho, Tóta, Markão, Maggo, Chivtz, Zézão e Brown.}

Site Escrita Urbana: "Você foi o único da velha escola no Brasil que não se voltou mais pro lado da arte. Todos os outros optaram por um caminho mais artístico. Por que?"

Binho (SP): "Sou apaixonado por old school e ainda não enjoiei.. quero fazer coisas diferentes mas não tenho pressa adoro pintar desse jeito e respeito muito o pessoal da arte acho eles especiais..e muito bons..(Herbert, Tinho, Vitche , OsGêmeos entre outros muito bons..) as vezes eu faço alguma coisa do tipo.. mas na rua eu gosto é de graffiti tradicional.. muita gente fica copiando o Daim, um estilo que eu adoro também, mas a galera não sabe que tem que começar do simples e certo aí a gente vê um monte de 3-d errado... as vezes até bonitinho mas errado.. tem que fazer tags e letras simples.. "

SEU: "Você faz somente graffiti ou também outras artes ou trabalhos?"

B: "Trabalho com programação visual e decorações.. assim como desenhos para marcas de skt entre outras coisas mais. também pinto umas telas.."

SEU: "E quanto ao aerógrafo, o que você acha?"

B(SP): "Pintura feita com aerógrafo é aerografia ou air brush e nunca graffiti pode até ser no estilo. Assim como comercial não é graffiti e sim pintura.. independente de ser bom ou ruim.." {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Binho}

Site Escrita Urbana: "Você faz alguma arte fora o graffiti?"

Onesto (SP): "Que quero fazer várias coisas ao mesmo tempo, isso às vezes me prejudica. Faço várias anotações porque sempre surgem novas idéias. Gostaria de ter mais tempo disponível para fazer Esculturas e Gravuras. Pretendo fazer exposições com peças desse gênero, mas infelizmente não estou podendo produzi-las. De resto estou sempre procurando aprender algo novo, não importa em qual área seja. Aproveito tudo em meus projetos. Quanto mais eu souber sobre as coisas que existem no Mundo, melhor pra mim. Infelizmente a vida é curta." {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Onesto}

Site Escrita Urbana: "Por que começou a grafitar? Primeiro contato..."

Ver (Califórnia): "Bem, tudo começou, há um pouco mais de 10 anos atrás, quando aqui em Santa Cruz-California, apareceu um forte movimento de graffiti. Foi quando fui introduzido a um livro chamado Subway Art, de Henry Chalfant, a partir daí, fiquei fascinado por essa cultura. E este processo acabou acontecendo de uma maneira bem natural para mim, porque eu já tinha uma certa experiência em arte, influenciado pela minha avó, que é uma artista plástica primitiva."

SEU: "Para finalizar a entrevista, tem alguma coisa para dizer que ainda não foi dito?"

V(Califórnia): "Gostaria de dizer para os graffiteiros do Brasil, que continuem nesse jogo e aproveite tudo de positivo que ele tem a oferecer. Já que arte não é real, mas sim um reflexo da realidade. E assim como o real graffiti nada dura para sempre. Peace" {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Ver}

Site Escrita Urbana: "Você tem algum curso de desenho?"

Botcha (SP): "Sou formado em projetos mecânicos."

SEU: "Além do Graffiti, você faz alguma coisa relacionada à arte?"

B(SP): "Eu mexo um pouco com Estudio 3D." {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Botcha}

O grafite assim pode ser visto como uma possível (mesmo que difícil) entrada para o universo das artes plásticas. Para um jovem o acesso aos círculos fechados das artes plásticas é bastante difícil. Mais difícil se ele estiver na periferia.

“Steffano, foi um dos primeiros escritores (do encontro de 07/01/2003) que veio falar comigo. Disse que tinha um tio famoso nas artes plásticas brasileira (infelizmente eu não conhecia). Em função disso ele tinha facilidade no acesso a galerias, etc. e fazia pintura em telas também.” {Caderno de campo – Daniella entrevista Bolacha e outros na Travessa da Lapa - 07/01/2003}

O grafite também por ser uma atividade dinâmica conta com diversas relações no universo articulado do consumo. Sua natural visibilidade gera oportunidades que os atores podem ou não aproveitar, de acordo com o grau de envolvimento com a escrita urbana.

Ainda dentro de uma ótica que visa identificar oportunidades que justifiquem o pertencimento deste atores, observamos outra peculiaridade do grafite que reforça e abre novos objetivos de vida a seus integrantes. A possibilidade de intercâmbios através de viagens e hospedagem. Os escritores através do grafite têm possibilidade de conhecer novas pessoas e novos lugares, seja por convites para participarem como animadores de festas com os integrantes da cultura de rua. Ou em eventos em outras cidades, como por exemplo, o Encontro Internacional de Santo André, que leva excursões de escritores para lá, ou ainda, acontecimentos culturais e sociais como o Fórum Social Mundial que ocorreu em Porto Alegre no início de 2003 e reuniu muitos escritores de grafite. Ou também para visitas que decorrem dos contatos estabelecidos com escritores de outros locais onde o convidado encontra hospedagem com seus colegas de fora. Assim a rede de sociabilidade se estende para além dos limites municipais gerando oportunidades de novos contatos.

Ments (Ctba): “Tipo viagem, as viagens que eu faço te abre a cabeça assim pra coisas que, coisas que eles estão pintando em outro lugar. Assim você vê, por exemplo, você vai num, numa cidade como São Paulo eles tem um tipo de letra um pouco diferente daqui de Curitiba. Então você acaba agregando mais ou menos aquilo e futuramente pode ser que você jogue isso numa pintura ou faça um mix de tudo assim. Mas eu acho bom sempre bom viajar tanto pra tá pintando em lugares diferentes, conhecer pessoas diferentes, escritores de grafite diferentes, quanto pra isso influências mesmo.” ... “Uma relação como uma pessoa muitas das vezes você não conhece ela bem. A pessoa assim, você conhece através de carta, e-mail, icq, ou coisa desse tipo. E por exemplo, essa pessoas tão indo e vindo assim. Gente que vem aqui e fica na minha casa, gente que eu só conheço por e-mail. Ou tipo eu vou pra casa de outras pessoas que eu vou conhecer naquela cidade mesmo. É sempre assim basicamente. As minhas eu procuro ter mais um, como é que eu posso falar, tá certo mesmo da onde eu vou ficar, assim. E saber quem é a pessoa,

procuro saber realmente que as vezes você pode tá caindo numa fria, mas dificilmente vai acontecer isso, é como uma família assim.” {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew - 29/01/2003 - p. 7-10}

Site Escrita urbana: “No início do mês de junho surge a notícia... 3ª Mostra de graffiti de Santo André.. considerado o maior evento de graffiti do Brasil, prometia essa ser a melhor de todas edições. Mas havia problema.. estávamos a cerca de 1400Km e pegar um ônibus até lá é caro... foi quando kiko (Efeitos crew) avisa.. vai sair uma excursão de Curitiba... era o que faltava para Rato – Wild crew (eu), Troko – NNC e Espião – NNC fazer as mochilas (lotadas de spray) e partir para Curitiba.

Depois de uma noite inteira de viagem (19:00 de quinta até 10:00 de sexta), chegamos em Curitiba, ligamos pro kiko e ele foi nos catar na rodoviária... até a casa dele já pudemos observar como está forte a cena do graffiti em Curitiba.. Com bomb para todos os lados. Já na casa do kiko, o Bombardeio obscuro acompanhou um ótimo almoço oferecido pela mãe dele. Obrigado tia.. tava ótimo.

A tarde fizemos um piece cada um em Curitiba... o meu faltou spray e não ficou bom.. o do Espião faltou tempo pra acabar e o do Troko ficou bom.. ahh, naquela época ele escrevia Flash. Junto com nós, kiko e Snoq, ambos do Efeitos Crew, fizeram um throw-up para acompanhar. Um banho na casa do kiko e já estávamos indo pegar o ônibus, mas como era um pouco cedo ainda nos encontramos com outros writers e b-boys num shopping e da li partimos para o local marcado para saída da excursão.” ... “O ônibus liga e toda aquela mass de escritores começa a gritar.. o primeiro de uma série de vinhos é aberto e começa a diversão... hinos de gangues eram cantados numa ‘rixa’ de brincadeira entre bombardeiros e pixadores contra graffiteiros... e logo após de zonas.. Eu troquei muita idéia com o Sien e o Presto.. caras gente fina que sabem qual a verdadeira diferença entre um writer comum e um writer All City, apesar de classifica-los como graffiteiros e writer.

Numa parada em um posto.. os cara resolveram taggiar um os ônibus e outra linha... o motorista naun viu... mas quando os cara foram tirar fotos.. aí já era. Chamaram a policia.. e eles falaram: Enquanto aquilo não fosse limpo.. ninguém saia dali. Mutirão pra limpar os tags.. foi fida.

Muita diversão até chegar em São Paulo. Quando chegamos.. tudo aquilo nos chamou a atenção.. eu nunca tinha visto Tag reto lá encima dos prédios... Foi bem loco ver como o bombardeio é forte lá. Paramos no centro pra ir até a galeria 24 de maio e nos deparamos com uma das produções que Loomit (Alemanha) pintou aqui no Brasil. A falta de respeito dos pixadores foi foda.. tag reto por cima do trampo do cara.. mó desrespeito. Algumas compras na galeria e voltamos pro onibus todo mundo usou marcadores para bombardear.. os taxistas viram e queriam linchar o motorista. Chamaram a policia e ficharam o motorista.. o velho rolou por nossa causa.

Sáimos pra Santo André onde o evento rolava desde demanhã e o muro era o da linha de trem, mas por fora. Sete metros e 20 latas pra cada writer/crew. Os escritores todos ligados em seu piece não tiraram os olhos por nada. Nada até surgir o trem de carga que parou bem na frente.. Aquele monte de writer correndo pra bomberdear.. Dos que estavam no ônibus, o Note e o Cimplis conseguiram catar e trem. Surgiu um policial da linha e acabou a diversão. Num dos vagões já tinha um bomb do Gegão. Depois de baixar a poeira, outros bombers tentaram catar mas os policias pegaram e encheram de borrachadas, depois disso ninguém mais se arriscou.

De Curitiba tivemos de voltar até Pelotas, RS... mas doidos pra chegar e com um monte de novidades pra contar.. mas além de novidades, experiências e sabedorias que nada fora uma viagem podem ensinar.” {Transcrição do site Escrita Urbana: Rato (Pelotas)}

Site Escrita urbana: “O que você achou do encontro de Santo André este ano?”

Onesto (SP): “Achei uma bosta! A cada ano esses eventos ficam mais chatos. Nada contra promoverem eventos que reúnam vários Graffiti-Writes, cedendo-lhes um espaço e material para que possam executar seus trabalhos. Deve ser ótimo para o público ver vários artistas com estilos e propostas diferentes. Quem se identifica com Graffiti pode tirar algumas dúvidas, comparar técnicas e se divertir com isso como eu mesmo já fiz, mas e nós que às vezes somos convidados para participar destes eventos, como ficamos? Não há nada para se fazer fora rever alguns amigos, trocar algumas idéias, fazer o trampo, pegar as tintas e ir embora, sem pensar em retornar no dia seguinte. Acho que já passou da hora dos organizadores pararem para pensar e elaborarem melhor estes encontros. Se espelharem um pouco nos modelos gringos onde há palestras, Workshoppings, debate entre os Writers ou com autoridades que questionam o Graffiti, Shows com grupos de RAP, danças, exibições de vídeos e de documentários sobre o gênero em anfiteatros, etc. Isso sem falar que lá eles selecionam um grupo de Graffiti-Writers, organizam uma reunião e ‘perguntam’ que atrações seriam interessantes serem apresentadas no evento. Enquanto por aqui... Depois acham ruim quando “a molecada trepa em tudo e sai rabiscando o que vêem pela frente”. Não fazem nada para prender o interesse do público e tão pouca a nossa.”

SEU: "Você pretende fazer novas viagens em breve?"

O(SP): "Com certeza! Quero principalmente conhecer lugares que não haja Graffitis para que eu possa levar a 'peste' pra lá." {Transcrição *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001}

Site Escrita urbana: "Você já visitou quais países para graffitar?"

Ver (Califórnia): "Já estive em varios lugares aqui na America do Norte, e na America do Sul só no Brasil. Mas estou planejando uma viagem para Europa no próximo ano e de la desço para America do Sul desta vez vou ao Peru e finalmente de volta ao Brasil, para fuder tudo por aí..." {Transcrição *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Ver}

Site Escrita urbana: "Aonde você pintou além de SP?"

Botcha (SP): "Viajei 2 vezes pra Belo Horizonte e 1 vez pra Curitiba, esse ano pretendo ir pra Europa." {Transcrição *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Botcha}

Site Escrita urbana: "Você gosta de viajar pra escrever? Quais foram suas principais viagens?"

Binho (SP): "Argentina 8 vezes, Chile 2 vezes e Japão 1 vez e várias dentro do Brasil. Não dá para contar... em especial a última pois conheci uma cultura totalmente diferente e pintei muito com os japoneses."; "Por que Japao e não Europa ou EUA? Principalmente EUA, que tem mais a ver com o seu estilo."; "Fui visitar minha mulher junto com minha filha e como já tinha alguns contatos e acabei ficando 9 meses.. logo eu tento ir para outro lugar talvez EUA mas antes eu quero ir para Barcelona e pintar com gente humilde..."

SEU: "Como foi pintar com o Loomit ⁷? E com outros estrangeiros? Você aprende com eles?"

B(SP): "Aprendi muito com eles. Coisas tipo determinação e objetividade pois as vezes não se tem tempo para ficar embaçando."

{Transcrição *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Binho}

Site Escrita urbana: "Você já viajou para escrever? O que você acha disso?"

Head (EUA): "Sim, eu pinte o EUA e a Europa por toda parte. Este verão TEM e eu fomos para Baltimore e depois para Nova York e então pelo EUA inteira acabando em São Francisco e então voltamos para Chicago. Toda viagem parando e pintando em muitas cidades no caminho. Eu também viajei durante uns 3 meses ao redor da Europa neste verão. Eu pinte em muitas cidades inclusive trens em Copenhague, Prague, Viena e Amsterdã. ." {Transcrição *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Head}

Estas declarações mostram a internacionalidade que o grafite pode ter.

Site Escrita urbana: "Para finalizar.. fala qualquer coisa.."

Heas (EUA): "Eu tenho pouco a dizer.. faça aquilo que seu coração mandar, mesmo quanto isso lhe der muito trabalho... paz para todas as pessoas que estiveram dispostas a me ensinar e aprender comigo ao longo de meus anos. Salve a LOBA de Amsterdã, LIES em Viena, TEM de Copenhague, RONIN e TOMS de Nova Iorque, TOKEO de Indianapolis, SNONE e UNONE de Chicago, DRAT e IRAK de Minneapolis, e SLOPE de São Francisco e a todos outros que conheci e me acolheram durante minhas viagens.. Paz!" {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Heas}

O grafite seduz e envolve porque oferece condições imaginárias e reais de pertencimento. Tem uma história, tem ídolos, tem regras de comportamento, vestuário, vocabulário, tem rivalidades, tem ação e aventura, possibilita a interferência, possibilita a participação no pequeno grupo como também com a sociedade em geral, da visibilidade e fama, proporciona objetivos aos seus integrantes. Gera oportunidades, que podem ser aproveitadas ou não pelos atores. Estes são alguns dos motivos pelos quais atores sociais se aproximam e se envolvem com a escrita urbana.

⁷ Loomit é um escritor alemão que circula pelo mundo, já esteve mais de uma vez no Brasil.

O GRAFITE COMO (DES)ORGANIZAÇÃO E COMO MANIFESTAÇÃO (A)POLÍTICA

O grafite tem na ação de seus atores o fator determinante de sua existência. A realização desta práxis exige uma postura ativa de seus integrantes. Uma postura ativa com características bem peculiares. Para observarmos estas peculiaridades podemos iniciar fazendo um comparativo com a postura de um atleta e na seqüência do texto apresentar as particularidades da escrita urbana.

Colocando a postura do escritor de grafite em contraste com a postura de um atleta, podemos observar que o atleta obtém resultados em decorrência de seu empenho pessoal, mas tem suas atitudes sempre mediadas por alguma entidade formal e pré-estabelecida. O jovem atleta insere-se no contexto esportivo pelo ingresso em uma escolinha, depois recebe instruções de um treinador que define seus passos, um clube encaminha sua filiação a uma federação e tudo transcorre com a anuência de seus familiares e da sociedade em geral. Os atletas entram em um meio previamente estabelecido por canais oficiais e se inserem em uma atividade formalmente aceita. Os escritores de grafite, também encontram um contexto previamente estabelecido, porém não por meios oficiais. Os escritores de grafite articulam sua intervenção através de uma postura ativa, uma "atitude" como se costuma dizer no vocabulário da cultura urbana. Esta atitude pode nos ilustrar determinados aspectos da escrita urbana quando observamos a sociabilidade do grupo sua organização, lideranças e também um aspecto político com características próprias desta atividade. Estas particularidades que serão observar na seqüência.

O grafite como uma rede de sociabilidade. (Lideranças e reconhecimento)

Se pensarmos o grafite como um tipo de organização/instituição, devemos observar algumas particularidades. O grafite pode ser interpretado como uma manifestação “acéfala”, onde não se encontra um núcleo formal que dite as regras aos seus integrantes. Suas regras são tácitas, não são formalmente documentadas. Esta característica permite que o escritor de grafite mantém sempre uma postura ativa. A postura de descobrir os caminhos e as relações que possibilitem seu envolvimento e integração. Por estes fatores, o jovem se aproxima, mas não tem certeza se já é integrante do grafite ou não. Seu reconhecimento não é balizado por uma entidade ou uma pessoa, e sim pelo resultado de suas ações e a repercussão que estas têm no grande grupo. Ele deve ser reconhecido por seus pares. Suas lideranças não são formais, são estabelecidas por este reconhecimento. Disto decorre o fato do grafite ter muitos porta-vozes, são muitos os interlocutores possíveis.

Site Cwbgraff: “diz que é difícil definir o graffiti, mas acha que o graffiti tem regras que tem que ser seguidas para não perder a essência.” {Transcrição do site [Cwbgraff](#): Xerox entrevista Cimples}

No grafite não existe um núcleo centralizador ou controlador, com lideranças definidas. Existe a admiração e respeito entre alguns escritores e divergências entre outros. Os escritores que se dedicam a fazer fanzines e *sites*, que os criam, desenvolvem, produzem e distribuem, naturalmente têm uma voz mais forte no grupo, pois são responsáveis pela divulgação de notícias e informações sobre a escrita urbana. Acabam desempenhando um papel de editores, selecionando o que vai ser divulgado ou não e recebem um reconhecimento por isto, mas não representam a única expressividade do grafite. Existe, em Curitiba, uma associação ⁸ que serve de interlocutora junto a instituições governamentais, mas esta associação também não é conhecida por muitos escritores da cidade.

⁸ Esta Associação foi comentada na [Introdução](#) item [O contato com os escritores urbanos de Curitiba](#).

No caso do Evento de Araucária, podemos observar a postura da liderança, o Cimples teve um papel determinante na medida em que conseguiu o muro e divulgou o evento, mas não se sentia responsável pelo mesmo, pois não conhecia muitos dos participantes e nem sequer teve regalias como a reserva de um espaço privilegiado para sua pintura. E caso ele não tivesse ido a Araucária, o evento ocorreria sem sua presença.

Assim o fator mais relevante para o destaque dentro do grafite é a participação, a ação, o fazer pinturas. Alguns se destacam e viram referência que decorrem de ações. O tempo de envolvimento com o grafite é um fator importante; as correntes de pensamento que se formam internamente também têm seu peso, por exemplo existem aqueles que repudiam a pichação e os que a interpretam como algo inerente à escrita urbana; aqueles que fazem disputas pelos espaços mais perigosos e difíceis; e aqueles que buscam conseguir pinturas artisticamente mais ricas, etc. O reconhecimento do estilo, dos desenhos, da técnica, a capacidade de inovação e criação são fatores fundamentais para o reconhecimento do escritor.

Sendo o estilo de um escritor é determinante para seu reconhecimento, destacam-se aqueles escritores que desenvolvem uma forma própria de pintar e são reconhecidos e respeitados por isto. Para o aprimoramento de seus estilos, os escritores mantêm, cadernos onde fazem seus desenhos na constante busca de novas imagens para suas futuras pinturas.

Ments (Ctba): "Tem pessoas que dizem assim do meu estilo de pintura que é o 3d assim. Que é algo mais trabalhado ou que sei lá, coisa pra quem já sabe ou já tem o dom. Eu não acredito muito nisso assim. Quer dizer eu comecei fazendo *wild-style*, passei, já fiz tudo quanto é tipo de grafite assim. Eu parei no 3d por que é uma coisa que eu gosto assim. Pretendo fazer outro tipo de pintura ai mais eu vou tá lançando, vou lançar um outro nome pra mim assim. Tipo vou fazer como se fosse duas pessoas pintando mas num só artista assim." {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew - 29/01/2003 - p.13-14}



FIG. 17 –Rua Padre Agostinho, Curitiba, 2002. Devis e Ments.

As características particularidades e os estilos inovadores projetam seus atores dando a eles muito destaque. O Brasil se destaca mundialmente no universo do grafite pelo tipo de escrita de rua que pratica. Por limitações financeiras os escritores aqui desenvolveram a pintura de rolinho fazendo um traçado peculiar à esta técnica. O Brasil é conhecido pelo estilo de pichação chamada “tag reto” que foi desenvolvido aqui e é cobiçado por escritores estrangeiros. As revistas de fora solicitam fotos deste tipo de pichação. Alguns escritores de São Paulo como Os gêmeos, Vithie, Onesto, Hupert, são muito respeitados no exterior. Seus trabalhos são amplamente divulgados em *sites* estrangeiros. Os gêmeos em especial são ídolos no universo do grafite mundial.



FIG. 18 – Pintura dos Gêmeos, São Paulo.



FIG. 19 – Pintura dos Gêmeos, São Paulo.

As novidades e os destaques sempre ganham fama dentro do universo do grafite. Esta característica só reforça a postura de busca contínua por inovação que os escritores ambiciosos tem. Assim um escritor que queira se destacar deve estar continuamente

procurando se superar e encontrar alternativas ainda não exploradas pelos outros. Isto reforça a postura ativa que existe desde o início do envolvimento com a escrita urbana.



FIG. 20 – Exemplo de uma pichação que ao invés de cobrir a pichação anterior brinca com a idéia de engolir a *tag* do adversário. Esta é uma forma bem humorada que “atropela” de modo criativo a *tag* do adversário.

Através destas ações, o grafite passa a ser parte da cidade, em muitos casos uma parte polêmica e que dá desgosto a muita gente. E por outro lado, articula ações sociais e integração de jovens, recebendo então um incentivo da comunidade. Desta maneira muitas foram as ações oficiais do grafite, como eventos de grafite com apoio da FCC (Fundação Cultural de Curitiba), juntamente com associações comunitárias de bairro. Já ocorreram encontros mediados pelo *hip-hop*. Ocorrem ações empreendidas por um ou outro escritor que convida os demais para uma “produção”⁹.

Um exemplo destas produções é o grande muro na Avenida Água Verde.



Pintura na Av. Água Verde com os escritores: Trart da NDR; Cimples da PRN; Ments da THC; Adhes; Bolacha da Lustres com os textos: “A exploração da criatividade nos dá acesso ao desconhecido, que nos apresenta o inevitável.” (em vermelho, abaixo) e “As lições da vida são um remédio para nós que somos um vírus universal e a polícia não é a cura, e sim o efeito colateral.” (em preto, abaixo).



na continuação do muro: Devis da Artsul com o texto: “Não penso, não existo, só assisto.” (em cima); Ever com o texto: “Só os loucos sobrevivem”; ??? com o texto: “O ilegal é + legal.”; Sampler Trak; Ranho com o texto: “A burguesia é o alvo.”



FIG. 21 – Muro na Av. Água Verde, Portão, Curitiba, 2001. Produção de diversos autores.

O mesmo muro alguns meses depois onde existia o texto: “A burguesia é o alvo.” com a imagem de uma arma apontada para o espectador, foi substituída por uma propaganda de imobiliária.

⁹ “Produção” é chamada a obra coletiva, um grande muro que é pintado por muitos escritores.

Na ocasião desta pintura um escritor encabeçou a ação dizendo que estava tudo acertado para este evento e reuniu vários escritores que realizaram os painéis assistidos por uma platéia de transeuntes que parava para olhar o evento. Mas, na verdade este ator não tinha feito um planejamento de fato, não havia pedido autorização, mas tudo correu bem, sem contratemplos, pois ele havia observado por longo tempo e percebido que aquele muro estava abandonado. Já no Evento de Araucária houve uma autorização somente verbal para a pintura do muro. Estes eventos mostram que existe uma certa invisibilidade ou que fica obscurecido o núcleo centralizador da ação, das decisões e das responsabilidades. Isto sugere que as ações de certa forma, são espontâneas e descompromissadas com formalidades.

Pelo seu aspecto descentralizado o grafite é acessível a um determinado grupo que é por ele atraído. E a possibilidade de interferir na cidade é objetivo sempre presente. Com isto observamos outro fator inerente do grafite – sua relação com a cidade.

A movimentação do escritor de grafite pela cidade se dá em um estado sempre alerta visando locais onde seja possível fazer uma pintura, poder se expressar, conseguir interferir. Como o resultado de suas ações interfere e desperta críticas por parte da população, eles acabam por ganhar voz. Viram alvo de críticas e também de simpatia, mantendo a duplicidade de opiniões que o grafite carrega.

O grafite como uma ação política.

Esta postura ativa pode também ser pensada como uma ação “política” na medida em que causa mediações entre o grafite e a sociedade em geral. Por ter visibilidade e se apropriar dos espaços visuais da cidade o grafite gera reações na sociedade. Assim eles ganham destaque na mídia e atenção de proprietários de imóveis. Conseqüentemente são citados e eventualmente chamados por autoridades (governamentais ou comunitárias) para discussões. Desta maneira que uma expressão visual ganha voz.

A importância de enfatizar a postura ativa do grafite decorre do fato deste ser uma manifestação que surge da vontade de seus escritores em pintar, seja pelo interesse artístico ou pelo vandalismo. Estes escritores urbanos não aguardam um chamado para agirem, se programam e realizam suas pinturas independente ou não da vontade e da permissão alheia. Esta característica pode ser interpretada como uma interferência política, que não visa a politização ideológica ou partidária, mas mostra na interferência urbana a participação que este grupo tem na cidade e na sociedade, mesmo sem ser convidado a realizá-la.

Sobre a ideologia política durante a pesquisa percebi que quando ocorrido o grafite está no contexto do *hip-hop*, onde a posição ideológica é muito marcante. Quando fiz alguns questionamentos sobre os temas e inspirações das pinturas, as respostas que me foram dadas indicaram influências cotidianas, como um espetáculo de balé assistido dias antes, ou a reprodução de personagens vistos em sonho, ou a influência das cores das flores da praça. Um escritor me dizia que enquanto conversávamos ele olhava uma flores vermelho *Ferrari* e pensava em usá-las em uma próxima pintura.

Ments (Ctba): “Há com certeza, com certeza! Quando eu to andando de ônibus, quando eu to andando de carro, ou qualquer... a pé mesmo, eu gosto bastante de andar a pé justamente pra isso. Pra tá olhando a cidade, pra tá mais ou menos visualizando locais assim que eu possa fazer grafite, ou sei lá tirar idéias, por que a cidade não é só suporte, ela é também a influência, a fonte ali onde extrai o grafite e aquilo e tal.” {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew - 29/01/2003 - p.6-7}

Na grande maioria das pinturas é mais valorizada a percepção das coisas cotidianas que as mensagens ideológicas. Porém algumas exceções ocorrem como o exemplo abaixo.



FIG. 22 - Travessa da Lapa, Curitiba.
"Bonecos gigantes".



FIG. 22 – Travessa da Lapa, Curitiba.
Segundo o autor desta pintura (Ângelo, escritor de grafite e *rapper*) a sigla IRA teria uma conotação política fazendo referência a Irlanda. Apesar de ser uma referência sem articulação com o contexto nacional, o autor procura uma justificativa de referenciais ideológicos para a este grafite.

A grande maioria das inspirações e conteúdos veiculados nas pinturas não visam conotações político-ideológicas, mas a atitude de interferir no meio urbano gera uma reação da população e que coloca os escritores em um ponto de destaque no cotidiano da cidade através da interferência decorrentes de suas pinturas. Assim o grafite pode ser percebido como uma manifestação política por sua ação e interferência e não pelos conteúdos veiculados nas pinturas.

Nas falas a seguir podemos observar como surgem os conteúdos das pinturas.

Daniella (Ctba): "Quais são suas inspirações e estilo?"

Ments (Ctba): "Mais a inspiração minha, não sei, não posso dizer que vem da cidade por que não tem aquela de ficar mostrando cenas urbanas assim mas também vem da cidade sabe. É bem difícil falar sobre isso, por que é algo assim, eu observo uma coisa, uma textura... Eu observo uma textura assim na rua e aquilo acaba influenciando minha pintura assim tipo na hora de fazer o fundo do meu grafite e tal. Eu creio que minhas influências vem através de observações assim que eu vou fazendo cores... (minha interrupção – É isso cor! Eu tava pra...) Principalmente cores eu vejo cores, combinação de cor ou assim eu vejo bastante em anúncios, peças de *design* ou coisas desse tipo. Eu vejo a combinação de cor, falo '- Pô essa combinação realmente é legal assim, vou usar essa combinação um dia.' Ou uma planta você vê assim '- Putz, olha que vermelho' igual aquele ali da frente. (fala apontando para umas flores no canteiro da praça) Eu tava olhando e pensando assim '- Aquele vermelho ali eu sei é vermelho Ferrari. Então o próximo eu já devo usar vermelho Ferrari.' Assim por que eu gostei bastante assim. Minha inspiração é

mais ou menos essa. Não vem assim, de um momento assim '- Eu observo um momento e desenho aquele momento e tal.' E também não tenho muitas inspirações políticas assim, tem gente que faz negócio meio político, meio com mensagens assim. O meu também não tem isso. Eu acho assim, meu grafite é meio minimalista, ele é meio vazio assim, ele não tem conteúdo é só aquilo ali, só aquele visual." {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew - 29/01/2003 - p.14-16}

Devis (Ctba): "Bom, no meu caso assim né. Eu não gosto de estipular um estilo só. Acho que... Que nem alguns artistas fazem, querem fazer 3d ou *wild style* que são letras complicadas agressivas né, ou fazer só *throw-up*. Eu... sou uma pessoa que, eu cada dia tenho uma inspiração, vamos dizer assim, eu saio de casa hoje, não sou aquele que pinta todo o dia, mas acho que o que eu pinto pra mim é suficiente. Eu se pudesse pintar seria melhor, mas acho que assim se eu ficar sem fazer *bomber* vou sair um *throw-up*zinho. Quero fazer uma 'produção', vô lá ligo pro cara '- Vamos pintar?', '- Vamos'. Saímo e pintamo! Então depende do dia da hora, do lugar, do muro que você vai pintar. Eu sei lá ... as vezes saio afim ... pintar uma letra e chego lá e pinto outra. Quero fazer um 'carinha' não faço, faço sei lá, faço qualquer coisa. Não estilo...assim." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p. 6-7}

Izy (Ctba): "Também não é ter estilo, você chega num lugar, mas aquele muro não te pede um grafite, não te pede exatamente o que você tá na cabeça." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p. 6-7}

Devis (Ctba): "É as vezes você sai pra fazer uma coisa, pintar uma 'produção' mas você pinta... do outro lado da rua tem um murinho, que te chama a atenção. Você vai lá e pinta um *bomberzinho* a mais, isso que dá." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p. 6-7}

Izy (Ctba): "Isso que é um lance meio artístico, porque você chega assim poxa! Você olha pro muro e o muro tá te falando alguma coisa ou não. Mas você... ele não quer isso! Eu sei o que ele quer." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p. 8}

"Folheando o caderno de Cimples perguntei de onde vinham os desenhos ele respondeu que como é um desenhista em crescimento não tem algo definido. Assim, folheando o caderno vi uma bailarina, ele disse que havia desenhado por ter ido ao balé naquela ocasião." {Caderno de campo: Daniella entrevista Cimples e Dose da PRN crew - 10/01/2003 - p. 7-8}

OS ESTILOS, OS MATERIAIS e AS TÉCNICAS

Ao aprofundarem seus conhecimentos no universo do grafite, os escritores convivem com um conjunto de termos, estilos, materiais e técnicas que passam a fazer parte de suas conversas usuais.

Nos encontros que presenciei, a maioria das conversas girava em torno da atividade, no sentido de trocar idéias sobre trabalhos realizados, experiências vividas, técnicas utilizadas e conquistas. A troca de informações e de materiais é freqüente. Um escritor pega emprestado material do outro, às vezes sem comunicar, gerando comentários como: "Pô! O cara vazou com a minha câmera". Porém os empréstimos são bem aceitos. Ocorrem trocas em diversos momentos, ao observarem os cadernos dos outros, ao dividirem os espaços do muro, ao conversarem enquanto os desenhos vão se desenvolvendo e as pinturas vão se integrando com a dos vizinhos. Aqui podemos ver um pouco o teor das conversas.

Ments (Ctba): "Eu putz, já experimentei pintar assim com... já pinte em tela, já usei aquarela, já usei tinta óleo, tipo, já fiz tela com *spray*, diversas coisas, desenho a lápis assim. Eu sempre desenhava, sei lá, des dos meus, sei lá, sete anos de idade já desenhava gibi, coisas desse tipo tal, sempre fiz. Essa relação assim, eu faço mais pra experimentar e ver como é que é sabe, pintar uma tela. Ontem assim, eu fiz um quadro, que eu pinte num papelão assim, então foi mais saber se o papelão aceitava, se era legal sabe. Então eu ouvi falar, guardei assim, creio que não vou fazer outro cedo, eu acho. É tudo a título de experiência, eu pelo menos, quando fujo da parede assim, faço a título de experiência." {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew - 29/01/2003 - p. 20-21}

Site Escrita urbana: "O que você usa para escrever? Somente sprays ou usa tinta e rolinho como no Brasil? "

V (Califórnia): "Eu uso tudo que chega as minhas mãos, rolinhos uso geralmente para encher meus pieces, porque economiza tinta spray. Tento não gastar dinheiro com tinta, e aqui nos temos alguns lugares que reciclam tinta latex e e onde eu consigo as tintas por um bom preço e as vezes até mesmo de graça. Já as canetas que uso são todas adquiridas na base do 'passa a mão'. Para os sprays também tento usar a mesma técnica, mas hoje em dia está mais difícil por causa do sistema de segurança das lojas que está cada vez mais avançado. Eles usam portas de vidro com fechadura nas prateleiras e tem câmeras supervisionando toda a seção. Tento também driblar as lojas copiando, pelo computador, os codigos de barra das tintas mais baratas , e depois colando nas latas que compro, no final acabo pagando o preço razoavel por elas."

SEU: "Existe apoio das marcas de spray para o graffiti? Quanto custa e quais são as marcas disponíveis?"

V: "Não, nós nao temos nenhum apoio ou patrocínio dessas empresas, apesar de elas estarem ciente que nos somos seus clientes número 1, e ao mesmo tempo não acho que precisamos. Aqui nos EUA é tabu, para qualquer grande corporação apoiar ou se envolver com movimentos que não são aceitos pela sociedade ou considerados ilegais. As melhores tintas sao as Krylon, Rustoleum e Orchard Supply e custam e torno de \$2 a \$3 a lata. 'Que merda!'. " {Transcrição site Escrita Urbana: Gripe entrevista Ver}

Site Escrita urbana: “Como você adquire sua tintas?”

Heas (Chicago): “Em Chicago, spray é ilegal. Para adquirir pintura você tem que para outras cidades. Roubar é difícil mas é feito. Quando nós compramos tinta, normalmente são marcas mais baratas porque quantidade é mais importante que qualidade em Chicago especialmente quando tudo é removido dentro de uma semana. Na Europa, eu comprei tinta porque são quase exclusivamente disponível em lojas de hip hop, onde não ficam em prateleiras. Eu não me importei em pagar por Montana, pois a qualidade é tão superior das americanas que eu estava feliz em poder usar esse spray.” {Transcrição site Escrita urbana: Gripe entrevista Heas}

Abaixo encontramos ilustrações dos estilos de desenho, técnicas e materiais utilizados.



FIG. 24 – Detalhe de pintura, mostrando a técnica do *spray* para criação de transparências e relevos da figura. Dose.



FIG. 25 – Pintura inacabada, nota-se o preenchimento da tinta com rolinho como base das letras e o contorno de *spray* como acabamento.



FIG. 26 – Mochila e materiais como latas de tinta *spray*, garrafa de refrigerante com tinta branca, corante em pó “Xadrex”, potes de margarina para misturas, rolos para pintura, tintas coloridas em garafinhas de suco, etc.

Fora as técnicas existe uma busca por inovação, diferentes formas de interferências. São muitas as maneiras de se inovar, existem interferências alternativas que ocorrem dentro do grafite, como elementos tridimensionais (pequenas esculturas) que são fixadas em esquinas, por exemplo. Existem cartazes e etiquetas que são coladas nos postes chamados de “lambe-lambe” e “publicidade”. O universo da interferência urbana está aberto para diferentes manifestações que estes atores criam e, também, se destacam por isto.

Site Escrita urbana: “Eu vejo muita etiqueta e lambe-lambe seus. Você gosta bastante deste tipo alternativo de bombardeio, a propaganda?”

Onesto (SP): “Gosto de fazer qualquer tipo de Graffiti. Algumas vezes falta tinta para fazer um rolê, então ataco de lambe-lambes, tags com canetões, sticker, etc. Pra mim o importante é não ficar parado. Infelizmente não faço Graffiti todos os dias por ter outros compromissos, mas quando posso e me dá vontade faço com o que tiver a mão.” {Transcrição site Escrita Urbana: Gripe entrevista Onesto - 2001}

Site Escrita urbana: “Quando você veio ao Brasil, a ideia de colar etiquetas não era muito difundida. você ainda cola as ‘Hello.. my name is’ ?”

Ver (Califórnia): “Sim, ainda as uso. E na época do Brasil percebi que não eram muito difundidas por aí, mas meu objetivo era o mesmo que aqui, colar as etiquetas em lugares difíceis de bombardear durante o dia, como por exemplo, bancos, supermercados, placas,etc. E uma maneira de agilizar o bombardeamento sem entrar em problemas. Acredito que o novo elemento do bombing é a ‘propaganda’.” {Transcrição site Escrita Urbana: Gripe entrevista Ver}

As trocas que ocorrem quando escritores se encontram visam o aprimoramento pessoal. Nas conversas, nos contatos, nas novas experiências, eles vão aprendendo mais sobre pinturas e sobre grafite. Porém a maioria não chega a se aprofundar, realizando estudos individuais, como podemos observar na conversa entre Ments e Cimples:

Ments (Ctba): “Olha, pra ti falar a verdade assim, todos os escritores que eu conheço, que pra estudar isso assim, são poucos assim. Não é muito assim, uns 40%. Todos os que eu conheço para, pra estudar assim, por exemplo vou fazer um efeito diferente usando uma tinta assim assado e tal, ou deixando a tinta escorrer assim. Tipo de todos que eu conheço pessoalmente são poucos.”

Cimples (Ctba): “Não, mais assim. Acredito assim que mesmo o cara não conhecendo, não estudando, a partir de que ele começa a trabalhar com a tinta, acho que é um estudo já. Ele tava testando várias coisas.”

M(Ctba): “Há é, ganha experiência.”

C(Ctba): “Ganha experiência, as vezes ele não sabe, de repente, não sabe explicar.”

M(Ctba): “Tem gente que não corre atrás. Tipo, por exemplo, eu tenho como base de cor assim, cartaz polonês assim. Os caras usam duma forma que nenhum povo no mundo usa assim. Então eu olho aqueles cartazes dos caras e falo assim. – Pô tá as combinações de cores boas, tão todas aqui assim. Não que estejam toda ali, agora poucas as pessoas que tomam um referencial, que procuram correr atrás. Vê peças gráficas pra conhecer cor. Tem muita gente que se baseia por outros grafites, também que olha.”

C(Ctba): “Têm poucas que inovam no sentido cor. A maioria já pega coisa que já existe e já tá combinado.”

{Caderno de campo: Daniella entrevista Ments e Cimples- 29/01/2003 - p. 32-35}

Esta conversa aponta para uma diferença na formação dos escritores. Onde alguns têm uma base acadêmica, e, outros tem como base a prática da atividade e grande vontade de aprimorar-se. Deixando que o conhecimento venha através desta prática.

Revista Graffiti: “Pra você, o que representa um toy?”

Onesto (SP): “É aquele cara que não busca informação, não procura saber o que está fazendo, não quer se aprimorar e não quer ouvir o que as pessoas têm a dizer. É complicado falar isso no Brasil, pois tem cara que é um toy, mas não aceita, porque nem ele mesmo sabe o que está fazendo.” {Transcrição da revista Graffiti n.9: Binho entrevista Onesto}

O grafite possibilita o crescimento de seus autores através do aprimoramento técnico, de experiências estéticas, de inovações com materiais e suportes. Porém, isto não significa que a totalidade dos escritores tenha a vontade de aprimorar-se sempre, como as falas dos atores demonstraram.

As entrevistas aqui apresentadas trazem justamente as idéias dos escritores que se destacam dentro da escrita urbana, é natural que estes sejam os mais interessados no crescimento pessoal e da atividade como um todo. Assim, o teor nas conversas destes representantes acaba passando por questões que não são do interesse de todos. Apesar da existência de um maior ou menor grau de interesse e superação, o que pude observar nas conversas que presenciei foi uma constante troca de matérias, de informações, de projetos, enfim as conversas girando sobre a atividade do grafite. O grau de aprofundamento das conversas pode variar conforme os interesses e conhecimentos dos atores, mas o assunto prioritário é o grafite.

OS CADERNOS COMPARTILHADOS

Este item aponta para uma característica muito marcante na práxis dos escritores de grafite – seus cadernos de desenho (*sketchbooks* ou *blackbooks*). O autor do grafite costuma ter cadernos de *sketches*, ou seja, cadernos de esboços, para registrar rotineiramente os desenhos que poderão servir de modelos para as pinturas ampliadas nos muros. Estes cadernos contém os primeiros traços, desenhos e assinaturas daqueles que querem ingressar no grafite. Mais tarde estes cadernos se tornam um elemento muito importante para a sociabilidade como grupo. A grande característica destes cadernos é que eles não são restritos a um único indivíduo, estes cadernos circulam entre os escritores de grafite, são emprestados para amigos e colegas, são compartilhados. Disso decorre que uns escritores desenhavam nos cadernos dos outros, muitas vezes fazendo interferências nos desenhos que ali estavam. Assim estes cadernos retornam a seus autores alterados pelas interferências dos colegas.

Esta característica não é própria de outras atividades relacionadas ao universo do desenho. Normalmente nas formas mais tradicionais das artes plásticas cada autor busca sua expressão pessoal, sendo quase que inimaginável uma obra coletiva. Por outro lado, aproxima o grafite do *design*, que já tem uma origem no mundo industrial da reprodução em série das obras gráficas. Justificando assim o fato de diversos escritores de grafite estarem ingressando em atividades de *design*.

Os escritores de grafite colecionam cadernos com seus desenhos e dos colegas. Os cadernos circulam entre os escritores e possibilitam interferências de um escritor no caderno do outro. Os cadernos despertaram um interesse especial à pesquisa.

Em três ocasiões eles me chamaram a atenção: No primeiro contato quando estive na casa do Cimples, ele me mostrou cadernos de alguns colegas que estavam

temporariamente com ele. Um segundo momento ocorreu em uma de minhas visitas à loja Bali-Hai, onde o gerente me mostrou o caderno do Bolacha, que havia sido deixado na loja, apesar deste escritor ter receio que outros copiem seus desenhos, como me confessou. Em uma terceira ocasião, no Mercado Mundo Mix, eu estava tentando localizar escritores de grafite quando vi quatro jovens sentados na arquibancada. Este grupo de jovens de aproximadamente 15 anos tinha uma mochila, material de desenho e um caderno. Um só caderno que passou de mão em mão até que os quatro rapazes desenhassem nele, deixando o registro de suas percepções daquele momento e daquele ambiente. O compartilhamento e a circulação do caderno me despertou a atenção pois apresentou-se como fator muito marcante no universo do grafite. Normalmente o caderno é um objeto de uso individual que nos serve para o registro de informações e que posteriormente será consultado como resgate da memória. Para aqueles jovens o caderno serviu de um espaço comum aos quatro, possibilitando o registro de uma memória do grupo.

Como podemos ver em imagens publicadas em nas revistas de grafite.



FIG. 27 – Caderno do Onesto, São Paulo.



FIG. 28 – Caderno do Nós, São Paulo.

A revista Graffiti n° 9 da editora Escala traz uma matéria especial sobre estes cadernos chamada: O livro negro dos escritores de rua:

Revista Graffiti: “Como nos tempos de escola, é muito comum que os jovens usem cadernos, com desenhos de seus amigos e isso foi sendo desenvolvido com mais seriedade entre os escritores de graffiti. E, com muita humildade, se troca presenças, desenhos e tag’s, além de também serem usados para o estudo e desenho de futuros projetos. Em toda a cultura, muito se fala sobre respeito e humildade, e esse intercâmbio de arte é a prova simples de que isso existe!!! Para um escritor, receber ou pintar um caderninho ou black book, não é um tipo de ‘pagação’ de sapo, mas de respeito e admiração por outros artistas. Essa troca de energia positiva se estende para os muros, onde também é normal se ver, além do nome do autor da pintura, os nomes de amigos ou pessoas a serem lembradas.” ... “Os desenhos feitos por um grafiteiro, normalmente possuem semelhanças, que os diferencia de uma outra ilustração, como os tag’s e as letras. No geral, é uma extensão do que o escritor faz na rua. Essa é uma linguagem mundial e, a troca dos cadernos, uma maneira de testar nossos conhecimentos e o principal, nossa humildade. Paz e muito respeito a todos os verdadeiros escritores de graffiti.” {Transcrição da revista Graffiti n.9 – matéria: O livro negro dos escritores de rua, por Binho Ribeiro – sem data} - grifo meu.

Nos encontros de pintura existe troca de cadernos e conversas a respeito dos desenhos contidos nestes cadernos. Os cadernos são como narrativas de histórias passadas e projetos futuros.

Ments (Ctba): “É, eu tive um tempo assim que eu tinha vários *black-books*, fazia direto. Tava desenhando todo dia e... hoje em dia eu tenho um *black-book* que eu desenho uma ou duas vezes por mês, nele, não tenho, não faço muito desenho. Quando eu vou pro muro eu faço minhas letras na hora assim, eu já tenho mais ou menos a idéia na cabeça, faço o desenho na hora, eu só passo ali pro muro. Inclusive as cores, tudo eu já tenho na cabeça a idéia assim inicial né. Eu acho que, pra mim é o mais importante, ter a idéia inicial, o resto ali você tá fazendo. Na hora, você vai se adaptando ao ambiente e adaptando o ambiente a sua pintura também.” {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew - 29/01/2003 - p. 5-6}

Site Escrita urbana: “Você gosta de cultivar Black Books.. tipo a cada dia botar coisas novas.. deixa-os bem recheados?”

Onesto (SP): “Tenho vários cadernos. Desenho neles constantemente. Sinto uma enorme necessidade em desenhar, não importando onde eu esteja, seja fila de Bancos ou de ônibus, no cinema, em bibliotecas, casa de amigos, etc. Esses cadernos funcionam como se fossem máquinas fotográficas pra mim. Registram um momento, algo que acabei de ver ou uma idéia. Também possuo um onde colo alguns sticker que ganho, neste também guardo recortes de revistas e desenhos de amigos. Há um outro onde treino alguns desenhos de letras tipo pieces e wild-styles. E por aí vai. Hoje não costumo levar rascunhos nos meus rolês porque tenho minha própria concepção sobre fazer Graffiti. ‘Não gosto de repetir meus desenhos’. Abro exceção disso apenas quando se trata de fazer bombardeios. Meus Black Books são a minha essência.” {Transcrição site Escrita urbana – Gripe entrevista Onesto – Diesel crew - 2001}

Site Escrita urbana: “Como vc encontrou a cena lá no Japão?”

Binho (SP): “A humildade e a união dos escritores. Eles sempre trocam caderninhos e estão sempre valorizando o trampo dos irmãos. Diferente daqui que tem gente fazendo totalmente ao contrario. Isso deveria mudar..” {Transcrição site Escrita urbana – Gripe entrevista Binho – 2001}

Esta troca que tem um intuito de circulação de desenhos e de inter relação entre os escritores remete à idéia de “dádiva” de Mauss. Quando Binho diz “Essa troca de energia positiva” remete à idéia do “espírito da coisa dada”.¹⁰ Também podemos fazer

¹⁰ MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974.

relações com as regras de generosidade, onde Mauss cita Andaman Islanders de Radcliffe-Brown.

“esses presentes não servem ao mesmo fim que o comércio e a troca nas sociedades mais desenvolvidas. O fim é antes de tudo moral, o objeto é produzir um sentimento amistoso entre as duas pessoas em jogo.” (Radcliffe-Brown *apud* Mauss, 1974 [1924]: 70)

À noção de moral também podemos relacionar as noções de honra e de crédito associado-as à troca dos cadernos dentro do universo do grafite.

“A vida material e moral e a troca funcionam aqui sob forma desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo. Além disso, esta obrigação exprime-se de maneira mítica, imaginária ou, se se quiser, simbólica e coletiva: assume o aspecto de interesse ligado às coisas trocadas. Estas nunca são completamente desligadas dos que as trocam: a comunhão e a aliança que eles estabelecem são coletivamente indissolúveis. Na realidade, esse símbolo da vida social – a permanência da influência das coisas trocadas.” (Mauss, 1974 [1924]: 92)

Os cadernos dentro do grafite tem mais de uma função. Primeiramente servem como meio de treinamento e expressão dos atores isoladamente. Servem também como meio de inserção quando um ator munido de seu caderno se aproxima de outro e através do caderno mostra que também tem envolvimento com a escrita urbana.¹¹ A troca quando ocorre passa a ser o fator mais significativo pois cria novos laços nas relações destes atores.

E existe ainda outra relação quando os cadernos em branco são comercializados. Alguns atores constroem cadernos (fazendo encadernações de folhas em branco) e os comercializam quando estão em situação financeira difícil.

Blog Cimples: “Bom sempre quiz vender os caderninhos no site, agora deixei a preguiça de lado e aí para vocês adquirir. Feito por minhas mãos !!” {Transcrição do *blog* do Cimples – 09/01/2003}

BC: “Continuo fazendo os Caderninhos, para quem quiser adquirir...Já que estou muito, muito ocupado com outras coisas, vamos arrumar mais coisas para fazer, assim naum sobra tempo para as Lamúrias...Tem o Destroi que é para sair no final do ano.” {Transcrição do *blog* do Cimples – 05/07/2003}

Assim os cadernos são elementos muito significativos dentro do universo do grafite e podem ser analisados por diversos ângulos como pudemos observar.

¹¹ Da mesma maneira que eu me aproximei dos escritores com uma pasta repleta de fotografias de grafites e de revistas, o que possibilitou uma aproximação com os atores, como foi comentado na Introdução item A forma de abordagem.

AS ASSINATURAS E AS CREWS

Neste item é abordada de forma mais explícita da sociabilidade do grupo, pois apresenta uma de suas características mais marcantes – a adoção de um nome. O indivíduo ao ingressar no grafite escolhe para si um apelido/assinatura, e é através deste apelido, através dessa assinatura ele passa a ser conhecido. As *tags*, como são chamadas estas assinaturas, são as interferências mais freqüentes nos muros.

Também são organizadas as *crews*, ou seja, os grupos de colegas que saem para pintar juntos, existem *crews* com componentes em mais de uma cidade, nestes casos, os atores saem para pintar juntos apenas ocasionalmente. Estes grupos também recebem nomes próprios, que passam a fazer parte das assinaturas que enchem as cidades.

No grafite, a nomeação é um traço fundamental, praticamente todos os escritores têm um “nome de guerra”. E praticamente todos têm um grupo de ação com nome próprio e as pinturas são infalivelmente assinadas com o nome do escritor e o nome de sua *crew*.

Assim, os escritores de grafite adotam um apelido/assinatura e constituem um grupo. Transformam suas assinaturas em marcas (*tags*) que são pintadas nos muros. Constituem um grupo de afinidades e de ação (*crews*). Aqui encontramos uma nomeação e definições do pertencimento através das relações grupais.

A adoção da assinatura (*tag*) é um fator que sempre interessa aos escritores de grafite, bem como das *crews*, nas entrevistas internas do movimento, surge sempre esta pergunta, como podemos observar nos seguintes relatos. As respostas aparentemente casuais refletem a representação que estes atores tem do mundo, de suas vidas e da sua atividade.

Site Cwbgraff: "junto com o conhecimento adquirido veio a necessidade de ter um nome para assinar, depois de alguns nomes veio Cimples." {Transcrição do site Cwbgraff: Xerox entrevista Cimples – PRN crew - 2002}

Site Escrita urbana: "Desde o início era VER? E Porque esse tag?"

Ver(Califórnia): "Não, cheguei a ter outros nomes no passado. Aqui nos EUA e muito comum para os grafiteiros, passar pelo processo de vários nomes no início, até chegar a aquele que por uma razão ou outra se estabelece, e a partir daí começa o aperfeiçoamento deste. Eu cheguei a essa tag VER porque queria um nome original, que ninguém pudesse copiar aqui nos EUA e que ao mesmo tempo tivesse alguma definição no Português." {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Ver}

Revista Graffiti: "Por que Nós?"

Nóis (SP): "Porque Nós é o povo. É esse o pensamento. A gente não tinha nada pra assinar, quando começou, a gente não assinava nada e escolhemos Nós. É um nome que surgiu com a falta de um nome. Quem é você? A gente é nós." {Transcrição da revista Graffiti n.09: Binho entrevista Nós – sem data}

As *crews*, também são formas de identificação. A maioria dos escritores de Curitiba que entrevistei participa de uma só *crew*. Mas entre os escritores de maior destaque, de projeção mundial, surge o envolvimento com mais de uma *crew*.

Aspem (Ctba): Beleza, eu já andei conversando com uns camaradas da minha crew e eles acharam legal a sua idéia e disseram que podem te ajudar também. Mas tem q vê com o resto da minha crew, é q nós somos uma união com várias crews, naum fazemos nada sem todo mundo da união concordar. Vc naum tam icq pra nós trocar uma idéia? Quando eu falar com meus outros camaradas eu te mando um e-mail." {Transcrição de correspondência via *e-mail* entre Daniella e Aspem - 12/01/2003}

Site Escrita Urbana: "Você escreve em várias crews.. O que significa MW, BHD e CMD... e quem são os outros componentes?"

Heas (Chicago): "MW é a Most Wanted ou Mechanical Warriors. BOM5 começou essa crew no início da década de 70, no Bronx. Os membros hoje são RONIN, MAST, EMPTY and RYE entre outros. BHD é Bombing HeaDs. É uma crew que eu entrei quando eu visitei Viena. Eles são as únicas pessoas que realmente põem trabalho em trens em Viena. Você fica na estação de trem em Viena durante uma meia hora e você vê de 5 a 10 painéis da BHD Crew. Os membros são JERK, WREK, LIES, ESCOT, KLONE, etc.. A CMD começou no Bronx mas se mudou para a Escandinávia. Significa Causin Much Damage e os membros são TEM e PAKS em Copenhague, IMUN, MARS e POKER em Oslo, SNONE em Chicago, e muitos outros ao longo da Escandinávia." {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Heas}

Site Escrita Urbana: "Quem tá fazendo parte da 3º Mundo? Ela é só uma crew ou vai além?"

Binho (SP): "Seria impossível lembrar o nome de todos os meus amigos ou talvez não daria para escrever.. eu pus os nomes que lembrei na hora ou que eu tenho pintado nos últimos tempos.." {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Binho}

"Tercero Mundo Crew.. (Binho-Tinho-Brown-Marco-Zezao-Presto-Spoze-Waleska) além da crew, tudo o que eu faço leva este nome.. meu site e muitos outros projetos.." {Binho}

Site Escrita Urbana: "Vc representa DIESEL Crew.. quem mais está com vc nesta crew? Você representa outras crews fora esta?"

Onesto (SP): "Nesta crew somos apenas eu e o Kinho. Quando a criei convidei alguns caras para entrarem, todos se recusaram, o único que topou foi o Kinho, então decidi que seríamos apenas nos dois. Também uso a sigla D.I.E.S.E.L. para denominar um dos meus projetos: 'o fanzine 72 d.i.e.s.e.l.' Já pertenci a outras crews, mas todas terminaram. Teve a P.A.C. - Pínel Atômico Crew (Os Gêmeos, Yama, Amigo, Onesto), e a F.R. - Fusão Rebelde (Ser, Toia, Chico, Onesto). Esta última era associada ao grupo 'Anhangabaú Family' (uma crew que reunia outras crews de música, skate e graffiti). Quando sinto vontade ainda escrevo alguns desses nomes. Acho legal pertencer a uma crew. Aprendesse muita coisa pintando junto de amigos, isso sem falar nas zoeiras, mas não pretendo entrar em uma tão cedo. Hoje as coisas não são mais como antigamente. Há

muita competição. Ainda bem!" {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto}

Site Escrita Urbana: "Você faz parte da FTL Crew. Como surgiu e quem a compõe?"

Ver (Califórnia): "Eu faço parte da FTL crew desde 1991. O primeiro capítulo da FTL (Fuck the Law (Foda-se a Lei)), começou em Los Angeles . O segundo capítulo começou em Santa Cruz-Califórnia, e é o único que existe hoje em dia. A FTL crew consiste em: VER, WAR, EXCESS, KADY, GUN, IKSOE, CEN, CIV, BIAS, todos daqui de Santa Cruz(EUA). E temos também o apoio dos OS GEMEOS aí no Brasil. ." {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Ver}

Revista Graffiti: "O que você acha de um moleque novo tem que saber para se aproximar de uma crew?"

Nóis (SP): "Formar a própria crew.

RG: "Mas e se ele quiser entrar na crew dos outros?"

N(SP): "Eu acho que isso não existe, só existe se você for chamado para alguma crew. Ou você entra naturalmente para uma crew, porque você está fazendo parte da convivência dessas pessoas, e mesmo sem assinar, você está ali ligado no grupo, ou alguém te chama, ou vice tem a idéia juntos de fazer uma crew, por causa de alguma coisa que aconteceu, alguma coisa que marcou. É uma coisa muito relativa." {Transcrição da revista *Graffiti* n.9: Binho entrevista Nóis}

A existência de diferentes grupos gera também uma rivalidade entre eles. Esta rivalidade por vezes é abordada de forma positiva, gerando uma competição por mais criatividade, outras vezes pode despertar sentimentos de desgosto entre os atores.¹²

Devis (Ctba): "E quando a competição assim, eu não gosto muito disso, eu acho uma coisa tipo assim... que ... que as vezes tem até uma pessoa, vamos dizer assim, que eu não acho que são todas, tem uma pessoa que é mais criativa que a outra e por esta criatividade acaba deixando a outra no chinelo! Vamos dizer assim. Mas eu acho que as pessoas tem que... essa competitividade acaba tirando a vontade de outra pintar e acaba a desunião no grafite, ta passando por isso, acho." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew –17/01/2003 - p.11-12}

Izy (Ctba): "Eu não tiro como competição, eu tento absorver o que vier pra mim. (É lucro. Complementa Devis ao fundo.) O pintor fez não é feio, é legal, eu gosto. Táí, ta mostrando, tá incentivando nosso trabalho, tem que fazer mais e mais e mais. Quem não faz tá atrás. Quem tá fazendo hora! É preciso... e para ele tá legal, pro se a pessoa se sente bem, tá ótimo." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew –17/01/2003 - p.11-12}

A *tag* é a assinatura, o nome pelo qual o escritor vai se tornar conhecido. A *crew* é o grupo, ou os grupos de afinidades, com os quais este ator vai conviver. Assim estes elementos são fundamentais ao escritor pois é a partir deles que este se projeta dentro do movimento.

¹² Sobre disputas encontramos considerações no Capítulo 2 item Os escritores urbanos: trajetos e trajetórias.

OS ROLÊS

Os rolês são o momento da ação, ou seja, o momento que transforma uma idéia em realidade, e que transforma o grafite em uma manifestação de fato. Ou seja, o grafite sem as pinturas nos muros não existe, os atores sociais que não realizam estas pinturas não podem ser escritores urbanos. É o momento fundamental do grafite: a ação, a execução da pintura, o “bombardeio” com também são chamadas as saídas para os “ataques”¹³. Os rolês podem virar folclóricos, os rolês são comentados, é o momento máximo da aventura onde existe a condensação de todos os fatores do grafite. Assim é no rolê que se concretiza todo o conjunto de características em que o grafite está inserido. O momento da intervenção onde acontece de fato a apropriação dos espaços urbanos.

Por este ponto de vista o rolê é o momento centralizador que articula todos os outros fatos da escrita urbana. Articula a divulgação dos nomes dos escritores, pois estes surgem das pinturas; articula a sociabilidade interna do grupo, pois estes momentos normalmente são compartilhados pelos integrantes das *crews*; realiza as pinturas em grandes dimensões, antes apenas esboços colecionados nos cadernos; dá visibilidade e fama para os escritores; gera disputas com outros grupos rivais; articula uma sociabilidade dentro do universo da escrita urbana, através das competições entre os grupos; projeta seus integrantes para o universo da cultura de rua; interfere no espaço visual coletivo e ocupa este espaço à revelia das noções de propriedade; gera histórias instigantes, repletas de perigos, que podem ser contadas para aqueles que não participaram da ação; narra seu pertencimento ao transmitir seus conteúdos; possibilita que seus autores tenham uma voz para estabelecer contatos com outras instituições, onde seus representantes falam em nome de um grupo e não individualmente; dita

¹³ Os termos “bombardeio” e “ataque” são usados justamente se referindo ao momento das saídas para pinturas.

códigos de comportamento principalmente quando se refere à “negociação” com outras pessoas, no momento da pintura muitas vezes os escritores têm que dialogar com transeuntes que os inquiram ou mesmo com a polícia; os resultados dos rolês possibilitam que eles façam parte de uma rede de pertencimento muito mais ampla através dos meios de comunicação. Enfim, o rolê é o momento máximo, o ápice desta atividade. Desta maneira pensamos o rolê como um “fato social total”¹⁴.

Aqui apresento a narrativa de um rolê extraída de uma entrevista com um dos mais significativos escritores de grafite de Curitiba. Esta narrativa mostra a importância do rolê não só como prática e concretude do grafite, mas também como forma de representação.

Blog Cimples:¹⁵ “Final de semana frio em Curitiba, e bastante sol, muito legal ficar em casa, e bom para pintar de noite, melhor ainda para fazer alguns bombardeio sem segurança enchendo o saco?! Sábado foi participar de um evento da prefeitura, para oficina de graffiti, apesar de não gostar de falar muito, foi lá dar um toque para quem está iniciando, porém acho que estou iniciando!! Domingo também fui pintar, só que desta vez, por conta própria que é mais gostoso, fui a convite do Cozmic, era pro Dose ir também, só porque estava fazendo aniversário ficou manhoso e não foi. Marcamos de manhã, sai de casa 9:00h, maior frio. O que você não faz por uma sugarinha?? Nós saímos só para pintar uns quadrados verdes que a prefeitura havia pintado, sobre a pixação política criticando o governo do estado, que nem cheguei a ver...Foi legal que saímos para pintar de pincel e de spray, foi maior solto, bem tranquilo. Passamos na feirinha no Largo da Ordem(artesanato),até encontrar mais alguns escritores. Encontramos os caras do E4f e Acediu, aí resolvemos ir pintar uma casa abandonada no centro da cidade, só entrou na casa o Cozmic e os Acediu, nós ficamos fora olhando, foi quando vimos o carro da Polícia vindo longe, aí nem deu tempo de avisar o moleque dentro da casa, saímos de fininho, e os PM vão direto na casa, pegam os caras no fraga, levarão a tinta dos piá, e liberarão !! Mesmo assim não sussegamos, continuamos o role, fomos pra região norte, para finalizar a diversão. Encontramos o Basic que havia atrasado, e fomos, os moleque dos Açukr colocando lamb-lamb, e o Ments fotografando os cantos, textura e parts pequenas envelhecida pelo tempo, e os cara do Adociu reclamaram que tinha perdido a tinta para os Homi. No ultimo minuto achamos um muro abandonado e pintamos, fiz umas flores(com spray) e os moleque Throw-up e tags, isso já era 17:00h. Faz tempo que saio no role, e encontro outros escritores !! maior legal isso !! Valeu todos por este domingo. (Cozmic, Ments, Juice e sua namorada, Basic e Adociu) {Transcrição do *blog* do Cimples – 01/09/2002}

BC: “Depois de varias semanas pintando sucessivamente, neste que passou não pinte, o Dose e Cozmic me convidou mas nem fui. Eles pintaram, o Dose gostou do que ele fez. Pintando perto do ShoppingMUELLER. Este mês pretendo pintar nos dias de semana a noite, quero fazer outras coisas nos finais de semana. {Transcrição do *blog* do Cimples – 06/10/2002}

BC: “Mesmo eu não querendo pintar,fui fazer uma pintura com o Dose, lá no bairro Hauer, onde os camaradas andam de ‘skt’, estava bem legal, fazia tempo que não fazia isso, estar

¹⁴ MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974.

¹⁵ O *blog* do Cimples não traz somente narrações de rolês. Neste *site* o escritor apresenta uma série de informações sobre diversos assuntos sobre artes, *design*, eventos, festas, concursos, notícias, protestos contra guerra, política, novos lançamentos de revistas e *sites*. Exemplos destas informações podem ser vistas no Capítulo 3 item Relações internas: as fotografias, os zines, a internet.

em um lugar pintando, os camarada andando de 'Esquete', até eu andei, um pouco mais andei. É sempre bom faser as coisas que você gosta junto com as pessoas que você curte trocar idéia." {Transcrição do *blog* do Cimples – 20/10/2002}

BC: "Pintei este final de semana, se tudo der certo irei revelar as fotos esta semana, ai coloco aqui, é claro, e outras mais !! O muro é maior grande, ai pintamos um pedaço dele, ficou mais ou menos, mas como é os desenhos novos vai dar pra ver e fazer alguns estudos e ver no que tenho que melhorar, depois de todos este tempo pintando ainda tenho isso, mas acho que sempre irei fazer pintura e ver nas fotos e depois estudar os traços, sei lá, acho que é isso !!" {Transcrição do *blog* do Cimples – 14/07/2003}

Outra narrativa de um escritor mais jovem e mais ligado a pichação.

Blog do Japo: ¹⁶ "-> ai ai... mais uma semana q c passa... e eu nem abri a minha apostila... fiko soh durmindo e pah... fazer o q neh.... intao... essa semana nem lembro c teve algo d bom... soh lembro que baixei altos episodio do Bob Esponja e fikei me matando de rir... mto comedia o 'spongebob'... ehhehe... ontem rolou a festa junina do unificado la no callas... moh treta... o mase e o doce (chorão) foram meio q expulsos da festa... e o neo apanho e levo atraso dos segurança... ae dpois o neo volto la com os velhos q são advogados e tal... deve ter rolado moh treta... tinha ateh carro da PM... hehehehe... esses seguranças tem tudo q c fuder.... bando d forgado do caralho... intao isso a ateh q não tava taaaaao ruim a festa... tinha umas banda tipo la d dentro do unificado mesmo... d alunos e tal... ae rolo bastante coisa... rolo um hardcorezinho {Blog do Japo – 08/06/2003}

BJ: "ai ai... q merda d légio eim... amanha enquanto todo mundo vai tar durmindo ou na praia eu vo ta 'estudando' no dom Bosco.. e sexta tb.. q merda neh.. soh essa merda d colegio q tem aula... faze o q... intao... não tenho nada pa fala aki.. intao vo deixa uma letra do Fisstt, já q vão ter show dos cara no final do mês.. e eu vo.... ah.. esse final vai ser moh tédio pra mim... não tem nada de show.. assim.. aceito convites pra esse final... não tem o q faze mesmo... hihih... {Blog do Japo – 22/06/2003}

BJ: "estou d volta... com o humor la de cima... hehehe... intaum... valeu aos coleguinhas (q gay) q dexaram os coment na ultima postagem... valeuu... brigedaum memo..... bem... varias coisas a falar... sabadaum rolo a festinha do estadual... o loko... q festinha... hehehe... tava bem na hora teh.... zona norte chego la em peso.. ta loko.. mta fuleragem..... hehehe... foi engraçdo.... a festinha em si tava meio palha e talz mas o pessoal tava la.. ish... soh pixador na balada.... e muiiiitos pixadores.... rolou muiiiiiiiita tag la... minha mina disse q hj tava tudo pixado por dentro de estadual.... hehehe... pelo menos tem umas tags minhas la perdida.... hehehe... sou soh um mas representei a crew la dentro.... auhauhauhauhauh..... ainda a noite a noite eu, o mase e uns muleke la do légio fomo la num tal d AUSSIE... o lugar eh legal e tal... mas... as musica q tokava la.... serio.... uma BOSTA... eu me senti mal la.... pq tinha q ir meio arrumado e talz... sou bem mais meus showzinho d hardcore, c fika nojento de suor mas vc aproveita muiiiito mais... os muleke fikaram la ateh tarde axo.... eu sai fora cedo, não agüentei.... domingueira sim foi O DIA... O DIA em q me fudi.... heheheh... passei a tarde no Curitiba e talz.... e na hora da volta.... ish.... mo confusao.... soh sei q tomei um puta banho, mas O BANHO mesmo.... meu boné ta enxarcado ateh agora... tb q q foi akele temporal... ta loko eim... soh pra fude com o role mesmo... logo hj q ai sair cokie... q merda.... tive q fika em casa sem faze nada.... com esse tempo não da animo d faze porra nenhuma a não ser come pipoca assistindo um filminho... q eh o q eu vo faze agora... hehehe.... {Blog do Japo – 07/07/2003}

Na seqüência a fala de um dos escritores mais conhecidos do Brasil.

Site Escrita Urbana: "Fale sobre algum rolê inesquecível..."

Onesto (SP): "Têm vários, mas gosto de me recordar de um que fiz junto com o Amigo na véspera de Natal em 1995. Nunca fomos de comemorar as festas de final de ano junto com familiares. Estávamos sem nada para fazer aí resolvemos partir para um rolê na linha do trem, próximo a garagem da Estação Bresser. Levamos apenas três Sprays pretos e um branco. Nossa intenção era fazer alguns throw-ups, apenas o contorno. Já eram três horas da tarde, pegamos um ônibus e fomos pra luta. Chegando lá tinha um cargueiro parado, daqueles que transportam Container. Estavam limpinhos, só tinham o logotipo da empresa

¹⁶ O *blog* do Japo é um diário de suas atividades. Outras informações que o *site* tem são divulgações de *shows* e algumas piadas.

e a sigla do País de origem (E.U.A.). Pensamos: “São esses mesmos!” Na época nossa situação era precária, eu tinha apenas um fat cap que Os Gêmeos tinham me arrumado e só levamos esse bico. Não era como hoje que as latas de ColorGin já vem com um bico que sai com o traço consideravelmente grosso, eram todos finos. Começamos a pintar. Mó lazer! O Amigo foi trocar de lata e quando colocou o bico a pressão da lata o cuspiu. Ficamos loucos de raiva. Só tínhamos aquele fat cap e nessa brincadeira ele caiu nas pedrinhas dos trilhos. E pra acha-lo! Procuramos durante uns quarenta minutos e nada. Seguranças também nem sinal (ainda bem). Quando estávamos desistindo o Amigo grita: ‘Achei!’ Aí foi só alegria. Voltamos a detonar tudo! Resolvemos andar em direção a garagem e pra alegrar mais ainda o final da tarde estavam parados dois trens: ‘Um todo azul, acabado de ser reformado (naquela época os trens por aqui eram precários) e um outro prateado, ondulado na parte baixa’. Fui seco! Throw-ups neles! Como o dia estava muito bom pra ser verdade resolvemos ir até o Bairro do Cambuci, trocar idéias com Os Gêmeos, sabíamos que eles estariam em casa. Já havia escurecido e no caminho entramos em uma rua onde haviam vários caminhões parados. Ainda tínhamos tinta, aí não prestou. Acho que fizemos uns seis, no quarto caminhão o filme da máquina já tinha acabado e a gente nem aí em registrar a zoeira. Durante o caminho ainda fizemos alguns tags em uns muros. Chegamos na casa dos caras ‘intactos’ e com as tintas zeradas. Isso que considero um ‘Senhor Rolê’. Nada de correrias por causa da polícia ou seguranças. Não tem coisa melhor do que poder sujar a Cidade em paz!” {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Onesto - 2001}

A ação da escrita urbana tem um caráter ilegal, é uma contravenção. Através do rolê os atores rompem a barreira do legal e do ilegal e passam a ter uma visão diferenciada no trânsito entre as dimensões do permitido e do proibido. Quando um escritor pára em frente a um muro ele sabe como se comportar, sabe como retirar seu material da mochila, sabe quais as possíveis reações das pessoas (se vão interferir ou não, se vão interpretar aquilo com um serviço de pintura contratado, se vão apreciar ou reclamar, etc.), sabe como agir com a polícia (o momento de conversar e o de escapar), conhece as reações daqueles que o rodeiam neste momento.

Existe um espaço entreaberto, uma situação especial entre o momento legal e o ilegal. Este espaço entreaberto também é conhecido pelo usuário de drogas que sabe os nichos onde pode adquirir a droga; o corrupto que sabe o momento para pedir ou oferecer a propina; o motorista que sabe quando pode furar um sinal. Estes espaços entreabertos onde, com maior ou menor conseqüência, são corrompidas as regras. Onde os transgressores transitam entre a legalidade e a ilegalidade, conscientes da existência de lapsos entre estas esferas. Tendo assim a vivência para enxergar os espaços onde o ilegal e o possível ficam sem fronteiras.

Ments (Ctba): “Quer dizer... dificilmente eu pinto com permissão. Eu chego num lugar, eu tenho mais ou menos um plano assim, eu chego num lugar, eu não abro minha mochila, a única coisa que eu pego é a tinta o espalhador de tinta e o rolo, e pinto o muro todo de

uma cor. Então as pessoas passam e pensam: ‘- É uma pintura comum ali’. Ai depois que eu vou fazer as letras, tiro os ‘sprays’ e tal. Ai a pessoa já passa, até a polícia passa e olha ‘- O cara é um pintor, com certeza, é legal o que ele ta fazendo’. Por que a essa hora, de dia, um cara pintando na rua ilegalmente, o cara é louco sabe! Tem muito policial que pensa. Agora alguns param assim e perguntam: ‘- Tem autorização?’ ai você fala ‘- Tenho. E nem se prontificam a ver e vai embora. No meu caso eu fico tranquilo, mas conheço pessoas que ficam super apavoradas. Ficam tremendo...” {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew – 29/01/2003 - p.25-26} ¹⁷

Devis (Ctba): “E antigamente (quando comecei) assim, eu tinha, eu pegava uma sacola de pão que era sacola de, tipo sacola daquelas de ... pão, colocava tinta dentro e saia pintar. Não tinha mochila, não tinha nada. Eu tinha mochila mas não queria sujar de tinta.. eu catava. Saía de manhã cedo, saia assim oito horas da manhã e só voltava de tarde. A gente saía pintava e não queria nem saber, a gente tava ai. Hoje em dia eu já paro e penso já.” {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew – 17/01/2003 - p.25}

Com o tempo, o escritor de grafite passa a ter autocontrole, domínio sobre sua ação e sobre o momento desta ação, o rolê. Este domínio lhe dá segurança para agir, permitindo-lhe ter o controle necessário para realizar a pintura urbana. São diversos os depoimentos nos quais os escritores afirmam ter autorizações para a pintura, quando na verdade não as têm (o que eles têm é a convicção ou intuição que aquele local não vai ser reivindicado por ninguém). A ênfase de seus argumentos tem o poder de convencer aqueles que venham interromper sua ação. Logicamente isto não é uma máxima infalível, também existem os casos onde a argumentação nem mesmo pode ser usada pois a agressividade da repressão é mais forte. ¹⁸

Apesar de se ampliar o auto-controle, ter um certo domínio da situação, os momentos da pintura são sempre incertos. Os rolês concentram um conjunto de fatores do grafite, mas são sempre inusitados, pois são passíveis de interferências externas: eles interferem na cidade e podem ser interferidos por ela. O rolê é o núcleo central da atividade do grafite. Quando o ator sai à rua, explora a cidade, interage nela (legal ou

¹⁷ Este escritor tem a peculiaridade de pintar muitas vezes sozinho. Seu companheiro da crew THC não mora em Curitiba. Quando ele sai acompanhado vai pintar com colegas de outras crews, como Devis da Artsul ou Cimplis da PRN.

¹⁸ Em novembro de 2002 um rapaz, conhecido por Deng, foi assassinado pela polícia em uma situação bastante estranha. Os policiais foram presos e recentemente confessaram o crime, conforme as notícias de jornal.

ilegalmente), se projeta, deixa suas marcas, confirma o pertencimento ao universo do grafite.

•

Neste capítulo pudemos observar fatores que são gerados pelo grafite e envolvem seus atores. (a) Os escritores urbanos: trajetos e trajetórias: Os caminhos para se tornarem escritores e as motivações destes atores, a forma envolvente do grafite que estabelece desafios e objetivos de superação a seus atores; (b) O grafite como (des)organização e como manifestação (a)política: A estrutura descentralizada do grafite e sua repercussão política através de sua postura ativa e lideranças diversas; (c) Os estilos, os materiais e as técnicas: A variedade de estilos, materiais e técnicas que são continuamente trocadas e comentadas entre os escritores; (d) Os cadernos compartilhados: Os cadernos de esboços que circulam entre os escritores fazendo contatos e divulgando suas obras; (e) As assinaturas e as crews: Os nomes escolhidos pelos atores para divulgarem sua obra e seus grupos de ação; (f) Os rolês: A ação da pintura, momento culminante onde todos os fatores tornam-se realidade concreta.

O grafite oferece um universo envolvente e exige determinados procedimentos de seus atores. As regras, os rituais, as atividades são articuladas por um ideal comum. Existe uma noção de ação e tolerância. Todos que se interessarem podem se aproximar, consumir seus bens, escolher nomes (*tags*), montar seus grupos (*crews*) e iniciar a prática do grafite. Fazer contato com escritores mais antigos, trilhar um percurso e gerar ações que resultem num reconhecimento no grupo. Todos podem agir com grande liberdade no sentido de realizarem pinturas legais ou ilegais. Mesmo aqueles que não aprovelem ações que venham a prejudicar a imagem do grafite externamente, toleram estas atitudes por entender que, acima de tudo, o grafite é uma intervenção urbana que tem a cidade como suporte sem limites pré-estabelecidos. Assim a tolerância vem

atrelada a um entendimento de que todos os espaços são alvos em potencial para as atividades da escrita urbana, sejam elas realizadas por iniciantes, por veteranos, por pichadores ou grafiteiros. A identidade do grupo é construída na efemeridade, na volatilidade do grafite que representa também a dinâmica fluida da cidade e das atividades contemporâneas. Mutante, por vezes decadente e em momentos de exuberância e cor o grafite reflete a cidade e seus habitantes. O grafite legitima o pertencimento de jovens que querem se destacar da multidão, dos critérios estabelecidos pela sociedade dominante. Encontrando pares que compartilhem de suas ansiedades sejam elas de rebeldia, de expressão artística, de representação política ou simplesmente de convívio social. Sua identidade é passageira e marcante, tolerante e agressiva, descomprometida e irritante, enfim conflituosa e polêmica. Representando habitantes anônimos que visam uma participação no universo social urbano.

3 RELAÇÕES EXTERNAS E RELAÇÕES INTERNAS DO GRAFITE

Este capítulo incorpora outros olhares ao grafite, a partir dos desenhos que ficam nos muros ou circulam nos trens. Estes conteúdos são observados pelas pessoas e geram opiniões sobre o grafite. Os conteúdos transmitidos, a interferência, os resíduos da ação. O grafite apropria-se do espaço urbano e os habitantes da cidade formulam suas considerações sobre ele. O capítulo visa também observar a rede de comunicação própria do grafite. Como acontecem as veiculações destes conteúdos. Como o grafite é transmitido, distribuído, conhecido e consumido através de suas mídias.

•

Ments (Ctba): "É você não tem controle! É efêmero assim o grafite. Você faz fica a mercê, fica alvo ali, fica no alvo dos transeuntes das pessoas da rua assim." ... "Acho que o controle sobre a pintura, sobre a pintura assim, é só quando a gente realmente tá fazendo a pintura. Depois daquilo passa a ser de domínio público a pintura, eu creio." {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew - 29/01/2003 - p.3-4}

Podemos ver o grafite como um elemento que atinge dois públicos distintos, um interno outro externo. O público interno é composto pelos integrantes do próprio movimento, que trocam informações, elegem ídolos, relatam e documentam passagens e constroem a história deste fenômeno. Este público não se restringe à cidade, mas está em todo lugar que o grafite aparece, esta esfera tem uma dimensão espacial e outra dimensão não espacial, virtualizada. Já o público externo é composto por aqueles que transitam pela cidade, que circulam pelos espaços onde se encontra o grafite, um público que percebe a presença do grafite, que sofre sua consequência, que opina sobre ele. O grafite faz parte do espaço urbano portanto pode ser comentado por todos habitantes da cidade. Os espaços da cidade são alvo e inspiração para o grafite. É deste conjunto de interações e influências recíprocas que o grafite surge e se revigora.

GRAFITE E PICAÇÃO, ALGUMAS PINCELADAS HISTÓRICAS

Os textos que buscam fazer uma retomada histórica do grafite moderno apontam seu início em um momento preciso: maio de 68, nos muros de Paris.

“O grafite é, portanto, o mais antigo registro gráfico do homem. Historiadores documentam seu retorno em outros espaços e tempos da Antigüidade, como na Grécia e em Pompéia. Em nossa contemporaneidade, o registro oficial que temos foi seu aparecimento em Paris, em maio de 1968, a partir de um movimento de opressão política que resultou em rebeliões de ruas. De predominância verbal, entre as palavras de ordem: *‘La liberte c’est lê crime que contienet tous lês crimes’*, ou de protesto *‘La Bourgeoisie n’a pás d’autre plasir que celui de lês dégrader tous’*, também se encontram palavras de amor e humor. A partir desse despertar parisiense, logo outros lembraram dessa antiga possibilidade de registrar mensagens, extremamente livre, descompromissada, anônima e gratuita.

Em 1972, quatro anos depois dos registros Parisienses, já a nova onda irrompia em New York. Das paredes dos guetos e dos muros da periferia, as mensagens, letras e imagens, passaram a pegar carona nos trens dos metrôs, nos caminhões e ônibus, e percorreram a cidade. Fizeram história. Esses grafites surpreenderam a população, afugentaram turistas dos metrôs, foram combatidos pela polícia, e conduziam alguns de seus autores a cadeia, enquanto outros eram conduzidos às mais importantes galerias, bienais e museus de arte, não só nos Estados Unidos como do mundo todo.

Segundo Jean Baudrillard, os grafites de New York não eram de conteúdo nem político e nem pornográfico, apenas nomes e sobrenomes, ou talvez pseudônimos, seguidos de endereços, nomes e números de ruas. Provenientes dos guetos nova-iorquinos, esta rebelião consistia em dizer: ‘Eu existo, eu sou tal, eu habito esta ou aquela rua, eu vivo aqui e agora’. (Baudrillard, 1979, *Kool killer ou insurreição*. Revista Cinema/Cine Olho, n.05)

Instalada em New York, a novidade facilmente espalhou-se como modismo por outras capitais. Um dos exemplos mais marcantes foi a cidade de Berlim, que viu seu muro, de 4,5 m de altura por 166 Km de extensão, símbolo do autoritarismo perverso, preenchido por centenas ou milhares de imagens ao longo de, aproximadamente, cinco anos. Construído em 1961, com o propósito de impedir a fuga dos berlinenses do leste, esse muro começou a receber as primeiras inscrições por volta de 1980.” (Ramos, 1994, p.13-14)

“Em São Paulo, por volta de 1976, como nos lembra o professor Arlindo Machado, já se lia, nos muros da cidade, a seguinte inscrição: *cão fila*. Anônima e insistente, essa inscrição provocou a curiosidade de todos até ser desvendado seu significado: uma nova raça de cachorro. Pouco depois, São Paulo começou a receber uma quantidade de poemas que dialogavam com a cidade. *Oi Muro! Bi Olhei Gamei Gostei*. Aos poemas seguiram-se as imagens. Primeiramente as de Vallauri: a bota, a televisão, a pantera. Em pouco tempo formam-se as parcerias e as imagens se multiplicaram.” (Ramos, 1994:18)

A longa citação do texto de Célia Maria Antonacci Ramos, traz o trajeto do grafite moderno. Em seu livro Grafite, picação & cia, a autora apresenta o grafite como uma manifestação de linguagem. Célia apresenta os primeiros autores dos grafites paulistanos na segunda metade da década de 70 e começo da década de 80, atores que não faziam parte do movimento *hip-hop*,

“eram grupos ligados à arte; poetas, estudantes de arquitetura e técnicos de desenho” (Ramos, 1994:87),

Oriundos de escolas como a FAU, a ECA, a FAAP. Seus principais representantes Alex Vallauri, Carlos Matuck, Waldemar Zaidler, eram artistas que faziam grafite através de máscaras de papel (imagens recortados em cartolina), que, ao receberem jatos de *spray*, deixavam nas paredes imagens oriunda dos personagens de quadrinhos e do cinema, na linha de quadrinistas como Alex Raymond, Hergeé, e de artistas da *pop* arte como Lichtenstein e do dadaísmo como Duchamp (Ramos, 1994: 91-110). Também muito conhecido foi o grupo TupinãDá.

“Este grupo era composto por: Jaime Prades, Milton Sogabe, José Carratu, Cezar Teixeira, Carlos Delfino, Alberto Lima, Cláudia Reis e Rui Amaral. A reunião do grupo começou com um caráter político, apoiado no contexto dos anos 80, com a luta pela democracia, pelo fim dos regimes militares o grito pelas ‘Diretas Já’. As intervenções urbanas eram um grito de liberdade de expressão, quer política, quer artística.” (Ramos, 1994:111-112).

Estes artistas iniciaram o movimento da interferência urbana do grafite que precedeu o graffiti influenciado pelo *hip-hop* que hoje serve de referência para as atuais manifestações da escrita urbana.

A obra de Célia Ramos, como em todas as obras que abordam o grafite, traz também o termo pichação. Os dicionários brasileiros apresentam as seguintes definições para os termos pichação e grafite:

Grafite. S.f. 1. V. grafita. 2. Lápis próprio para desenhar. 3. Palavra, frase ou desenho, geralmente de caráter jocoso, informativo, contestatório ou obsceno, em muro ou parede de local público; grafito. [Cf. nesta acepç. Pichação (2)].

Grafito: [Do it. *Graffito*.] 1. Inscrição ou desenho de épocas antigas, toscamente riscado a ponta ou carvão, em rochas, paredes, vasos, etc. 2. Grafite (3). [Cf. Grafita.].

Pichação. Bras. S.f. 1. Ato ou efeito de pichar; pichamento. 2. Dístico, em geral de caráter político, escrito em muro de via pública.

Pichar. Bras. V. t. d. 1. Aplicar piche em; untar com piche. 2. Escrever (dizeres políticos, por via de regra em muros ou paredes. 3. Escrever, sobretudo, dizeres políticos. 4. Gir. V. espinafrar (2). 5. Falar mal; maldizer, tesourar. (Dicionário Aurélio, 1986).

Os dicionários associam a palavra grafite à palavra pichação. ¹

¹ Nas definições do dicionário é importante perceber que as palavra grafite e pichação sofrem alterações ao longo do tempo. Hoje as pinturas nos muros esvaziaram-se de conteúdos político explícitos, apresentam grafismos indecifráveis e pinturas coloridas.

Celso Gitahy traz uma boa classificação para o par grafite - pichação.

“Tanto o graffiti como a pichação usam o mesmo suporte – a cidade – e o mesmo material (tintas). Assim como o graffiti, a pichação interfere no espaço, subverte valores, é espontânea, gratuita e efêmera. Uma das diferenças entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem; a pichação, a palavra e/ou a letra.” (Gitahy, 1999:19)

“A pichação não é exclusividade das sociedades atuais. Ao contrário, as paredes das cidades antigas eram tão pichadas quanto as de hoje, ou muito mais. Havia de tudo nessas pichações. A julgar pelas paredes de Pompéia, cidade vitimada pela erupção do Vesúvio em 24 de agosto de 79 d.C., e por isso preservada, predominavam xingamentos, cartazes eleitorais, anúncios, poesias, praticamente tudo se escrevia nas paredes. Já na idade média, época em que a Inquisição perseguia e castigava as bruxas, cobrindo-as com uma substância betuminosa chamada piche, os padres pichavam as paredes dos conventos de outras ordens que não lhes eram simpáticas.

Depois, a pichação passou a ser feita na parede da casa da pessoa que se queria atacar, divulgando suas más qualidades. Assim, foi usada por revolucionários de todo mundo para abalar a imagem de seus governos ou divulgar seus ideais e objetivos.

Após a Segunda Guerra Mundial, começam a ser produzidos materiais em aerossol, como inseticidas, perfumes, desodorantes, etc. As tintas e vernizes em spray descendem do uso da tinta sob pressão de uma bomba compressora, como na pintura automotiva. Assim, o spray substituiu as antigas técnicas de aplicação bucal de vernizes e fixadores de trabalhos artísticos, e isso significou maior liberdade de movimentos, permitindo também maior velocidade.

Durante a revolta dos estudantes iniciada em maio de 1968 em Paris, vimos como o spray viabilizou que as mesmas reivindicações que eram gritadas nas ruas fossem rapidamente registradas nos muros da cidade.” (Gitahy, 1999:20-21-22)

Este trecho do livro O que é graffiti de Celso Gitahy, apresenta o percurso histórico da manifestação que aqui no Brasil chamamos de pichação. O autor aproxima o grafite do desenho e a pichação da escrita. Gitahy aponta para a origem paulistana do grafite de artistas ligados à *pop* arte representada por Andy Warhol. Ele sinaliza para a entrada no movimento *hip-hop*, chamando grafite de “estilo americano”.

“A trupe de graffiti americano começou a despontar em 1980, junto com o movimento hip-hop. Passou a ser conhecida e difundida por meio de camisetas, calças, jaquetas - moda em geral.” ... “O estilo americano começou realmente a ser realizado em grande escala em 1989, com os gêmeos Gustavo e Otávio, Speto, Binho, Tinho, e, ainda, o excelente grupo Aerosol que se destacaram entre outros.” ... “Os Gêmeos criaram a revista *Fiz Graffiti Attack*, na qual revelam o universo do graffiti e da pichação.” (Gitahy, 1999:45 e 47)

Aqui vemos duas faces do grafite paulistano, precursor do grafite brasileiro. Inicialmente os artistas ligados a *pop* arte saíam às ruas para imprimir nos muros sua “arte-cartoon” através de máscaras e da técnica do *stencil art*, técnica onde

“o artista utiliza um cartão com formas recortadas que, ao receber o jato de spray, só deixa vazar a tinta pelos orifícios determinados.” (Gitahy, 1999:39).

E a outra face do *spray art*, já influenciada pelo movimento *hip-hop*. Já imbricada do consumo e da circulação comercial de roupas e músicas símbolos do movimento.

Vale também observar a ligação entre estes dois estilos na sua vertente norte-americana. Se o Brasil recebeu o grafite pelos seus artistas de vanguarda influenciados por Andy Warhol, este, por sua vez foi influenciado por um grande talento do grafite, Jean-Michel Basquiat. Basquiat era um jovem nascido no Brooklin, negro e pobre, filho de haitiano e porto-riquenha. Teve infância problemática e na adolescência encheu a cidade com a palavra SAMO. Basquiat vendia camisetas e cartões postais quando abordou Andy Warhol, que veio a ser um grande companheiro, incentivador e divulgador de sua arte. Basquiat tinha envolvimento com o *hip-hop*, mas não era do núcleo do movimento. Com a projeção de sua obra ele ganhou muito espaço dentro das galerias de arte dos Estados Unidos e da Europa. Foi um grande consumidor de drogas e morreu em 1988 aos 27 anos no seu grande *loft* em Nova York. Sua arte até hoje é referenciada como um marco do grafite. (Charta, 2001)

Sendo uma expressão de artistas acadêmicos ou de artistas da periferia, o grafite é essencialmente uma arte de rua, que necessita do suporte da cidade para existir. Ele se mescla com a pichação, sendo associado ou não a ela conforme as circunstâncias e os interesses de seus interlocutores.

A APROXIMAÇÃO COM AS ARTES PLÁSTICAS

O grafite moderno tem então uma forte aproximação com as artes plásticas. Os críticos de arte se voltam para ele, uns o consideram a arte do terceiro milênio. A espontaneidade, o contato com o cotidiano e entorno urbano é determinante para a classificação destes críticos. A não mercantilização das obras do grafite também contribui para diferenciá-lo das artes plásticas convencionais.² Seu caráter volátil, caracteriza um desenho, uma pintura que é feita para ser desfeita. O grafite não tem a mesma vida útil de uma tela, ele será fatalmente substituído, seu registro ocorrerá através da fotografia e posterior reprodução em alguma revista ou *site*. A realização de obras coletivas³, as “produções” onde diversos pintores interferem no trabalho dos outros, faz parte das peculiaridades do grafite.

Aqui se apresentam diversos fatores que fazem do grafite um objeto muito interessante para os estudiosos das artes. Recentemente Jesús de Diego, colombiano, publicou um trabalho, La estética del graffiti em la sociodinámica del espacio urbano, sobre o grafite como objeto para a história da arte. A aproximação com o universo artístico é valorizada pelos escritores de grafite. Muitos deles estão ingressando em escolas de arte, *design* e publicidade. Eles conversam sobre artistas e buscam aprimorar seus conhecimentos neste sentido.

A aproximação com as artes plásticas faz do grafite um elemento diferente de outras atividades urbanas. Existem aquelas que são ligadas ao universo esportivo como o *skate*. O *skate* é um atrativo para a mídia, revela atletas locais e nacionais. Tem grande

² No grafite a mercantilização se dá através do consumo de bens como revistas, roupas, etc. e não das obras do grafite.

³ Esta é uma característica importante no contraste com as artes plásticas convencionais, as artes plásticas têm uma essência individual. A característica de coletividade do grafite é interessante pois existem trocas de materiais, de desenhos. Os cadernos são trocados e uns interferem nos outros. E isto é tratado com naturalidade entre os escritores.

repercussão. Porém os esportistas dificilmente chegam ao *status* que o artista pode chegar. Os escritores de grafite que efetivamente desenvolvem um trabalho de respeito dentro das artes, obtém um reconhecimento e são valorizados. Basquiat entrou para a história da arte, suas obras foram aceitas e reverenciadas dentro deste universo. Assim o grafite tem o potencial de levar seus integrantes ao universo artístico. ⁴

⁴ Vale assinalar que aqui não estou me referindo a toda e qualquer pintura por *spray*, me refiro a um potencial que a atividade tem, e que, apenas alguns de seus integrantes buscam e atingem.

OS SUPORTES: OS DESENHOS NOS MUROS E NOS TRENS

Muros, paredes, placas de sinalização, veículos, portas e portões, todos são suportes para o grafite. *Spray*, rolo de tinta, etiquetas e marcadores, todas são ferramentas para os grafiteiros. Através de letras e desenhos o grafite se estampa pela cidade - a sua mídia.

Os muros são estáticos mas têm uma textura própria, um local para a pintura ficar até que alguém a transforme ou apague.

Ments (Ctba): "Ele (o muro) tem um formato, ele... um ambiente assim, que ele se encontra sabe. Tipo, por exemplo, você pintar num muro lisinho feito com acabamento de massa corrida é completamente diferente de você pintar de uma fábrica abandonada, sabe. E isso é legal, você tá correndo vários tipos de muro, você tá vendo vários tipos de textura." {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew - 29/01/2003 p.24}

Devis (Ctba): "É, você vê aquele muro, mesmo que seja preto, branco, pichado, rabiscado. Aquilo lá parece que te chama assim né. Você passa de ônibus, de carro, aquilo sei lá, as vezes de bicicleta, a pé, você olha assim '- Ó um dia vou pintar nesse muro.' Ai você fala brincando assim. Mas ai aqui dois dias você pensa assim '- Vô pintar nesse muro.' Você vai lá e pinta."

Izy (Ctba): "Tem muito muro que você passa, você olha, você tá olhando ali. (- Não dá valor. - interferência do Devis.) Talvez você já note, mas muita gente passa... O muro tá branquinho, tá limpo... Não! Um escritor passou ali. Tem alguma coisa escrita ali. Por mais que seja um detalhe mínimo, ninguém tá vendo. Mas o escritor sabe o que ele fez e quem tá no meio conhece e sabe também. Porque um conhece o outro, um sabe quem é o outro."

D(Ctba): "Mesmo que seja de giz, canetão."

I(Ctba): "É mínimo, é mínimo, você não... Quem não conhece não imagina diz '- Este muro está intacto. Ninguém pichou aqui, legal.' Mas está ali, tem muita coisa ali."

Devis: "É verdade."

{Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew 17/01/2003 - p. 9-10}

Os trens se movimentam, levam as pinturas de um lado para outro. São locais preferenciais para alguns escritores.

Daniella (Ctba): "O grafite precisa ser local, precisa ser local mas ele circula."

Ments (Ctba): "Ele é estático, ele não tá em movimento. ... Circula tipo, através de foto ou se não, por exemplo, tem gente que pinta trem, carro, automóveis, esse tipo de coisa que tá em circulação. Eu mesmo pinto, mais ou menos, alguns, um ou outro, então tá sempre em circulação. Mas tipo a pintura assim em geral ela é estática né. Então você tem que tá levando isso pro olho... pro olho de outras pessoas assim, através de fotos ou revistas, um tipo de mídia mais ou menos alternativa." {Caderno de campo: Daniella entrevista Ments da THC crew - 29/01/2003 - p. 11}

Site Escrita Urbana: "Você costuma pintar trens?"

Onesto (SP): "Hoje infelizmente não tenho tempo para me dedicar a eles, mas sempre que dá vontade faço minhas correrias. Pra mim, pintar um trem é fazer 'um Graffiti'. É lá que esta a verdadeira essência. Aqui em São Paulo já foi muito fácil pintar trens, agora após a privatização das linhas as coisas mudaram um pouco. O legal é que mesmo as coisas estando um pouco mais difíceis hoje têm bastante gente se dedicando a isso. Antigamente o Metro era um alvo quase inatingível, hoje a segurança esta sendo dobrada

devido os ataques constantes que ocorrem durante as madrugadas. Infelizmente estes não circulam pintados porque a política do Metro é: 'Sempre inibir os atos de vandalismo para que eles não se propaguem', mas é muito estimulante saber que há vários caras pintando trens." {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001}

Site Escrita Urbana: "O que você acha de bombardear trens?"

Ver (Califórnia): "Aqui onde moro não tem metrô, mas em cidades vizinhas a Santa Cruz, existem muitos trens de carga. E a beleza de pintar esses trens e que eles viajam por todo os EUA, você pode pintar um trem hoje aqui e amanhã ele ser visto em Nova Iorque. Mas 1997 quando estive no Brasil tive também a experiência de pintar metro, fiz tags por dentro e por fora deles, também já pintei muitos trens em São Francisco que como você sabe é uma grande metrópole aqui na Califórnia." {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Ver}

Site Escrita Urbana: "Você bombardeia muito em trens?"

Heas (Chicago): "Direto e reto! Minha vida é isso!" {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Heas}



FIG. 29 – Ônibus, Curitiba, 2001. Note.



FIG. 30 – Trem, Curitiba. Note.

AS REPERCUSSÕES (polícia, justiça, sociedade, família, governo, mercado, mídia)

A polícia.

Na realização do grafite, como já foi dito, o escritor fica vulnerável a interferências de transeuntes e, principalmente, da polícia.

Os papéis nos quais ocorrem intervenções policiais, o escritor só pode ser preso se for pego em flagrante. Assim a polícia pode repreender a ação, prender os infratores e apreender seus materiais. Como já foi exemplificado, não é sempre que a polícia age no sentido de prender o infrator, muitas vezes os policiais somente conversam e liberam os escritores para continuarem suas pinturas. Quando há embate com a polícia, estes acabam virando histórias que subsidiam as narrativas dos papéis. Na relação com a polícia se estabelece um vocabulário interessante, na medida em que se usa o termo pichação para a ação ilegal e o termo grafite para a ação legal ⁵. Como pudemos observar no Encontro de Araucária, a polícia definiu muito bem a classificação: grafite para as ações com autorização (legais) e pichação para as ações não autorizadas (ilegais). A relação entre escritores urbanos e a polícia é sempre tensa pois pode gerar atitudes amenas ou drásticas, na medida em que a ação da pintura em muros é ilegal e a polícia tem o poder de interrompê-la e prender seus atores. Em contrapartida, a provocação dos escritores para com a polícia também pode ser observada no evento citado. Naquela ocasião os escritores ousaram pichar o carro da polícia e todo o grupo foi repreendido por isto. Vale lembrar que em novembro de 2002 um rapaz, que assinava como Deng, foi morto por policiais durante um papel.

Izy (Ctba): "Mas é lamentável que o pessoal te levar preso porque você tá pintando. Fica pô... o pessoal aí faz horror na rua aí. Incrível! Poxa! E você tá pintando... não tem dono (o muro), não tem ninguém pra dá queixa, mas nem as pessoas que... 'Não, vou te levar preso. Você é um vagabundo.' Mas não imaginaram que você trabalha, que você tem uma empresa, que você tem família ou algo assim. Mas não adianta." ... "O filho deles vão pintar e aí eles vão ver." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew 17/01/2003 - p. 31-33}

⁵ Perante a lei não existem os termos pichação e grafite para diferenciarem as ações ilegal e legal.

Site Escrita Urbana: "Já teve problemas sérios com a polícia?"

Onesto (SP): "Não sei o que você define como 'problemas sérios'. Ser pego pintando? Tomar alguns tapas? Ser encaminhado ao DP? Ser fichado e ter que comparecer a uma audiência? Sair correndo ouvindo tiros disparados em sua direção? Etc. Isso são problemas sérios? Se forem, infelizmente já tive alguns! Mas considero isso coisas normais pela qual qualquer um que queira fazer 'Graffiti' irá passar um dia. Não sei se felizmente ou infelizmente as leis aqui não funcionam. Diretos humanos aqui é piada. A lei da bala por motivos banais fala mais alta. Mas felizmente esses 'problemas' comigo não foram muitos." {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Onesto - 2001 }

Site Escrita Urbana: "Você já foi catado pela polícia?"

Ver (Califórnia): "Nessa minha jornada de mais de 10 anos no graffiti, seria quase impossível não ter acontecido esses encontros. Entre eles tenho um que mais marcou. Foi quando eu e mais dois da minha turma, fomos cercados por dois carros de polícia enquanto estávamos em ação, e os policiais tentaram nos deter, nos dando ordem de prisão pelo auto-falante do carro e que se tentássemos fugir, eles mandariam o cachorro treinado deles atrás de nós (um Pastor Alemão). Num flash passou por minha cabeça tudo o que teria que enfrentar se eles me prendessem, teria que pagar uma multa alta e passar pelo sistema judicial, então no mesmo segundo comecei a correr e meus amigos me seguiram e atrás de nós o cachorro, pra falar a verdade fiquei até mais tranquilo em saber que estava na frente dos dois, porque assim o cachorro tinha dois pra se distrair antes de chegar a mim. E atrás do cachorro, lógico, o policial. Como conhecia a área, eu sabia que perto tinha uma cerca dividindo o bloco em que estávamos do outro, e foi para onde seguimos correndo. Finalmente conseguimos pular a tal cerca , mas não sem antes um dos meus amigos ser mordido pelo cachorro, mesmo assim ele também passou para o outro lado, e apartir daí cada um seguiu seu rumo. Encurtando a história acabei passando a noite dentro de um latão de lixo, desse quadrados enormes de ferro, so sai de lá no dia seguinte de manh, depois de ter passado toda a noite ouvindo a polícia rondar pela área. Quanto aos meus amigos um deles consegui entrar numa casa e pedir ajuda inventando qualquer mentira e o outro não teve a mesma sorte, ele também teve que passar a noite escondido só que foi dentro de um buraco de esgoto de rua..." {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Ver }

Site Escrita Urbana: "Você já foi pego pela polícia em ação? Conte um pouco.."

Heas (Chicago): "Sim.. Uma vez eu que fiz um piece na rua em Amsterdã e fui pego.. foi no verão passado. A polícia me pegou, correram atrás de mim com suas bicicletas vermelhas. Se jogaram para cima de mim e me cataram. Eu perdi aproximadamente 15 horas em uma cela de prisão solitária, mas eles me deixaram sair no próximo dia. Tive que ouvir um advertência.. Nenhuma multa foi cobrada. E eles tiveram que me devolver a minha maconha que eles confiscaram durante meu registro.. Me devolveram porque em Amsterdã é liberado, assim quando eu peguei de volta a erva, fumei ela na parte de trás da delegacia de polícia. Nossa.. foi quando eu me senti mais livre até hoje. ." {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Heas }

A justiça.

Como a escrita urbana é uma contravenção e seus autores respondem a processos, existe uma relação muito próxima com a justiça. Normalmente as penalidades são de trabalho comunitário, prioritariamente, repintando os locais atingidos pela pichação. Nos *sites* de grafite existe inclusive uma brincadeira onde se diz que a punição é fazer exatamente aquilo que os infratores mais gostam, que é pintar. Mas, na verdade entre os escritores existe um receio de fato. Medo principalmente de serem pegos pela polícia, de pagarem multa, etc.

Blog Cimples: "Mas vamos ao nosso Brasil, aqui em Curitiba, mais precisamente no Município de Araucária onde teve o primeiro Audiência dos acontecido no ENCON-GRFF 2003. 'que bixou'. Mas o resultado foram satisfatório, pela tempestade que rolou neste dia. Os moleque que foram preso vão apenas ter que pagar serviço comunitário, vão ter que fazer o que eles mais gosta 'pintar'. Espero que amanhã seja a mesma coisa porque tem mais 4 piás para audiência." {Transcrição do *blog* do Cimples – 20/08/2003}

A sociedade.

As pessoas em geral sempre têm alguma opinião a dar sobre o grafite. O consideram vandalismo, acham um absurdo, mas gostam de alguns resultados. É comum surgirem comentários como: "São uns vagabundos" ou "Tem que prender todos" e aqueles que não medem as palavras falam "Tem que matar". Estas expressões são muito comuns, porém se alteram quando as pessoas passam a conhecer algum escritor de grafite, rapidamente há uma moderação nos comentários.

Izy (Ctba): "É porque falar..., no teu meio ... você tá trabalhando. 'Eu faço grafite.' (a reação é) 'Porra cara você?' ' Você já foi preso?' é a primeira ou segunda pergunta que te fazem. Mas não tem nada a ver, porra." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p. 32-33}

Devis (Ctba): "Eu já vi caso assim a onde eu moro. Eu pinto um muro lá, depois de comentarem e descobrir que fui eu, ele acha e fala que gosto! Tudo vai da cabeça de cada um, cada um pensa de um jeito, tem pessoas que são ignorantes tem outros que não. Acho que são assim as pessoas. Acho que vai daí, da cabeça de cada um." {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p. 34}

Algumas pessoas contratam escritores para pintarem os muros de suas casas.

Izy (Ctba): "Porque derrepente ... a pessoa chega pra você. Você as vezes tem que pedir. 'Posso fazer um grafite aí?' ... 'Quanto que você cobra?'. Daí aquele empaco. 'Mas eu não cobro, eu gosto.'" {Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew - 17/01/2003 - p. 38}

Nos estabelecimentos comerciais, com estacionamentos por exemplo, é cada vez mais comum que os proprietários procurem e contratem escritores de grafite para pintarem seus pontos comerciais, inclusive como forma de minimizar as pichações.

Muitas escolas também adotaram o grafite como pintura de suas sedes.



FIG. 31 – Muro da Escola Dona Carola, Mercês, Curitiba. Texto “Todos unidos na mesma ideologia, sem crise.” (em cima), “Somos de rua fazemos arte de rua.” (ao lado) e “Dae! Galera do Carola, eu sou o rei mas todos nós acreditamos no mesmo Deus.” (em baixo) – Obs. Atualmente este colégio foi repintado todo de azul.

No PURUNGO 2001, encontro dos estudantes de design de Curitiba, evento organizado pelos próprios estudantes, ocorreram oficinas de grafite, mostrando uma aceitação do grafite pelos jovens.



FIG. 32 – Purungo, Curitiba, Nov.2001. Escritor urbano, foi o instrutor da oficina de grafite no evento. Pintura do Canal da Música.



FIG. 33 – Purungo, Curitiba, 2001. Alunos pintando.



FIG. 34 – Purungo, Curitiba, 2001. Alunos pintando.



FIG. 35 – Purungo, Curitiba, 2001. Alunos pintando.

A família.

A família é outro elemento emblemático para a pesquisa. Em alguns casos vi familiares de escritores irem até o local das pinturas para apreciar a obra realizada. Em outros casos, tive problemas nos contatos, pois ao saberem das minhas intenções os familiares dificultaram meu contato com os escritores. Em outros ainda é perceptível uma resignação, ou seja, percebe-se que os familiares prefeririam que os filhos não estivessem envolvidos com o grafite, mas aceitam.

Izy (Ctba): “Nem adianta também, você tá saindo de casa derrepente a mãe: - Se cuida com a polícia.” { Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew – 17/01/2003 – p.25}

O governo.

As relações oficiais, com entidades governamentais são intercaladas por tolerância e intolerância. Em primeiro lugar porque o grafite é um movimento que envolve muitos jovens, de diversas classes sociais. Além disso, o grafite é um elemento familiar ao movimento *hip-hop*, que tem muitas relações com entidades governamentais por sua postura social, de ação comunitária e de solidariedade. O grafite é incluído em muitos eventos sociais, como campanhas comunitárias, de ensino da arte para população carente, etc. Alguns exemplos, destas iniciativas, foram citados ao longo do texto ao serem referenciados projetos como Aprendiz, Centro Vida etc. ⁶

O grafite é uma atividade visível, interfere e atinge as pessoas. Assim, além de visibilidade ele também tem voz, as entidades passam a chamar atores de grafite para conversar. Neste sentido, as entidades governamentais estabelecem ligações com o grafite, pois não poderiam ficar alheias a um fenômeno tão presente e marcante na cidade.

Revista Graffiti: "Hoje, está mais difícil pintar em São Paulo?"

Nóis (SP): "Pra variar, vai chegando próximo as eleições e a polícia começa a aparecer. O Alckmim quer que todos tenham a impressão de que SP é uma cidade segura, essas merdas. Fora isso, a tolerância diminuiu, já não cola mais aquele papo com a polícia, tipo 'É um trampo artístico, não estamos destruindo nada...' Antes de ser eleita a Marta prometeu incentivo para o Hip-Hop, para graffiti e um monte de 'papagaiada'. Desde que foi eleita, não vi nada de apoio, só a ridícula 'operação beleza', apagando vários tramos. Vote nulo!" {Transcrição da revista Graffiti: Binho entrevista Nóis}

O mercado.

Comercialmente falando, o grafite é um ótimo negócio para o mercado de tintas, tanto para as tintas *spray* como produtos para removê-las. Assim, quando a mídia fala em milhões de prejuízos para os proprietários, significa lucro para os fornecedores de tinta. Decorre disto que, a ColorGin, maior fabricante de tinta *spray* do país, é

⁶ Sobre projetos sociais e ONGs encontramos considerações na Introdução item O contato com os escritores urbanos de Curitiba, no Capítulo 1 item Consumo Cultural, e item Tensões da escrita urbana, no Capítulo 2 item O grafite como (dês)organização e manifestação (a)política, no Capítulo 3 item As repercussões.

patrocinadora de escritores como Os Gêmeos, por exemplo. Em Curitiba, na Av. Água Verde, aos sábados, uma loja de tinta fornece material a uns escritores que ficam desenhando com *spray* em cartolinas na porta da loja, servindo de atração para os consumidores.

Encontramos muitas vezes o grafite servindo de tema e inspiração para produtos. Como exemplos, podem ser citadas agendas e capas de caderno que trazem o grafite como elemento ilustrativo. Também encontramos no universo da moda e tecelagem, estampas decoradas com o grafite. Assim percebemos que o grafite é motivo de apreciação e exploração comercial.

O anti-grafite.

Da mesma forma que a internet veicula informações favoráveis ao grafite também comporta manifestações contrárias. O *site* [An Anti-graffiti Web Page](#) traz considerações de um grupo indignado com o grafite. Este *site* tem frases como:

"The world hates graffit"
"The difference between graffiti and art is permission"
"Telling the victim's side of the story since since 1995"

Outro *site*: chamado [Global Unit Against Vandalism](#) destacam-se algumas frases.

"Q Star Technology is dedicated to providing tools to help communities fight the plague os graffiti vandalism"
"Graffiti, art os vandalism? Check out the information then you decide"

Estes *sites* anti-grafite, apresentam *links* para outros *sites* com produtos de limpeza e falam de milhares de dólares gastos para estas limpezas. Estes *sites* apresentam a indignação de algumas pessoas para com o resultado negativo do grafite que suja e deteriora ambientes. ⁷

⁷ Lembrando que fora do Brasil não se usa o termo pichação para diferenciar as ações legais das ilegais.

A mídia.

Considerações sobre a mídia já foram feitas anteriormente. Mas vale reforçar que a mídia sempre apresenta matérias com propósitos específicos. Assim as considerações sobre grafite aparecem de forma positiva ou negativa segundo a intenção da matéria. Nas matérias sobre Urbanismo, a pichação é mais abordada, apresentada como um fator de prejuízo para os proprietários de imóveis. Nas matérias sobre Arte, já existe uma ênfase no grafite colocando-o como expressão contemporânea. Nos cadernos destinados aos jovens, tanto grafite como pichação aparecem como uma forma de comportamento atual e existe uma certa valorização de seus atores. As matérias sobre Sociedade apresentam o lado do grafite de apoio comunitário. Como o grafite é um conjunto de ações e interpretações, a mídia reflete as características que estão em evidência para o objetivo da matéria.

NOVAMENTE A DICOTOMIA: GRAFITE E PICHANÇA

Em algumas declarações de escritores podemos verificar como é pensada a oposição grafite e pichação. Estes depoimentos são, em sua maioria, de escritores brasileiros que têm grande projeção no universo da escrita urbana.

Blog do Cimples: Trocando idéia 2003 (evento dentro do Fórum Social Mundial em Porto Alegre) "... Houve algumas polêmicas quando entrou o assunto graffiti legal/ilegal e, sobre os estilos de graffiti, como muita gente sempre tenta separar, que é o Tag ou Pixação, sobre atropelo que uma coisa que esta acontecendo muito por lá, disputa entre escritores, e eles estão se vendo louco com esse assunto, -lembrei quando rolava isso por aqui, melhor ainda rola. Fora isso foi tudo tranquilo, preveleceu Troca de Idéia, e a compreensão. {Transcrição do blog do Cimples – 26/04/2003}

Revista Graffiti: "Arte ou vandalismo?", "Explique um pouco sobre a ideologia da pichação."

Zeção (SP): Na verdade, cada um tem o seu motivo particular na pichação. Tem cara que picha só pela adrenalina, tem cara que picha pelo ibope, quer ver o nome dele em todos os cantos. Tem cara que faz a pichação protesto e tem cara que picha e nem sabe porque, ele vê os caras pichando e vai também, é vazio por dentro. Eu particularmente sou contra o governo e contra a discriminação que a sociedade me dispensa no dia-a-dia, então, esse é o troco que dou a eles. A pichação é o grau mais alto, é o que a sociedade mais odeia, pois eles falam que estamos estragando a cidade toda. Mas quando o governo não rouba por trás? Têm uma pá de gente morando na merda, embaixo da ponte, sem ter o que comer, sem nada, e esses 'Lalaus' da vida ficam ricos às nossas custas. O que vamos fazer? Nós conseguimos vendê-los, quanto mais os caras limpem mais nós iremos bombar, essa é a minha idéia." {Transcrição da revista Graffiti n.5: Entrevista com Speto, Binho, Tóta, Markão, Magôo, Chivtz, Boleta, Zézão e Brown}

Revista Graffiti: "Arte ou vandalismo?", "Como você vê a pichação."

Magôo (SP): "É meio complicado falar. Tem gente que fala que é legal; é um tipo de graffiti, uma atitude, mas ao mesmo tempo você está vandalizando uma coisa que não é sua e que de certa forma a pessoa se matou pra construir. Eu acho que se deve ter respeito, mas ao mesmo tempo é uma forma de graffiti, é um 'bomber'. Dentro das características do graffiti, pichação é um graffiti. {Transcrição da revista Graffiti n.5: Entrevista com Speto, Binho, Tóta, Markão, Magôo, Chivtz, Boleta, Zézão e Brown}

Revista Graffiti: "Arte ou vandalismo?"

Binho (SP): "No Brasil existe a separação entre pichação e graffiti, mas na verdade é uma coisa só." {Transcrição da revista Graffiti n.5: Entrevista com Speto, Binho, Tóta, Markão, Magôo, Chivtz, Boleta, Zézão e Brown}

Revista Graffiti: "Hoje em dia, muitos muros já têm alguma pintura em baixo. Muitos deles são velhos ou monte de pessoas, que não sabe pintar, esta só demarcando espaço e nunca mais volta a pintar. Existe algum tipo de critério, quando você encontra um muro, se tem alguém embaixo ou alguma coisa? O que é essa questão de atropelar ou não atropelar? Como isso rola quando você vai pintar na rua?"

Nóis (SP): "No geral, a gente procura os muros que não têm nada. Em vários muros, que a gente fez bomb, não tinha nada. Então, Poe exemplo, se eu chego primeiro num muro, é meu direito."

RG: Mas se tiver alguma coisa? Existe algum critério?"

N(SP): "Só se já tiver um monte de atropelo, um muro todo zuado. Atropelar pixo é uma coisa que procuro evitar ao máximo."

RG: "E se tem que acontecer? Existe algum critério que você olha e, de repente, percebe que não vai pegar nada?"

N(SP): "Se conheço a pessoa que fez a parada, depois eu posso trocar uma idéia. Se a parede está toda zuada e você usa ela inteira, aí eu acho que é firmeza, pois você não está querendo desrespeitar ninguém, está só querendo fazer um trampo. Sem contar também que, em lugares onde se pinta muito, a renovação é uma coisa muito importante."

Em lugares que o graffiti já tomou conta mesmo, é essencial que eles sempre esteja se transformando.”

RG: “Por que alguns graffitis ficam na rua durante anos e ninguém atropela, rola um respeito?”

N(SP): “Porque passou a fazer parte da vida das pessoas daquele mundo, ninguém quer que isso suma.

RG: “Mesmo os pixadores acabam curtindo.”

N(SP): “Com certeza, eu acho que a pixação e o graffiti são a mesma coisa.” {Transcrição da revista Graffiti n.9: Binho entrevista Nóis}

Site Escrita Urbana: “O pixo tomou proporções incríveis em SP e em todo Brasil. O que você acha do pixo em relação aos outros elementos do graffiti ?”

Onesto (SP): “Fazer Tags é apenas uma das formas de se fazer Graffiti. É totalmente normal existir pessoas que se dedicam em apenas praticar esse estilo, ainda mais em nosso País que a maioria não possui recursos para comprar tintas e fazer trabalhos mais elaborados. Aqui falta ‘quase’ tudo, menos criatividade. É claro que se muitos quisessem estariam fazendo outros estilos também, mas aqui prevalece muito a lei da quantidade e não a da qualidade. Acho os Pichadores os ‘verdadeiros’ Graffitis-Writers do Brasil, pela ousadia e perseverança nos Bombardeios.”

SEU: “Por que você acha que a maioria dos caras que pixa faz só aquilo. Diferente dos writers que faz tag faz thrown-up, piece... Etc. Não fica bitolado? ..”

O(SP): “Existem diferentes motivos para que eles façam apenas um tipo de tag: ‘Desejo de marcar um local, estar presente, extravasar adrenalina, etc.’, mas acho que o motivo principal é a revolta com as condições que nosso País nos oferece. A cultura aqui e muito pouco difundida. Quando alguém se interessa por algo e quer aprender mais sobre aquilo, ele tem que fazer uma puta correria pra obter mais informação e dificilmente recebe apoio de seus familiares porque estes não foram educados assim. Muitos desanimam. Acredito que por isso somos bombardeados por tantas campanhas inúteis do tipo: ‘Prevenção às drogas, controle de natalidade, desarmamento da população, etc.’ Mas ninguém faz nada para prender a atenção dos jovens de hoje em alguma atividade onde ele possa utilizar seu talento. Esporte - só o Futebol que trás retorno financeiro. Se o cara se interessa por outro tipo de esporte acaba passando inúmeros constrangimentos e até fome; Música - são lamentáveis os gêneros que são comerciais. Não é todo mundo que quer se expor ao ridículo ou fazer músicas que falem apenas de dor de cotovelo; Arte - só a classe média alta tem acesso. Quantas pessoas podem se deslocar da periferia para o centro para freqüentarem Exposições e meios artísticos? E por aí vai. Muitos se deixam levar e procuram refúgio em atividades escusas. Quando vejo ou faço entrevistas com ‘Pichadores’ observo que a maior revolta deles é a de não conseguirem apoio para desenvolverem algo da qual tenham vontade. Acredito que todas as pessoas possuam um dom, basta terem condições suficientes para explorá-lo. Infelizmente nosso País é campeão em inibir este lado das pessoas.”

SEU: “Ultimamente tem se visto muita gente fazendo só throw-up. Direto e reto. Vc acha isso legal ou acha que writer tem que fazer todos os tipos de graffitis?”

O(SP): “Gosto de fazer todos os estilos de Graffiti, desde que seja utilizando a técnica do Spray Can. Não suportaria fazer sempre a mesma coisa. Gosto de desafios. Acho que esta fase de Throw-ups está rolando porque é uma forma fácil e rápida de se fazer Graffiti. É como fazer Tags, rápido, fácil, barato, pode ser feito em qualquer lugar e em grande quantidade. Muitos que fazem Graffiti são influenciados pelas revistas e vídeos, não fazem o que gostam, seguem o que vêem. Se estas mídias começarem a divulgar mais Pieces e Produções acredito que essa poeira irá baixar um pouco. Mas não tenho nada contra essa febre. A molecada tem mais é que ‘foder tudo mesmo’, acho apenas que eles deveriam elaborar mais seus Throw-ups. {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Onesto - 2001}

Site Escrita Urbana: “O que você acha do graffiti ilegal. O bomb, a pixação... Qual a relação entre os dois e a diferença na sua opinião?”

Ver (Califórnia): “Eu prefiro o graffiti ilegal com estilo simples. O bomb e a pixação na minha opinião só são diferentes nas técnicas, mas tem o mesmo objetivo de reconhecimento. Esses estilos são indispensáveis para um graffiteiro que deseja atingir o status de All City.” {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Ver} ⁸

⁸ All city é o escritor que atua por toda cidade.

Site Escrita Urbana: “Quando e como você começou a pintar?..”

Botcha (SP): “Comecei a pintar em 88 fazendo graffitis com moldes, mas vi que faltava adrenalina, então comecei a pixar em 89, foi a parte mais emocionante da minha vida, com o passar dos anos comecei a perceber que estava ficando perigosa essa aventura, de 95 pra cá estou pintando minhas letras por aí, e não pretendo parar tão cedo.”

SEU: “Graffiti-Vandalismo ou Graffiti-Arte?”

B(SP): “Para ser completo, temos que fazer os 2.” {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Botcha}

Site Escrita Urbana: “O que você pensa sobre o graffiti ilegal? Existe diferença para você?”

Heas (Chicago): “Eu faço quase somente paradas ilegais. Eu nunca fui um artista plástico, assim nunca procurei fazer muitos pieces legais. Cada um pensa de um maneira, mas para mim vem definitivamente bombardear em primeiro e também considero mais os bombers.. adiniro nuito mais..” {Transcrição do site Escrita Urbana: Gripe entrevista Heas}



FIG. 36 – Muro na esquina da Rua XV de Novembro com Tibagi, próximo ao Teatro Guaira, Curitiba, 2001. Este painel tem um grafite que representa os 4 elementos do Hip-Hop (B-boy do *Break*, o escritor de grafite, o *rapper* e o DJ). Texto “Nem o capitalismo, nem o comunismo vai salvar o mundo, só o amor pode.” (em cima) e “Unidos da guerra pela paz.” (em baixo à direita). Este muro foi pintado com propaganda política em 2002 e em outubro de 2003 foi pintado pelos alunos de arquitetura através do Projeto Gestalt. (ver pg.71)

No Capítulo 1 foram observadas As tensões da escrita urbana, logo após serem apresentados exemplos trazendo a classificação - Grafite a atividade permitida e conseqüentemente legal e pichação a atividade não permitida, o vandalismo e conseqüentemente ilegal. O capítulo sinaliza que, entre os escritores urbanos, existe tolerância, respeito pela atitude e opção de cada um. Assim, percebe-se as diferenças técnicas, estéticas e de conteúdos. Porém, como já foi dito, a oposição declarada não está dentro da escrita urbana e sim nas referências que se fazem a ela. O grafite e a pichação são duas faces de uma só moeda, eles não podem ser separados pois são artes de rua, tem a cidade como suporte, são interferências urbanas.

Devis (Ctba): “É intervenção urbana que a gente faz!”

{Caderno de campo: Daniella entrevista Devis e Izy da ArtSul crew –17/01/2003 - p.14}

RELAÇÕES INTERNAS: AS FOTOGRAFIAS, OS ZINES e A INTERNET

O grafite tem uma rede de comunicação própria, composta de revistas e *sites*. Esta rede que possibilita a virtualidade do grafite ocorre através dos registros fotográficos e da veiculação das imagens por estes meios.

Site Escrita Urbana: "Já que citei a mídia duas vezes.. o que você acha da mídia especializada?"

Binho (SP): "É importante que exista comunicação.. acho que é muito facil criticar quem faz alguma coisa . se no Brasil o material ainda não é bom devemos ajudar para que um dia fique.. exceto a revista Fiz que é especial e uma das melhores do mundo ..as revistas assim como os sites em geral deveriam se informar mais com a old schol e começar a fazer coisas melhores.." {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Binho}

Site Escrita Urbana: "O que você acha da mídia do graffiti aqui no Brasil? Revistas, zines, videos e internet.?"

Onesto (SP): "Não gostei de nada do que vi até agora. Acho que deveriam ser bem mais elaborados. Tudo foi feito apenas para se ganhar dinheiro, sem a preocupação de passar algum tipo de informação ou a 'verdadeira imagem do Graffiti'. Acho ridiculas as pessoas que não fazem Graffiti se aventurarem em publicar revistas, videos ou qualquer outra coisa sobre o gênero sem o apoio de quem o faz. Não há censo crítico. Fica falso. A única revista que admiro pela qualidade gráfica e pela seleção das fotos é a 'Fiz - Graffiti Attack', mesmo assim ela poderia ter bem mais conteúdo pela quantidade de informação que seus editores recebem. Sites são apenas acúmulos de fotos. Sei que é complicado desenvolver algo diferente e que desperte interesse através da Internet por se tratar de uma mídia relativamente nova, mas existem várias formas de se fazer um site, sem ser necessário copiar o modelo dos gringos...." {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001}

Assim o primeiro passo para a continuidade deste sistema parte de cada escritor que fotografa sua obra ao concluí-la. Após o registro da pintura este ator encaminha suas fotos para *sites* ou revistas que recebem um grande número de imagens vindas de diversos locais e selecionam algumas para integrarem o próximo número do zine ou atualizarem seus *sites*.

Ments (Ctba): "Ele (o grafite) continua existindo através da fotografia."

Cimples (Ctba): "Isso é o legal."

M(Ctba): "A fotografia é pra registrar mesmo. Digamos assim, guardar de recordação e registrar o acontecimento né. Que ali teve o grafite e que hoje não tem mais ou tem um outro por cima, entendeu."

C(Ctba): "Isso é legal. Porque no grafite, o pessoal que pinta, é quase que obrigado a tirar foto até por necessidade. Por ele saber que é efêmero, que vai se apagar."

{Caderno de campo: Daniella entrevista Ments e Cimples - 29/01/2003 - p. 43}

As revistas ou zines, normalmente são resultados do empenho de um escritor ou um grupo, que tem intenção de divulgar o grafite. As revistas porém envolvem uma

produção específica. O “editor”⁹ da revista e sua “equipe”, devem preparar as imagens organizando-as em artes-finais adequadas para a forma de reprodução que vai ser usada. Também devem ser contratados serviços de impressão, o que gera custos significativos. As revistas impressas tem que ser distribuídas. Porém elas podem ser colecionadas pelos escritores e suas páginas podem virar cartazes, se coladas nas paredes. Assim elas viram objetos identitários para os atores da escrita urbana. Os investimentos só terão retorno se existir a venda dos exemplares. A produção de um material impresso exige investimento de tempo, de dinheiro, de conhecimento, de contatos e de relações para que o empreendimento se concretize. A aquisição de uma revista ocorre apenas em locais restritos como lojas especializadas, ou através de encomendas pela internet com distribuição pelo correio. Assim a maioria das revistas tem pequenas tiragens e distribuição restrita. Existe uma exceção, que é a revista Graffiti. Esta revista é editada pela editora Escala, como um suplemento especial da revista RAP Brasil. Por estar diretamente ligada ao movimento maior do rap (e *hip-hop*) esta revista tem grande distribuição e pode ser adquirida em diversas bancas por todo Brasil.

Revista Graffiti: “É com grande prazer que, nesta edição, houve aumento de páginas, que mostram o crescente cenário do Graffiti Art, no Brasil. E, mesmo assim, muitas fotos de qualidade acabam ficando de fora. Isso mostra que, muitos novos escritores apareceram e a nossa arte é mais respeitada. Aliás, respeito é o que todos queremos e isso só se consegue com muita dedicação, humildade e atitude. Aos poucos, todos os países, continentes ou o mundo, em torno da mesma cultura, o Graffiti.” {Transcrição do editorial da revista Graffiti por Binho Ribeiro}

Os *sites* têm um propósito muito semelhante ao da mídia impressa, mas têm algumas vantagens e algumas desvantagens. Eles não necessitam de um serviço terceirizado de impressão. Tudo pode ser feito diretamente em um computador que esteja conectado à internet, o que hoje se obtém com grande facilidade e pequenos custos. O “editor” ou “*webmaster*” de um *site* tem a tarefa de construir sua página

⁹ O termo editor surge aqui, na falta de outro termo mais adequado, que defina a pessoa que empreende um produto (revista, *site* ou vídeo) e que realiza uma série de tarefas para concretizar tal empreitada.

virtual, de selecionar imagens, criar conteúdos, disponibilizar a página na rede e divulgá-la. Hoje são muitas as páginas pessoais que os escritores mantêm. O maior problema desta mídia é sua volatilidade. Um *site* que hoje está no ar amanhã pode ter desaparecido, um problema de conexão inviabiliza o acesso à página, uma conexão lenta dificulta a observação das fotos, que normalmente geram arquivos pesados. Porém ao estarem na internet, estes conteúdos estão a disposição de todos, não ficam restritos ao universo da cultura de rua e da escrita urbana. Mas os conteúdos aqui podem desaparecer de um instante para outro, já a revista depois de impressa tem uma durabilidade maior e pode ser transportada, mostrada e colecionada.

Assim as duas mídias são muito interessantes para a divulgação dos conteúdos do grafite.

Blog do Cimples: ¹⁰ "Fui na casa da 'DAY', ver os filhotes da Felícia, rescem nascidos, muito bunitinhos, só quando é novo, depois de grande acho feio. Fui a pé, é um pouco longe, passei em um lugar que me lembrei de minha infância, quando gostava de caçar passarinho e 'preá' também !! faz muito tempo que não passo lá. Estava com o Dose ele ficou de cara, disse que nunca fez isso." {Transcrição do *blog* do Cimples - 29/06/2002}

BC: "Para abrir a semana vai uma dica, revista SIMPLES, fiz a assinatura, já chegou a adição de n.14_15_16 (ultima), que esta bem legal, o Syen que vai gostar, a matéria desta edição é o cafezinho, muito legal a historinha...Sem falar no design e outrs matérias legais, eu e o Cherox adoramos." ... "Nescs'em Curitiba, nosso amiguinho que nos hospedou quando fomos para Porto Alegre está na cidade, se ele deve pra você ai esta é a oportunidade, de cobrar !?" ... "A tarifa de onibus sobe mais uma vez em Curitiba, \$1,40. E eu continuo furando quando posso ! acho que todos nós tínhamos que protestar de alguma forma !? Só neste final de semana gastei, 7,00 reais de passagens, mais balada e lance, é FODA !! Ohoa que furei uma vez !!" {14/07/2002}

BC: "Nosso amigo da THCcrew, mandou um texto depois de ver uma revista nacional, eu acho que é aquela que tem um monte de coisa do cara que representou o Brasil no Japão, algum tempo atrás. Está aqui. (*link*)" ... "Vamos faser a excursão para Santo André, os interessados entre em contato conosco, temos poucas vagas!!" ... "Revelei as fotos que tirei este mês, ta foda um filme por mês, haja dinheiro. Esta primeira foto de tag é para vocês ter uma idéia de como vai ser o Destrói 09, em breve nas ruas. (*link*)" ... "Amanha tem campeonato de SKT, e a balada do campeonato é claro, vai ter Show do COMUNIDADE RACIONAL, CWBOMB e ADR CARBONO X, nas bolachas CRISIS e PIK'neis. Vamos la ver os camaradas." ... "Ai eu (cimpls) estarei para bater um papo no dia 31 quarta-feira das 10:00 as 12:00 no ICQ: 142476680. ai marcamos para trocar idéia na sala da UOL, oK!" ... "Estamos recebendo algumas fotos para a edição de n.9 do DESTROI [se alguém estiver afim de mandar, inf.], recebemos de uma Menina [no bom sentido] de Belo Horizonte, temos que mostrar não é sempre que recebemos foto de menina." ... "Rolou tambem neste final de semana o MERCADOMUNDO MIX-HIPHOP! Non stop, feira de roupas alternativas (assim foi a idéia desta feira), que teve como ilustração os 4 elementos da Cultura HIPHOP, com alguns artistas de Curitiba e São Paulo, os REPRESENTANTES de Curitiba GRAFFITI." ... "Marcelo cidade está participando junto com outros artistas o projeto Marrom da Galeria vermelho, com performances ao vivo onde utiliza o corpo nu com elemento urbano, pena que não é aqui em Curitiba." {Transcrição do *blog* do Cimples – 26/07/2002}

¹⁰ O *site* do Cimples aborda muitos assuntos. Aqui estão transcritos fragmentos das mensagens de uma semana para exemplificar diversidade de assuntos abordados.

Revista Fiz: “Graffiti não é moda... graffiti não é pra sair, pintar meia dúzia de coisa e dizer... ‘eu faço graffiti... eu sou um escritor de graffiti’... graffiti não é inventar boatos para se ter ibope... graffiti não é desenho em roupas.. graffiti não é roubar o estilo do outro.. graffiti não é decorações em lojas. Graffiti não é qualquer coisa.....graffiti é: Sigilo, silêncio, anonimato, surpresa, inovação, ação, transformação, conteúdo, qualidade, marcar, intervenção, produção, atitude, estilo próprio e inteligente, linguagem universal... respeito.”

RF: “Não temos nenhum intuito de incentivar qualquer ato de vandalismo, depredação de patrimônio público, privado de âmbito estadual ou federal. A Fiz tem por objetivo apenas retratar em suas fotos e matérias: obras, acontecimentos, conceitos, manifestações, trabalhos de artistas que desenvolvem sua arte e interferência no meio urbano. A liberdade de expressão é ampla e irrestrita, cabendo às vezes não coincidir com as idéias e idéias da revista. É uma revista de ARTE onde a liberdade de expressão tem seus espaço; seja ele qual for.” {Transcrição de nota da revista FIZ n.5}

Site Escrita Urbana: “E a 72diesel?”

Onesto (SP): “A idéia de fazer o fanzine 72 d.i.e.s.e.l. surgiu quando eu estava pesquisando na Internet se havia revistas sobre Graffiti, que não fossem apenas “álbuns de figurinhas”, fossem totalmente Undergrounds e feitas por quem faz Graffiti. Encontrei algumas, então resolvi fazer um zine para poder fazer uma troca de informação com estes caras. Também queria ter um veículo onde eu pudesse ver minhas HQs publicadas e expor minhas opiniões sobre o que penso do Graffiti. De início não me preocupava se teria qualidade de impressão, anunciantes, se seria colorida, etc., queria apenas fazer um fanzine, mas por incrível que pareça ele teve uma boa aceitação. A segunda edição está demorando pra sair porque está sendo mais bem elaborada e terá algumas mudanças.” {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001}

Encontramos também outras formas de transmitir os conteúdos do grafite como vídeos. No Brasil foram feitos alguns vídeos por integrantes do grafite que já viraram “clássicos” dentro do movimento. O escritor Onesto de São Paulo fez um vídeo chamado A invasão e outro A invasão 2. Os vídeos carecem em roteiro, direção, produção e montagem, se os observarmos do ponto de vista da obra audiovisual, porém expressam bem a forma com que este grupo promove e divulga sua atividade. São coletâneas de ações de escritores, trazem os maiores nomes do grafite nacional, que se concentram em São Paulo. Assim são extremamente desejados por escritores de outras cidades que não têm acesso a estes “ídolos”. O segundo vídeo da série tem uma passagem por Curitiba e apresenta alguns escritores locais. Os vídeos na mesma forma que as revista podem ser adquiridos em lojas especializadas ou pela internet. ¹¹

Site Escrita Urbana: “Como surgiu a idéia de registrar a cena do graffiti no Brasil em 97/98 e transformar isso no primeiro vídeo nacional, A invasão I? ..”

Onesto (SP): “Desde os tempos que estudávamos juntos (Eu, Yama, Os Gêmeos e Amigo) queríamos fazer algo para mudar a cena aqui no Brasil. Não havia nada sobre o assunto Garffiti, então optamos em fazer uma revista. Foram várias tretas. As idéias não batiam. Uns queriam que esta fosse totalmente radical enquanto outros já a queriam mais na manha. Chegou o final do curso e acabamos nos distanciando. Os Gêmeos para um lado e

¹¹ Em junho de 2003 foi lançado em Curitiba um documentário chamado Cidade em Branco, realizado pelos cineastas curitibanos Luciano Coelho e Marcelo Munhoz, o documentário apresenta o grafite local. Este vídeo apresenta qualidade técnica e tem um conteúdo voltado para a comunidade em geral.

Eu e o Amigo para outro (moramos na mesma área), enquanto que a Yama decidiu viver uma vida mais tranqüila (casou). Como Eu e o Amigo mantínhamos contato freqüentemente decidimos fazer um vídeo, Os Gêmeos estavam decididos em fazer a FIZ. As oportunidades foram surgindo, compramos uma filmadora e começamos a capturar as imagens de Graffitis espalhados por São Paulo e outras de alguns camaradas fazendo seus trampos. O vídeo não saiu como queríamos, mas temos certeza que conseguimos contribuir um pouco pra mudar a cena do Graffiti até então." {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001 }

SEU: "O Invasão 2 só saiu no início de 2001. Porque tanta demora?"

O (SP): "Nunca iríamos fazer o número 2 parecido com o primeiro. Estávamos empenhados em colocar nesse vídeo tudo o que aprendemos sobre produção ao longo desses anos. A demora se deu mais porque não trabalhamos apenas com isso. Temos vários projetos (Animações, Músicas, Livros, uma marca de Skateboard, outros projetos para Vídeos, Revistas, Web Sites, etc.) e às vezes fica difícil conciliar tudo. Fazer arte aqui no Brasil é muito difícil, principalmente para quem vem da periferia, mas como somos teimosos aos poucos vamos fazendo tudo que temos vontade." {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001 }

SEU: "Falô Onesto, Deixe uma mensagem aí... Fale o que quiser...."

O (SP): "Já falei tudo o que queria. Acho que falo demais. Só um toque: Quem quiser ver algumas ilustrações minhas é só acessar o endereço www.lost.art.br/alexhornest ou queira entrar em contato é só escrever para: Caixa Postal 53008-5 CEP: 08220-510 – SP Brasil ou ainda enviar e-mail: 72diesel@bol.com.br" {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto }

SEU: "O que você acha da mídia do graffiti aqui no Brasil? Revistas, zines, vídeos e internet.?"

O (SP): "Na produção de Vídeos ainda estamos engatinhando. Ainda não existe "nada" para poder ser feita uma avaliação. Infelizmente são todos parecidos uns com os outros. Os produtores que estão surgindo agora (Brasil) parecem ter medo de ousar ou de serem criativos. Ligam muito para a opinião do público, outros para represália. Não fazem aquilo que acreditam. Não gosto do que já produzi em matéria de vídeo sobre Graffiti, mas sempre digo que no primeiro não sabíamos de nada, no segundo já tínhamos alguma experiência, agora o terceiro tem que sair do jeito que a gente quer." {Transcrição do *site Escrita Urbana*: Gripe entrevista Onesto - 2001 }

O universo do grafite se vale das atuais tecnologias para divulgar seus conteúdos.

As facilidades que estes meios de comunicação têm possibilitam que o grafite se espalhe de forma muito abrangente. A virtualidade destas mídias permite que particularidades locais possam ocorrer. Melhor dizendo, como a maioria dos praticantes inicia suas atividades no grafite através de uma prática, que aprendidas em revistas, *sites* ou com colegas também inexperientes. Acabam surgindo sempre novas técnicas decorrentes dos improvisos destes iniciantes, ao traduzirem as informações virtuais para a realidade da pintura.

As relações internas do grafite passam então, como já foi dito, por meios virtuais e práticas concretas. Estes meios virtuais ocorrem pela internet e pela mídia específica como zines e revistas. As práticas concretas se dão no contato com colegas e nas saídas (os rolês) para a realização das pinturas. Posteriormente estes contatos podem se estender a mais membros do movimento, a viagens e intercâmbios. Assim um escritor de

grafite tem à sua disposição um conjunto de elementos em que ele pode se relacionar na medida de seu interesse, entusiasmo e dedicação para com a prática do grafite.

•

Neste capítulo final foram observadas as relações externas do grafite e sua divulgação através de mídias específicas do movimento. Assim pudemos apresentar. (a) Grafite e pichação, algumas pinceladas históricas: Um breve trajeto histórico que auxilia a compreensão como o movimento surge a chega ao Brasil, auxiliando no entendimento da dicotomia grafite versus pichação, tão polemizada até aqui; (b) A aproximação com as artes plásticas: Traz a relação que o grafite tem com o universo artístico; (c) Os suportes: os desenhos nos muros e nos trens: Sendo a cidade o veículo do grafite, foram vistos seus suportes e suas características específicas; (d) As repercussões (polícia, justiça, sociedade, família, governo, mercado, mídia): Aqui é feita de maneira resumida um apanhado de como estas referencias sociais se relacionam com o grafite. (e) Novamente a dicotomia grafite e pichação: Sendo este um dos maiores conflitos que permeia a escrita urbana e conseqüentemente a pesquisa, ele foi trazido novamente para apresentar mais um ponto de vista, o dos próprios escritores; (f) Relação internas: as fotografias, os zines e a internet: Apresenta a forma com que é construída a mídia do grafite.

Polêmica é uma palavra chave no universo da escrita urbana. Os olhares externos ao grafite tem uma visão dúbia quanto ao movimento. Esta dicotomia se dá pela característica livre que tem o grafite, seus integrantes se aproximam e se envolvem ao movimento sem a existência de um fiscalizador. Esta ambigüidade é refletida na relação grafite e pichação, que todos que fazem considerações sobre a escrita urbana tendem a reforçar. Mas que internamente ao movimento, apesar desta oposição ser identificada, ela não chega a ser motivo de separação do grupo, pelo contrário o fato de existir

tensões e conflitos somente coloca os atores da escrita urbana em um mesmo referencial identitário - a intervenção urbana pela apropriação dos espaços da cidade através de grafismos e pinturas que tem como conteúdos as assinaturas de seus atores e inspirações cotidianas, retiradas da própria convivência deste atores com a cidade e aplicadas sobre a cidade.

CONCLUSÃO

A presente dissertação foi iniciada com a descrição do Encontro de grafite 2003 em Araucária. Esta passagem foi escolhida para abrir o texto por apresentar um quadro bastante ilustrativo do grafite, seus atores, suas ambivalências e seus conflitos. Revendo alguns momentos marcantes do evento.

Primeiramente os escritores que chegaram escolheram seus espaços, sem um horário definido, uns se adiantaram para ter melhores opções na escolha do espaço os outros se contentaram com espaços restantes e iniciaram o processo da pintura. Começando por preencher o fundo com uma tinta e preparando o muro para o desenho. Conforme os escritores iam chegando, buscavam encontrar-se com os mais conhecidos para integrarem melhor seus desenhos. Os cadernos eram usados para mostrar o projeto do desenho a ser realizado, no caso do desenho ser improvisado, valia a conversa com os companheiros para ajudar nas definições da pintura. Como o evento estava programado para sábado e domingo, não havia motivo para pressa. A sociabilidade prevaleceu.

Em um segundo momento os espaços já estavam divididos, os pares acertados e os desenhos iniciados. Aqui se mantinha a harmonia e a integração, as trocas de materiais e idéias. Os transeuntes olhavam a movimentação e emitiam suas opiniões. Neste momento, alguns dispersaram seus interesses do desenho para a circulação, já mostrando os diferentes graus de envolvimento, de aprimoramento técnico e comprometimento com a arte do grafite. As diferenças começam a aparecer.

Logo em seguida, apareceu o vandalismo e com ele, as divergências do grupo, porém nada de ações repreensivas por parte do grupo, a tolerância prevaleceu. Enquanto uns pichavam o bar próximo, outros não se desconcentravam de suas obras; uns

condenavam a ação sem interferir e outros ficavam indecisos se escolhiam o vandalismo ou a pintura artística. Sobressaía-se a idéia de que cada um é responsável por suas ações e ninguém centraliza a liderança. Aqui as diferenças causaram tensão e começaram as interferências externas.

Em um quarto momento aparece a polícia que interfere com moderação. Questionando os participantes e buscando os responsáveis pelo evento. Negociando o que era permitido e chamando de grafite e o que não era permitido chamando de pichação. Classificando em legalidade e ilegalidade a ação dos escritores.

Logo em seguida, surge o inesperado, o caminhão que foi liberado para a pichação. Aqui a euforia tomou conta e a ousadia aumentou. O ritmo era acelerado, as informações desencontradas, todos queriam registrar o inusitado. E havia uma tolerância temporária da polícia.

Durante o tumulto, ao picharem o carro da polícia, os atores provocaram a represália agressiva dos guardas. Agora eles somente queriam documentação da liberação do muro e aplicar a lei, que só isentaria os atores flagrados se estes tivessem uma autorização por escrito. Aqui não havia mais espaço para conversa, a melhor estratégia era fugir. Uns conseguiram, mas a maioria foi presa. O evento terminou naquele dia mesmo. Somente uns poucos escritores voltaram no domingo para terminar suas pinturas.

Na seqüência o evento teve suas repercussões virtuais. Os atores trocaram muita informação pela internet, narrando os acontecimentos, emitindo suas opiniões. Enfim transformando o fato em história.

Interferência urbana, sociabilidade, trocas, habilidade técnica, práxis, vandalismo, interesses divergentes, tensão, conflitos, liberdade de ação, tolerância, autonomia, interferências externas, negociação, imprevisibilidade, registro dos acontecimentos, êxtase do grupo, ousadia, provocação, repreensão policial, dispersão, aplicação da lei, repercussões virtuais, construção de narrativas, diferenças de opiniões e liberdade de expressão. Estas são algumas características que pode observar neste evento conflituoso. Estas são algumas das características que compõem o universo da escrita urbana e constroem a identidade de seus atores.

•

Assim podemos ver o universo da escrita urbana resumida da seguinte forma:

O grafite é uma manifestação urbana que atinge a todos os indivíduos da cidade.

O grafite interfere no espaço visual e invade propriedades. Ele se apropria dos espaços urbanos. É uma manifestação que se baseia em uma determinada prática, a ação da escrita urbana, para consolidar-se. Os atores sociais que se envolvem com o grafite têm em suas ações as condicionantes principais para a construção de uma identidade. A integração de um indivíduo ao grupo que, não prioriza fatores como: gênero, faixa etária, escolaridade, etnia, ou territorialidade. Estes fatores são combinados de diversas maneiras não resultando em uma condição primordial para se entender o grafite. Alguns destes fatores são fundamentais para a aproximação e envolvimento inicial, mas não determinam a permanência de um indivíduo dentro do grupo. Ficando a ação, a prática e o resultado desta ação como forma de manutenção do indivíduo no grupo.

A escrita urbana traz uma ambivalência na medida em que tem repercussões positivas e negativas.

O grafite envolve os jovens por apresentar um conjunto de aspectos que atrai e conquista seus integrantes, sejam eles: vocabulário, desenvolvimento de habilidades específicas, vestuário, práticas coletivas, nomeação, reconhecimento, emoção, ídolos, histórias, competições, narrativas, afinidades e rivalidades. Também oferece oportunidades e objetivos a seus atores. Crescimento pessoal, artística e social.

O contato e o envolvimento com o grafite se dá pela articulação de percepções globais e locais. O grafite é uma manifestação que, primeiramente, chega através de redes globais de comunicação e se concretiza localmente nos muros da cidade. É assim que ele possibilita, que atores sociais se envolvam com um fenômeno global através de sua atuação local. Também aqui observamos uma articulação entre o real e o virtual, na virtualidade que chega pelos meios de comunicação à realidade do envolvimento quando companheiros de bairro saem pelas ruas para interferir na cidade, “atacar” e “bombardear”, ou seja pintar muros e trens.

Esta articulação (global/local – real/virtual), deve ser conquistada pelos atores interessados no grafite, exige uma postura dinâmica e ativa de seus integrantes. Não existe um núcleo organizador, uma entidade centralizadora, ou lideranças fixas, o envolvimento ocorre primeiramente por uma atração pelos símbolos do grafite e posteriormente na procura por outros indivíduos que conheçam melhor o movimento e possam articular o envolvimento dos novatos. O grafite não é uma instituição/organização formalizada, não tem regras declaradas, suas regras são tácitas e devem ser compreendidas por quem quer integrar-se. Já seus bens de consumo, como revistas e vestuário, podem ser adquiridos por muitos. No entanto, o grafite exige uma postura ativa de seus atores para concretizar o pertencimento destes atores.

Existe no grafite um momento de especial interesse. O momento da ação, da realização da pintura, do “ataque”. As saídas para grafitar são conhecidas como **rolês**: nestes momentos, todo o composto virtual/global - de imaginação, dos projetos, das expectativas - tornam-se reais/locais e concretizam o pertencimento do ator social ao grupo. E esta atuação deve ser continuada, a manutenção do nome, do *status*, deste ator depende de sua constante ação e intervenção na cidade. Estes rolês alimentam o grafite e seus integrantes ganham fama e credibilidade dentro do grupo por estarem ativos e visíveis. Estas saídas (rolês) são aventuras repletas de emoções, pois o grafite é algo ilegal, e estas ações podem ser combatidas, criando uma emoção especialmente forte gerada pela motivação de realizar o proibido. Estes rolês são posteriormente compartilhados pelo grupo na medida que viram histórias que vão ser narradas a outros colegas. Por ser o momento da realização das pinturas, o rolê deixa rastros dos grafiteiros pela cidade, deixa os desenhos testemunhos da passagem dos escritores urbanos por todos os pontos da cidade. Durante o rolê estes atores registram suas pinturas através de fotografias. Estes registros posteriormente são distribuídos através de revistas e *sites*, realimentando o universo virtual do grafite. Após o rolê ficam nos muros da cidade os desenhos - a expressão de um grupo que quer aparecer e se fazer visível, ainda que, por tempo indeterminado.

Sobre os **desenhos** algumas considerações também são importantes. Normalmente os conteúdos do grafite não trazem mensagens claras e bem definidas, são como códigos de interpretação restrita. O grafite contemporâneo não visa mensagens ideológicas, ele se apresenta através de cores e letras ilegíveis, que marcam as assinaturas dos escritores urbanos. Por este ponto de vista, surge a idéia do grafite ser uma manifestação **política** através de sua ação e não por seus conteúdos e mensagens veiculadas. O grafite é algo que tem seus conteúdos voltados para si mesmo, e tem em seu suporte a interação com o contexto maior da cidade. Ele interfere por usar espaços

“que não lhe pertence” e não por apresentar mensagens substantivas. O grafite incomoda por intervir em propriedades alheias sem permissão. Ele força sua presença.

Os grafiteiros não “pagam” para espalhar seus desenhos pela cidade, mas também não “recebem” por isto. É uma atividade que lida com as trocas econômicas de forma diferente do padrão comercial com que se costuma tratar atividades como a comunicação visual e a publicidade, nem tampouco são remunerados como artistas plásticos e *designers*.

Ao integrar o grafite o ator social adota um nome, uma assinatura (*tag*), associa-se a um grupo (*crew*), compartilha códigos, tem projetos e objetivos, enfim, adquire um repertório simbólico específico e compartilhado.

Esta dissertação buscou observar e registrar os inúmeros fatos sociais que criam a identidade desde determinado grupo que pratica o grafite na cidade de Curitiba.

O grafite se insere na cadeia de trocas do capital simbólico de forma particular na medida em que consome e divulga a virtualidade de sua obra e não a obra em si. Ou seja, o grafite propriamente dito é fugaz, vulnerável e gratuito. Suas representações, por outro lado, são trocadas, distribuídas e consumidas. A identidade dos atores sociais que fazem o grafite existir é fruto de uma articulação entre o real e o virtual. Para pertencerem ao movimento estes atores devem realizar pinturas, para serem reconhecidos devem narrar e divulgar seus feitos. A realidade é somente um meio pelo qual é articulada a virtualidade que projeta a atividade em uma escala planetária. Para os jovens urbanos surge como uma possibilidade de integrar uma grande rede através de ações a seu alcance, como por exemplo, sair de casa com latas de tinta e marcar os espaços públicos com suas assinaturas e depois fotografá-las para ingressar no universo virtual do movimento.

A identidade do escritor urbano se dá na articulação com um mercado de bens de consumo específico. Nas representações que estes atores fazem de seu ambiente social através de um sistema de trocas simbólicas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ADORNO, Theodor. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 127p. (Coleção: Leitura n.51).
- ARANTES, Antonio A. (org.) O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. 304p.
- AZZAN JR., Celso. Antropologia e interpretação: explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz. Campinas/SP: Editora Unicamp, 1993. 186p. (Coleção: Repertórios)
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. in POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1998. (187-250p.) (Coleção: Biblioteca básica).
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 395p. (Coleção: Humanitas)
- CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 4ªEd. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. 290p.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 3ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 385p.
- CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 2ed. São Paulo: Nobel, 1997 [1993]. 262p.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (orgs.) Representações: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000. 288p. (Coleção: Textos do tempo)
- CELANT, Germano (Editor). Keith Haring. Prestel,1997. 212p.
- CHARTA. Basquiat. Milano: Edizioni Charta, 2001. 205p.
- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999. 256p.
- CLIFFORD, James. Culturas viajantes. in ARANTES, Antonio A. (org.) O espaço da diferença.Campinas: Papirus, 2000 [1992]. p. 50-79.
- DIEGO, Jesús de. La estética del graffiti en la sociodinámica del espacio urbano: orientaciones para un estudio de las culturas urbanas en fin de siglo. Universidade de Zaragoza. 1999.
- DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. in CARDOSO, Ruth C. L. (org.), A aventura antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.17-37.
- FEATHERSTONE, Mike. A flâneur, a cidade e a vida pública virtual. In ARANTES, Antonio A. (org.) O espaço da diferença.Campinas: Papirus, 2000 [1996]. p. 197-207.
- FENIANOS, Eduardo. Almanaque Kur'yt'yba. Curitiba, Univer Cidade, 1999. 160p.

- FUNARI, Pedro Paulo. Cultura popular na antiguidade clássica: grafites e arte; erotismo, sensualidade e amor; poesia e cultura. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1996 [1989]. 80p. (Coleção: Repensando a história)
- GITAHY, Celso. O que é graffiti. São Paulo: Brasiliense, 1999. 83p. (Coleção: Primeiros Passos)
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 7ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 [1992].102p.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989 [1973]. 323p. (Coleção: Antropologia Social)
- GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 4ed. 366p.
- LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Ed.34, 1996. 160p. (Coleção: Trans)
- LOURENÇO, Mariane Lomos. Cultura, arte, política & o movimento hip hop. Curitiba: Chain, 2002. 195p.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. 244p. (Coleção: Ensaio e teoria).
- MAGNANI, José Guilherme Cantor, TORRES, Lillian de Lucca. (org.) Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2000. 318p.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In MAGNANI, José Guilherme Cantor, TORRES, Lillian de Lucca. (org.) Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2000. p. 12-53.
- MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. in Revista de Antropologia. N.34. São Paulo: USP, 1991. p.197-221.
- MAUSS, Marcel. Ensaio de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1999. (Coleção: Estudos).
- NAPOLITANO, Marcos. Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2001. 130 p. (Coleção: Repensando a história).
- PAZ, Octavio. O labirinto da solidão e post scriptum. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 261p. (Coleção: Clássicos da Latino-América)
- RAMOS, Célia Maria Antonacci. Grafite, pichação & cia. São Paulo: Annablume, 1994. 174p. (Coleção: Selo universidade. Arte; 20)
- RAVAZZANI, Carlos. Curitiba: capital ecológica. Curitiba: EDIBRAN, 1991, 132p.
- RUTHERFORD, Jonathan. O terceiro espaço: entrevista com Homi Bhabha. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Cidadania. n° 24., IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura, 1996. p.35-41.

SILVA, Armando. *Tatuagens urbanas como registro visual: do grafite ao ícone publicitário*. In SILVA, Armando. Imaginários urbanos. São Paulo: Perspectiva, 2001. (Coleção: Estudos). 247p.

VALENZUELA ARCE, José Manuel. Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. 184p.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999 [1981]. 149p.

JORNAIS:

SATO, Ana Karina. Por um mundo mais humano: Megalópolis vai mostrar perspectiva de futuro promissor. Gazeta do Povo, Caderno G: Entrevista, 11/08/2003.

REVISTAS:

DESTRÓI n.09. Curitiba: Independente.

FIZ n.05. São Paulo: Independente.

GRAFFITI n.09. (A revista Graffiti é uma edição especial da revista RAP Brasil) São Paulo: Editora Escala.

SITES:

72diesel: www.72diesel.com.br

An Anti-Graffiti Web Page: The internet voice for the graffiti victim.
<http://www.dougweb.com/pgraf.html>

Art Crimes: The writing on the wall. <http://www.graffiti.org/>

::cwbgraff:: <http://www.cwbgraff.hpg.ig.com.br/>

Escrita Urbana. <http://orbita.starmedia.com/~escritaurbana/index2.htm> (este site já foi hospedado em diferentes provedores)

Lixo contínuo. www.lixocontinuo.hpg.com.br

Lost Art. <http://www.lost.art.br/graff.htm> (Os gêmeos)

Profissionais do Spray – Onesto.
<http://www.profissionaisdospray.hpg.ig.com.br/grafiteiros/onesto/onesto.htm>

Sonic. <http://www.theartwheredreamcometrue.com>

THC – The High Capacity. <http://www.highcapacity.hpg.ig.com.br/index.htm> (Ments)

Urban Discipline: graffiti-art ausstellung. <http://www.urbandiscipline.de/>

Xerox. <http://www.xerox.hpg.ig.com.br/index.htm#> (Cimplis)

www.desmascarandootariosdecuritiba.hpg.ig.com.br

www.grupoctba.hpg.com.br

VÍDEOS:

A invasão, 1998. Onesto.

A invasão 2, 2001. Onesto.

Beat Street, 1984. Harry Belafonte e David Picker.

O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas.

ANEXO

Transcrição de *sites* de grafite que trazem um glossário de termos utilizados no vocabulário da escrita urbana.

Utilizando termos específicos do grafite, podemos fazer a seguinte classificação:

- 1) Peças legais, chamadas de *pieces*, produções e *sketches*.
- 2) Peças ilegais, chamadas de *bombs*, veículos, *tags* e *actions*.

Cada termo tem suas peculiaridades.

- *Peaces* são peças feitas por um só *writer* em locais autorizados (associações, escolas e murais);
- Produções são peças coletivas feita por vários *writers* também em locais autorizados;
- *Sketches* são os estudos realizados em papel;
- *Bombs* também chamadas de *throw-up* ou vômitos são peças individuais mas feitas sem autorização;
- Veículos são grafites não autorizado em ônibus, trens...;
- *Tags* são as assinaturas dos *writers*.

A pós esta rápida explanação sobre os principais termos, apresentaremos um glossário transcrito tal e qual o encontramos na internet e como podemos observar merece uma atenção mais detalhada.

Glossário do <i>site</i> aeroarte:	Dicionário do <i>site</i> escrita urbana:
<p>NO GRAFFITI:</p> <p>TAG - Assinatura</p> <p>CREW - Grupo de grafiteiros ou bboys</p> <p>BOMB, TROW-UP, VÔMITO - Desenho/letra feito rapidamente geralmente com duas cores. As letras gordas são conhecidas como bubble letters.</p> <p>SKETCH - Esboço, desenho no papel.</p> <p>CHARACTER, BONECO - Desenhos de pessoas, personagens, animais etc..</p> <p>BLACK BOOK - O caderno em que o grafiteiro guarda seus sketches.</p> <p>OUTLINE - Contorno</p> <p>CAP, CABEÇA, BIRRO - O bico do spray, por onde sai a tinta.</p> <p>FAT CAP - Bico que solta um traço bem mais grosso.</p> <p>German Fats, NY Fats, Rusto, etc, São alguns tipos.</p> <p>SKINNY CAP - Tipo de bico de spray que solta o traço fino.</p> <p>MARCADOR, MARKER - Canetão, Pincel Atômico, etc..</p> <p>FLICKS - Fotos de graffiti.</p> <p>GRAFFITI - Tudo o que é escrito ou desenhado em qualquer superfície (propriedade pública ou privada). Existem várias formas de graffiti correspondendo cada qual a uma certa época, a uma certa sociedade e a um certo contexto cultural: desde as pinturas pré-históricas até ao aerosol art associado ao Hip Hop.</p> <p>HALL OF FAME / PRODUÇÕES - Parede inteiramente completa por grafites.</p> <p>FREE HAND / FREE STYLE - à mão livre, sem sketch.</p> <p>SILVER PIECE - grafite feito com tinta cromada.</p> <p>ALL CITY - quem grafita pela cidade inteira.</p> <p>END TO END - Vagão do trem pintado de uma ponta a outra.</p> <p>TOP TO BOTTOM - Vagão do trem pintado de cima a baixo.</p> <p>Whole Car - Vagão do trem completamente pintado.</p> <p>HOT SPOT - Lugar ibope.</p> <p>OLD SCHOOL - Velha escola, a geração que veio antes da sua.</p> <p>NEW SCHOOL - Nova escola. A geração de agora.</p> <p>WRITER - Grafiteiro.</p> <p>FRESH - Quem acabou de começar.</p> <p>BITER - Quem copia o estilo dos outros.</p> <p>PIECE, MURO, GRAFFITI - Graffiti colorido com letras estilizadas. Não necessariamente precisa ter mais de duas cores, mas quem conhece sabe diferenciar de um</p>	<p>WRITER - Grafiteiro , praticante da arte de graffiti, escritor urbano.</p> <p>ALL CITY - é considerado aquele que escreve por toda cidade, ou pelo país . Pode se referir a um writer individualmente ou uma crew. Além de escrever por tudo, tem que fazer todo o tipo de escrita (piece, bomb, tag) e em todo tipo de local (muro, trens...)</p> <p>TOY - Writer inexperiente ou que copia os graffiti dos outros. Uma definição antiga de "TOYS" eh "trouble on your system", ou seja, roubam seu esquema.</p> <p>TAGGER - Que não é Writer, quem nunca fez um piece... só fazem assinaturas. Pixadores também são chamados de "SCRIBBLERS".</p> <p>OLD SCHOOL - O início, o precusores do graffiti, quem inventou os estilos clássicos de graffitar.</p> <p>NEW SCHOOL - A nova escola, quem está atuando hoje em dia, aprimorando os conhecimentos passados pelos writers da velha escola.</p> <p>FRESH - representante da new school, NEW SCHOOLER.</p> <p>BITE - Aquele que copia o desenho ou até mesmo o estilo dos outros writers.</p> <p>FAME - Fama, alguns bons grafiteiros (old scool) merecem isso, como DONDI , PHASE 2 , DREAM (R.I.P) entre outros.</p> <p>PIECE - Graffiti feito por um writer, onde se usa mais de 3 cores.</p> <p>3D STYLE - tridimensional de letras bem complexo de ser feito. Criado por Phase 2, e atualmente é usado perfeitamente por Daim, Loomit, Delta, Joker entre outros.</p> <p>COMPUTER STYLE - O mesmo que 3-d style, chamado assim devido parecer com modelagen 3d feita em computador.</p> <p>TAG - O basico de graffiti , a assinatura do writer. Logotipo. Tags podem ser continuadas com prefixos "One", " Ski", " Rock", " Em" ou " Er". Geralmente são feitos com marcadores, mas também podem ser feitos com spray.</p> <p>TAG RETO - Chamada também de pixação. Tipo de assinatura, criada em Sao Paulo.</p> <p>TAGGING UP - Taguear algum lugar dificil, catar o lugar com tag. BOMB - Graffiti rápido ou ilegal, geralmente feito na noite. Pode ser feito nos lugares de dificil alcance pra se fazer um piece. BOMBER, quem faz o bomb. BOMBING - Sair pra fazer graffiti ilegal.</p> <p>STICKERS, ETIQUETAS - Forma de bombarder os</p>

<p>bomb, por exemplo. WILD STYLE - Graffiti com letras todas entrelaçadas, muitas vezes ilegíveis. 3D - Graffiti com letras tridimensionais. STICKERS - São adesivos com o tag ou algum desenho que pode ser colado em qualquer lugar. LAMBE-LAMBE - Propaganda, folhas grudadas com cola em postes, paredes etc..</p> <p>NA PICHANÇA:</p> <p>PIXO, SHARP, PIXE - Pichação. QUEBRAR - Pichar mais alto, lugar mais ibope etc... POINT - Local de encontro de pichadores. ESPIRRAR - Expulsar um integrante da crew ou do pixo. INTERRADO - Pichação feita acabando na parte mais baixa do muro. FOLHINHA - Escrever seu pixo em uma folha para outra pessoa. BEIRAL - Pixo feito no topo de algum prédio, casa, etc.. AGENDA - Muro já pixado por diversas pessoas. PÉ-NO-OMBRO - Pixo feito quando se é levantado por outro. CABO - Extensor para colocar o rolinho.</p> <p>EM GERAL:</p> <p>COLAR - Ir para algum lugar SAPÃO - Cata o muro todo, egoista STYLE - Legal, da hora PENTE-FINO - Dia da polícia na rua ENGOLIU - Pegou o muro inteiro X9, CAGUETE - Dedo-duro, quem fala de mais. BIXO-SOLTO - Malandro. PASSAR PANO - Vigiar, olhar, dar cobertura. ATROPELAR, ROLÉTAR - Pintar em cima. BAFO/TOY - Quem não manja nada. ROLÊ, CORRERIA - Sair pra pichar ou grafitar. RODAR, LOMBROU - Ser pego pela polícia. NA CARUDA - Na frente de todo mundo, de dia, etc.. LANÇAR - Pichar ou grafitar. IBOPE - Fama. HOMI, COXINHA, OS MEGA - Policial. JET - Spray. AZEDOU - Deu tudo errado. COMÉDIA - Cuzão, safado, vacila muito. MIOU - Não deu certo, já era.</p>	<p>lugares publicos, onde seria muito flagrante usar um marcador. Usa-se então adesivos que foram taggiados antes, que na maioria das vezes diz " Hello , my name is".</p> <p>THROW-UP - Vomito, estilo simples de letra, usado nos bombs. Geralmente feito em duas cores. GETTING UP - Fazer um bomb, catar um lugar. GOING OVER - Largar fora, fugir, correr da policia. BUBBLE LETTERS - Tipo , estilo de letras em forma de bolha. Trow up , vomito. Estilo criado por Phase 2. BACK TO BACK - Muro preenchido de ponta-a-ponta. Quando for um trens, chama-se WHOLECAR. WHOLE CAR - Um lado do trem pintado completamente. WHITE TRAINS - Trens brancos dos anos 80 em Nova York. INSIDES - Tagear, bombardear os trens, onibus etc. por dentro. WINDOW DOWN - Piece feito pela janela de um trem ou ônibus. BUFF - Termo usado quando se remove o piece ou bomb. Geralmente em trens, onde é possível limpar. BURN - refere se ao bom piece ou estilo original. CHARACTER - Boneco, desenho no qual se representa um ser vivo, podendo ser humano ou não, KARAK. FADE - Cores claras, ou que transitam transparencia. DOPE - Termo de <i>rap/hip-hop</i> que quer dizer "louco", "doido"... Dependendo do uso, dope quer dizer droga, drogado também. PIECEBOOK - O livro com sketches do writer. Tambem chamado de "blackbook" , "sketchbook" ou "writer's bible". OUTLINE - Desenho feito em piecebook, sketch. CAP - Bico do spray do qual depende o traço...pode ser fino (SKINNY) ou grosso (FAT). FAT - Linha grossa , feita com Fat Cap. MARKER - Marcador, pincel atomico. HOMEMADE - Caseiro , é relacionado aos marcadores ou videos. HOMEMADE INK - Tinta pra marcador feita em casa. GRIFFIN - Feltro, usado na construção de marcadores caseiros. FUNZINE - Uma mini revista de graffiti, sem fins lucrativos, apenas pra divulgar e divertir. O primeiro zine de graffiti foi o "International Graffiti Times" criado por Phase 2. FLICKS - Fotos. Tambem "flick" (singular) e "flix" (plural). KRYLON - Marca de spray, com logotipo de 5 circulos coloridos. Muito usado por writers pelo bom preço e quantidade de cores. RUSTOLEUM - Marca de spray. RACK - Roubar tinta ou marcadores. Como a tinta é muito cara alguns writers roubam os materiais para pintar.</p>
---	--